

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Centro de Artes
Programa de Pós-Graduação em Artes - Ensino e Percursos Poéticos



Trabalho de Conclusão de Curso

Teatro e Pedagogia do Oprimido na Formação de professores: um olhar a partir do Projeto Teatro do Oprimido na Comunidade

Marina Xavier Paes

Pelotas, 2019

Marina Xavier Paes

Teatro e Pedagogia do Oprimido na Formação de professores: um olhar a partir do Projeto Teatro do Oprimido na Comunidade

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Artes - Ensino e Percursos Poéticos.

Orientadora: Fabiane Tejada da Silveira

Pelotas, 2019

Marina Xavier Paes

Teatro e Pedagogia do Oprimido na Formação de professores: um olhar a partir do
Projeto Teatro do Oprimido na Comunidade

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado, como requisito parcial, para obtenção do
grau de Especialista em Artes, Centro de Artes, Universidade Federal de Pelotas.

Data da Defesa: 12 de março de 2019.

Banca examinadora:

Professora Doutora Fabiane Tejada da Silveira (Orientadora).
Doutora em Educação pela Universidade Federal de Pelotas - UFPel.

Professora Doutora Andrisa Kemel Zanella.
Doutora em Educação pela Universidade Federal de Pelotas - UFPel.

Professor Doutor Gustavo Angelo Dias.
Doutor em Música pela Universidade Federal de Campinas – UNICAMP.

Agradecimentos

A Deus pelo valor da vida e pela jornada que se apresenta.

Aos meus pais, Maria Givanna e Valter, pelos cuidados amorosos, tão fundamentais ao meu desenvolvimento como ser humano.

Aos meus irmãos Mário, Daniel e Ana Beatriz pelo incentivo aos estudos.

Aos amigos, por me olharem nos olhos e pelo apoio sempre solidário.

A todos que contribuíram direta ou indiretamente para a realização do presente trabalho.

Obrigada.

Resumo

PAES, Marina. **Teatro e Pedagogia do Oprimido na Formação de professores: um olhar a partir do Projeto Teatro do Oprimido na Comunidade**. 2019. Monografia (Especialização em Ensino e Percursos Poéticos) – Programa de Pós-Graduação em Artes. Centro de Arte, Universidade Federal de Pelotas - UFPel. Pelotas, 2019.

Com o presente trabalho me proponho a refletir como as práticas do projeto de extensão Teatro do Oprimido na Comunidade - TOCO podem contribuir para a formação de professores de teatro. O projeto TOCO existe desde 2010 e é vinculado à Universidade Federal de Pelotas – UFPel com o objetivo de estudar obras de Augusto Boal e Paulo Freire, levando o Teatro do Oprimido às comunidades através de oficinas e cenas-fórum. A perspectiva teórica deste estudo aponta diálogos entre Boal e Freire a respeito de nossa sociedade, da educação, e do potencial transformador que a arte pode exercer sobre a mente humana. Dentre os relatos trazidos no texto, o leitor encontrará experiências e falas de extensionistas do TOCO sobre o significado das vivências no grupo em sua formação. Também há relatos de vivências em atividades do arsenal do oprimido propostas pelos extensionistas em eventos, escolas, cursos de formação de professores e outros projetos de educação popular. O método de pesquisa é uma mescla entre a pesquisa-ação e a cartografia. A coleta de dados aconteceu através de entrevistas (com extensionistas e ex-extensionistas) e relatórios no diário de bordo da autora. Como resultado, a pesquisa leva a crer que, ao passar por experiências com o Teatro do Oprimido os estudantes podem desenvolver melhor preparo para, como professores, realizarem um trabalho engajado com a educação libertadora, que se conecta com as ideias de Freire. O trabalho também aponta a relevância que a dimensão afetiva assume nos processos desenvolvidos no TOCO.

Palavras chave: Formação de Professores; Projeto de Extensão; Teatro do Oprimido.

Abstract

PAES, Marina. Theatre and Pedagogy of the Oppressed in Teacher Training: a view from the Theatre of the Oppressed in the Community Project. 2019. Monograph (Specialisation in Teaching and Poetic Paths) - Postgraduate Program in Arts. Arts Centre, Federal University of Pelotas - UFPel. Pelotas, 2019.

The present work intends to reflect on how the applications of the Theatre of the Oppressed in the Community (TOIC) project can contribute to the formation of drama teachers. The TOIC project has been in existence since 2010 and is linked to the Federal University of Pelotas - UFPel with the objective of studying the works of Augusto Boal and Paulo Freire, bringing the Theatre of the Oppressed to communities through workshops and forum-scenes. The theoretical perspective of this study is based on dialogues between Boal and Freire regarding our society, education, and the transformative potential that art can exert on the human mind. Through the narratives contained in the text, the reader will find accounts and speeches of TOIC participants on the meaning of the group's experiences during their formation. There are also reports of experiences in the arsenal of the oppressed gained through activities proposed by the participants at events, schools, teacher training courses and other popular education projects. The research method is a mixture between active research and cartography. Data was collected through interviews (with current and previous participants) and reports in the author's logbook. As a result, the data leads us to believe that by participating in activities related to the Theatre of the Oppressed, students can better prepare themselves to, as teachers, carry out their work in a way that both engages with liberating education and connects with Freire's ideas. The work also highlights the importance that emotional development obtains within the processes developed by TOIC.

Key words: Teacher training; Extension project; Theatre of the Oppressed.

Lista de Figuras:

Figura 1 - TOCOminas e TOCOmanas em processo de criação de cena-fórum. . . .	52
Figura 2 - TOCOminas e TOCOmanos durante Oficínio do TOCO.	52
Figura 3 - Cartaz de divulgação do Oficínio do TOCO.	53
Figura 4 - TOCOminas e TOCOmanos em finalização de 2018.	72

Sumário

Introdução.	9
1 BOAL E FREIRE – A CRÍTICA DE NOSSA SOCIEDADE	13
1.1 Da ética do mercado à ética universal dos seres humanos.	16
1.2 Os neurônios estéticos e a Invasão dos cérebros.	24
2 “O ATO DE TRANSFORMAR É TRANSFORMADOR”.	30
2.1 Diálogo Autêntico – Na escola e na vida	36
3 UM OLHAR SOBRE O TEATRO DO OPRIMIDO NA COMUNIDADE – TOCO.	43
3.1 TOCOminas, TOCOmanos e suas falas.	45
3.2 Algumas experiências em comunidade.	53
3.3 Colégio Santa Rita.	58
3.4 O TOCO e a dimensão afetiva.	64
3.5 O TOCO e seus frutos já maduros: conversas com exTOCOminas.	73
4. Reflexões e considerações finais.	77
- Referências Bibliográficas.	81
- Anexos.	82

Introdução

A presente monografia se propõe a refletir sobre como o estudo e a prática do Teatro do Oprimido (BOAL) e também da Pedagogia do Oprimido (FREIRE) podem reverberar no processo de formação de professores de teatro. A pesquisa se deu a partir do trabalho do Grupo Teatro do Oprimido na Comunidade – TOCO, que é um projeto de extensão vinculado à Universidade Federal de Pelotas, UFPel.

Estudar e por em prática as teorias de Augusto Boal e Paulo Freire é o objetivo do projeto de extensão Teatro do Oprimido na Comunidade - TOCO, que existe desde 2010 no Centro de Artes da UFPel com a maioria dos integrantes sendo estudantes do curso de Teatro Licenciatura da UFPel. Os encontros e ações deste grupo, bem como os casos de seus participantes foram o campo no qual a presente pesquisa colheu material para refletir melhor acerca do tema.

O Teatro do Oprimido é um arsenal de técnicas teatrais, direcionadas a atores e não atores, que foi sistematizado por Augusto Boal no período da ditadura militar brasileira. O objetivo dessa poética é tratar de situações de opressão que acontecem na sociedade criando um ambiente propício para que os oprimidos busquem juntos, através do teatro, caminhos possíveis para solucionar os problemas apresentados e, com isso, neutralizar os opressores.

Essa perspectiva nos leva direto à dualidade oprimido x opressor nas relações sociais. O que argumenta Boal é que essa separação é construída no seio da própria sociedade que direciona os indivíduos partindo da ideia de que ou o sujeito é oprimido ou é opressor. Dessa forma, a única saída que se apresentaria ao oprimido para se libertar de sua condição é tornar-se, de alguma forma, também um opressor. Isso, no ponto de vista macro, constrói uma máquina social de opressão da qual todos se sentem impelidos a participar.

No entanto, o que o Teatro do Oprimido propõe é que esses dois papéis (oprimido, opressor) não são os únicos que podemos desempenhar em comunidade. Podemos atuar de forma a nos libertar de opressões sem que para isso seja necessária uma inversão de papéis. Nessa perspectiva, tanto o oprimido quanto o opressor, faces da mesma moeda (às vezes da mesma pessoa), precisam tomar consciência de seu lugar na engrenagem opressiva para, em seguida, buscarem uma forma de se destacar dela.

As ideias de Boal se relacionam declaradamente com as de seu contemporâneo Paulo Freire, criador da Pedagogia do Oprimido. Ambos falam sobre os problemas gerados pela segregação que uma classe de “privilegiados” infringe a uma classe de “desprivilegiados” que, através de suas carências são usados pela máquina opressora para gerar ainda mais privilégios aos já privilegiados. Essa segregação trabalha no sentido de desencadear, não apenas carências materiais mais, principalmente carências ideológicas. Vão se retirando do oprimido o acesso a ferramentas de leitura do mundo, reduzindo seus espaços de manifestação da própria cultura, apagando sua história (a fim de remontá-la na perspectiva do opressor) e, com isso, o oprimido perde sua voz e com ela se esvaem as possibilidades de mudança. Isso pode ser dito a partir da análise de que a transformação deste quadro desigual em direção à igualdade só acontecerá através da ação dos oprimidos, uma vez que o interesse dos opressores é que as coisas fiquem como estão e só caminhem no sentido de que se agravem ainda mais as desigualdades.

Diante disso, Boal e Freire são pesquisadores e fazedores que colocam em suas propostas antes de tudo um posicionamento político. Com isso, assumem que o teatro (no caso de Boal) e a educação (no caso de Freire) são ações políticas essencialmente. Ninguém é inocente: cada palavra, ação ou posicionamento traz consigo uma ideologia, ainda que ela esteja encoberta ou sublimada. Com isso, eles falam sobre um dever social que veríamos assumir com a mudança e nos apontam na ação política um caminho possível para a melhora:

As barreiras existem, mas elas não são pedagógicas e sim ideológicas. Isso é uma das expressões da ideologia dominante, na qual as classes populares são inferiores de nascimento, incompetentes de nascença. Isto é um absurdo, é ideologia mesmo. Não tem nada de científico, é fundamentalmente ideológico. [...]. Há uma responsabilidade ética, social, de nós todos, no sentido de tornar a nossa sociedade menos má. Eu costumo dizer que tornar o mundo menos feio é um dever de cada um de nós. Nem sempre este dever é percebido, e sobre tudo assumido. Se você me perguntar se essa é uma questão pedagógica ou política, eu diria que é política (FREIRE, 2013, p. 160).

Trazendo esses dois autores como bibliografias de sustentação para o presente trabalho e lançando um olhar para a formação de professores de teatro, tendo o grupo Teatro do Oprimido na Comunidade – TOCO como campo focal da pesquisa, lanço a pergunta: O que a reverberação das práticas do TOCO me revela sobre as potencialidades do Teatro do Oprimido na formação de professores de teatro engajados por uma educação libertadora?

O método escolhido para a realização da pesquisa foi uma mescla entre a pesquisa-ação e a cartografia. A pesquisa-ação é um método que possibilita ao pesquisador não apenas observar, mas também interferir, propor ações e mobilizar os participantes. Já a cartografia, em uma pesquisa qualitativa como essa que apresento, me desafia a desenvolver uma escrita processual, que comporte todo o tipo de fenômeno que foi se apresentando no decorrer da pesquisa.

Sou aluna participante do projeto de extensão Teatro do Oprimido na Comunidade – TOCO e dessa forma acompanho os encontros e práticas coletivas. Relatos foram colhidos para estudo através de entrevistas e conversas informais não apenas com os atuais participantes, mas também com pessoas que participaram no passado. Meus próprios relatos também foram utilizados no decorrer do estudo. Também pude realizar um vídeo intitulado “TOCO- Fragmentos de Debate”¹ com falas de alguns dos extensionistas sobre suas experiências com o projeto.

Após me formar em Artes Cênicas pela Universidade de Brasília – UnB, onde desenvolvi pesquisa sobre a Pedagogia do Espectador do brasileiro Flávio Desgranges, fui generosamente recebida pelo grupo TOCO em Pelotas para uma nova etapa de minha jornada como ser humano, artista e pesquisadora.

A partir da escrita de um panorama que aponta algumas maneiras com as quais a participação nas ações e estudos do projeto de extensão TOCO pode reverberar na formação de alunos do curso de Teatro Licenciatura da Universidade Federal de Pelotas, encontrei como resultado a ideia de que, ao passar por experiências com o Teatro do Oprimido os estudantes desenvolvem melhor preparo para, como professores, realizarem um trabalho engajado com a educação libertadora.

No primeiro capítulo é apresentada, através do olhar de Boal e Freire, uma análise teórica de nossa sociedade globalizada, pautada na ética do mercado. Ambos os autores sofreram influências do pensamento de Karl Marx.

Já o segundo capítulo, ainda com conteúdos teóricos, apresenta, na perspectiva de Boal e Freire, o potencial transformador do Teatro do Oprimido e da Educação Libertadora. A discussão se aprofunda no sentido de que vai se tornando

¹ O vídeo está disponível na internet pelo link: <https://www.youtube.com/watch?v=LzY30D64Whs> .

clara a necessidade de afinar o discurso e a prática do professor em um diálogo franco com os alunos.

No terceiro capítulo são apresentados os dados colhidos na “pesquisa de campo”. Então os diálogos se dão mais diretamente com as falas dos participantes e ex participantes do projeto de extensão TOCO e também de narrativas que faço através de meu diário de bordo. O último capítulo é uma reflexão final a respeito da pesquisa.

Os impactos da pesquisa poderão ser sentidos dentro e fora da universidade. Dentro da universidade, o presente trabalho pode visibilizar, frente à comunidade acadêmica, a importância do projeto de extensão Teatro do Oprimido na Comunidade, podendo resultar na expansão de recursos e espaços para que o trabalho cresça e se qualifique, acolhendo mais alunos e atendendo melhor as necessidades de comunidades fora da universidade.

Ainda dentro da academia, as reflexões geradas a partir dos problemas apresentados na pesquisa podem contribuir diretamente para o processo de aprendizado e engajamento daqueles que tomarem contato com a pesquisa, seja de forma prática ou através da posterior leitura da mesma.

Extrapolando esse território e expandindo para outras comunidades, podemos projetar que os alunos participantes do citado projeto de extensão realizarão um trabalho potencialmente transformador em suas salas de aula como professores, podendo despertar a curiosidade de seus alunos e contribuir para os processos de libertação dos mesmos.

Além disso, o presente trabalho pode fomentar o surgimento de outros projetos semelhantes ao TOCO em outras universidades, o que contribuiria não apenas para a difusão do Teatro do Oprimido e das ideias de Augusto Boal e Paulo Freire, mas também beneficiaria as comunidades que com tais projetos travassem contato.

O Teatro do Oprimido e seu arsenal estão organizados de forma a propiciar a multiplicação dos saberes, o que mostra que a tendência natural de trabalhos desse tipo seja o de reverberar tocando a vida de cada vez mais pessoas. As grandes transformações vêm com o coletivo.

1 - Boal e Freire – A crítica de nossa sociedade

O Teatro do Oprimido é um método criado pelo teatrólogo brasileiro Augusto Boal, que parte da ideia de que “todos os seres humanos são atores, porque agem, e espectadores, porque observam” (BOAL, 2008, pg. IX). Boal cunhou o termo *espect.-ator* para designar este conceito. Segundo ele, a real diferença entre os atores profissionais e os não atores é que os primeiros são conscientes da utilização da linguagem teatral e, assim, tornam-se mais aptos a usá-la no cotidiano. Já os não atores costumam ignorar a teatralidade de suas ações e com isso deixam de desfrutar da força que essa ferramenta pode emprestar a seus posicionamentos. No entanto, todos nós trazemos um potencial poético inerente à condição humana e, para Boal, destinar um significativo acesso à arte apenas a uma parcela pequena da população é mais uma estratégia opressora que o sistema social dominante utiliza para manter os populares oprimidos, mansos e em silêncio, como mostra o trecho a seguir:

A arte não deve continuar encerrada em museus, teatros e salas de concerto para visitas de fim de semana, pois é necessária em todas as atividades humanas, no trabalho, no estudo e no lazer. Não deve ser atributo de eleitos: é condição humana. Não é maquiagem na pele: é sangue que corre em nossas veias. [...] Arte é dever de cidadania! Arma de libertação! (BOAL, 2009b. Pg. 94).

A proposta do Teatro do Oprimido é proporcionar aos *espect-atores* experiências teatrais que os estimulem a ampliar sua relação com a linguagem sensível e colocarem-se no lugar de protagonistas de suas próprias histórias. Analisando as dinâmicas sociais vigentes como um constante jogo dual entre oprimidos e opressores e assumindo que esses papéis, hora se invertem hora se intensificam ou se dissolvem, Boal cria um arsenal de técnicas e jogos teatrais que tomam como temática as situações de opressão trazidas pelos próprios *espect.-atores*, de suas vivências e dilemas. O objetivo disso é que todos possam assistir o problema com um lúdico distanciamento, discutir em conjunto possíveis soluções para ele e assim, partir para a ação transformadora na cena e também no cotidiano.

Sobre isso, Helen Sarapecck, atriz e coordenadora do projeto Teatro do Oprimido nas Escolas², realizado no ano de 2009 em comunidades escolares relata:

Ali, dentro da escola, na realização dos exercícios da oficina, era possível sair da realidade dos problemas vivenciados dentro e fora dos muros da escola e revê-los de forma lúdica, através da representação teatral. Revendo-os era possível analisá-los de outro ângulo e com isso, pensar em alternativas para sair deles. Foi assim que as oficinas levantaram debates sobre violência doméstica, violência nas comunidades, opressão dentro da escola, racismo, preconceito social (SARAPECK, 2007, pg. 36).

Neste ponto, já fica claro que o Teatro do Oprimido se coloca como um fazer artístico naturalmente político e posicionado em favor da igualdade, em busca de transformação social. Não por acaso, as ideias de Boal se conectam com as do pedagogo Paulo Freire. Ambos pensam na educação e na cultura como ações potencialmente libertadoras para todos: professores, alunos e comunidade. Esses conceitos sacodem os pilares da hierarquia vigente e institucionalizada nas escolas, empresas, sistemas financeiros, sociais e familiares. Para Freire, a educação é um fenômeno político e, por isso, os professores precisam se posicionar com clareza sabendo a favor de quem estão trabalhando:

A gente precisa estar advertido da natureza política da educação. Quando eu digo natureza política da educação, eu quero salientar que a educação é um ato político. Por isso mesmo não há por que falar de um *caráter* ou de um *aspecto* político da educação, como se ela tivesse apenas um aspecto político, mas não fosse uma prática política. [...] Na verdade o educador é um político, é um artista, ele não é só um técnico, que se serve de técnicos, que se serve da ciência. E por isso mesmo que ele tem que ter uma opção, e essa opção é política, não é puramente pedagógica, porque não existe essa pedagogia pura (FREIRE, 2013, pg. 40 – 41, grifo do autor).

Seguindo raciocínio semelhante, Boal acredita na teatralidade humana como uma qualidade inseparável da política e que se manifesta constantemente através de nossas ações no mundo. Para ele,

“Todos nós, humanos, nos relacionamos com o mundo exterior em forma dual: atuando, produzindo transformações à nossa volta e, ao mesmo tempo, observando, recebendo informações pelos sentidos e pela razão. Somos atores e espectadores.” (BOAL, 2009a, p.127).

² “Este projeto foi realizado dentro do Programa Escola Aberta, do Ministério da Educação, em escolas de sete municípios do Estado do Rio de Janeiro, desenvolvendo a proposta da Estética do Oprimido, nova fronde da grande Árvore do TO. Nele promovemos trabalhos de Pintura, Escultura e Música associados às cenas de Teatro-Fórum.” (BOAL, 2006, Editorial da Revista METAXIS, sem página).

Partindo dessa ideia, as ações propostas pelo Teatro do Oprimido investem na possibilidade de que o ser humano possa observar a teatralidade presente nas dinâmicas sociais e assuma, então, seu protagonismo na cena e na vida, buscando ações transformadoras. Para exemplificar, em poucas palavras, como isso pode funcionar, trago a explicação de Boal a respeito do Teatro-Fórum, que é uma das técnicas do Teatro do Oprimido:

O Teatro-Fórum é diálogo por excelência. Apresenta-se uma cena, ou peça, onde existe um problema, mas não a solução. Repete-se o mesmo espetáculo até o momento em que um espectador interrompa a ação, substitua o personagem que não sabe resolver o seu caso e improvise as alternativas que tiver imaginado. Os outros autores, no palco ou na arena, são obrigados a improvisar respostas, em palavras e ações. (BOAL, 2009a, p. 15).

Freire também compreende essa dimensão estética nas comunicações humanas e, do ponto de vista da educação, chama a atenção para o fato de que quanto mais o professor se apropriar de sua dimensão teatral, melhor e mais fluida será sua comunicação em sala de aula. Em suas palavras:

Um educador é um pouco artista do palco; um educador se afirma enquanto aprende a se mover no palco como artista. Não quero dizer com isso que fiquemos diante de um espelho ensaiando a forma de mover as mãos... isso surge a cada momento. Mas o educador deve aprender esta dimensão de se mover com seu próprio corpo, de quase cantar enquanto fala. Quanto mais compreendermos isso, melhor poderemos nos comunicar. (FREIRE, 2013, p. 170)

O valor do diálogo para Freire reside no fato de que a prática educativa, em sua perspectiva, não se deve fazer com a ideia de que o professor transfere o conhecimento ao aluno, mas sim com a ideia de que ambos devem, dialogicamente, produzir o conhecimento. Para o autor:

[...] o bom professor é o que consegue, enquanto fala, trazer o aluno até a intimidade do *movimento* de seu pensamento. Sua aula é assim um desafio e não uma “cantiga de ninar”. Seus alunos *cansam*, não *dormem*. Cansam porque acompanham as idas e vindas de seu pensamento, surpreendem suas pausas, suas dúvidas, suas incertezas. (FREIRE, 1996, p. 86, grifo do autor).

Isso porque, para Freire, o trabalho do professor deve se realizar dentro da perspectiva de que a curiosidade do ser humano é combustível do processo educativo, logo, respeitá-la e defendê-la é um dever ético. Em suas palavras:

A curiosidade é a fonte fundamental do conhecimento: a curiosidade, no fundo, revela interesse e também usa interesses. Descobre, gera, eu acho

que é assim. Pra mim é um problema sério você não a defender, você não respeitar eticamente a curiosidade das pessoas (FREIRE, 2013, p. 106).

Nesse sentido, a livre curiosidade é compreendida por Freire como um direito do ser humano e, no território da educação, se o aluno não puder exercê-lo, se aproximará dos saberes estudados apenas através da memorização mecânica, não alcançando o aprendizado real (FREIRE, 1996, p. 85). Dessa forma, Freire diz que o professor, no lugar de temer as dúvidas deve estimulá-las, para a liberdade do aluno passa, aos poucos, transformar-se em autonomia:

A autoridade coerentemente democrática está convicta de que a disciplina verdadeira não existe na estagnação, no silêncio dos *silenciados*, mas no alvoroço dos *inquietaos*, na dúvida que instiga, na esperança que desperta. [...] Um esforço sempre presente à prática da autoridade coerentemente democrática é o que a torna quase escrava de um sonho fundamental: o de persuadir ou convencer a liberdade de que vá construindo consigo mesma, em si mesma com materiais que, embora vindos de fora de si, reelaborados por ela, a sua *autonomia*. (FREIRE, 1996, p. 93, grifo do autor).

Para que seja possível a formação desse ser humano livre e autônomo dentro e fora do contexto escolar, é necessário que se pergunte: livre do quê? A partir dessa provocação, apresento a seguir uma visão dos parâmetros éticos de nossa sociedade dialogando com Boal e Freire.

1.1 - Da ética do mercado à ética universal dos seres humanos

O posicionamento político de Freire e também de Boal passa por um olhar crítico ao mundo capitalista e globalizado no qual nossa sociedade está agora instalada. “Eu seria globalmente a favor da globalização se o seu objetivo fosse a saúde, a educação e a ciência. Mas o que se globaliza é a busca do lucro, é a Bolsa.” (Boal, 2009a, p. 84). A crítica segue no sentido de que a ética que o mercado impõe visando o lucro de uns sobre outros gera desigualdades e é contrária à ética que, para Freire, é a universal do ser humano, ou seja, aquela que busca contribuir para o bem do coletivo. Sobre isso, Freire diz:

O discurso da globalização que fala da ética esconde, porém, que a sua é a ética do mercado e não a ética universal do ser humano, pela qual devemos lutar bravamente e optarmos, na verdade, por um mundo de gente. O discurso da globalização astutamente oculta ou nela busca penumbar a reedição intensificada ao máximo mesmo que modificada, da medonha malvadez com que o capitalismo aparece na história. O discurso ideológico da globalização procura disfarçar que ela vem robustecendo a riqueza de uns poucos e verticalizando a pobreza e a miséria de milhões. O sistema capitalista alcança no neoliberalismo globalizante o máximo de eficácia de sua malvadez intrínseca. (FREIRE, 1996, p.127-128)

Essa malvadez com a qual Freire aponta que o capitalismo aparece na história é também apontada por Boal. Para ele, inclusive, a globalização é apenas uma nova palavra que os novos tempos encontraram para designar algo que já existe há muito mais tempo: o domínio de uma nação sobre a outra. Ao lembrar-se das violentas práticas políticas de antigos imperadores ele afirma: “Não se diga, pois, que globalizar é moderno: A voracidade humana sempre existiu, e hoje campeia. A hipocrisia é o manto diáfano que esconde a nudez canibalesca da globalização.” (BOAL, 2009a, p. 83). Na busca por revelar algumas engrenagens com as quais esse canibalismo se movimenta hoje na direção de interesses econômicos, Boal denuncia:

“Quando se invadiu o Iraque por ter ocupado poços de petróleo do Kuwait – o que fez dobrar o preço do barril [de petróleo]! – invocou-se o sagrado dever de Ingerência Humanitária: bombardeou-se Sadam... e o barril baixou o preço. Este mesmo humanitário dever de ingerência é esquecido em SierraLeona, onde cortar braços e pernas de prisioneiros políticos, mesmo crianças é rotina; Em Ruanda e na Eritréia, onde tratores empurram para a cova rasa cadáveres putrefatos, amontoados.” (BOAL, 2009, p. 83 e 84).

Os preços do barril de petróleo, observados por Boal no trecho acima, são parafusos na engrenagem da especulação financeira. Boal nos explica que o comércio sempre existiu para a humanidade como forma de troca. Primeiro, se trocava aquilo que se tinha em excesso (produtos ou serviços) pelo que se estivesse necessitando no momento. A utilização do dinheiro em transações comerciais deveria ter vindo apenas para facilitar essa troca, “eu troco a coisa que tenho não por qualquer outra coisa, mas por esta coisa chamada *dinheiro*, coisa que não serve para nada a não ser para ser trocada por todas as coisas que servem para alguma coisa.” (Boal, 2009a, p. 109, grifo do autor). Nesse sentido, o dinheiro deveria apresentar um valor equivalente ao valor das coisas que com ele posso comprar. No entanto, esses valores foram se tornando cada vez mais abstratos á medida que a economia globalizada servia á especulação financeira em benefício dos poderosos. Boal fala sobre a crueldade movimentada por essa máquina:

Os economistas pragmáticos não pensam que os números possam se referir a homens e mulheres com suas trêmulas bocas abertas, aos quais podem trazer a felicidade ou a morte. Ignorando o ser humano, sacrificam parte da humanidade – a maior parte – aos lucros necessários para que sua matemática seja boa, as contas batam e os balanços fechem (BOAL, 2009a, p.107)

Boal diz que tais economistas dividem a humanidade em três: a humanidade dona do mercado, ou seja, eles mesmos; a humanidade inserida no mercado,

aquela que trabalha e consome; e a humanidade descartável, que é aquela que não possui poder aquisitivo (BOAL, 2009a, p. 108). Mas, para a construção de uma ética universal dos seres humanos, como Freire propõe, é necessário que se compreenda que somos todos filhos de uma única humanidade, logo, somos todos responsáveis pela nossa. Para Boal, essa sim seria de fato uma evolução para nossa espécie ainda que estejamos longe disso:

O ser humano ainda não se humanizou e vive pendurado pelo rabo, saltando de galho em galho; ainda não se rege pela Moral. Vivemos épocas neandertalianas, só porque aprendemos a dar nó em gravatas, pensamos que já somos Homo Sapiens, e pior – que pretensão! – Sapiens Sapiens! (BOAL, 2009a, p. 85).

Ainda assim, essa evolução é possível e não depende de misteriosos fatores biológicos e sim de que incorporemos à nossa consciência ética coletiva a ideia de fraternidade. Sobre isso, o filósofo da educação Mário Cortella defende que o ser humano é um animal gregário, uma espécie que necessita do outro para que sua sobrevivência seja possível. Partindo disso, ele busca mostrar que o contato com o outro e o zelo com o coletivo são fatores essenciais para vida e por isso a sabedoria de agregar-se deve ser transmitida de humano para humano.

A ética não é apenas a zeladoria daquilo que está estabelecido, mas a construção conjunta das condições para aquilo que desejamos, porque, podendo ser, deve ser. [...] Como sabemos que pode ser uma vida coletivamente zelada? Porque nós temos ferramentas, arsenal tecnológico, intelectual e cognitivo, que já permitem condições de um zelo coletivo, no qual não haja segregação, seja na convivência, seja no acesso a recursos materiais. Portanto, só não temos abundância para todos e todas porque não queremos. Isso tem até base estatística. O número de recursos disponíveis para o conjunto da humanidade, se houvesse partilha, seria sobrando. Nós temos uma escassez de alimentos, de água, mas ela é localizada (CORTELLA, 2015, p. 29).

Se, como aponta Cortella, não nos faltam recursos, então o que tem nos faltado como humanidade é a consciência ética da utilização desses recursos para o bem de todos e todas. Os avanços tecnológicos que a humanidade alcança devem estar a serviço dos humanos e não a serviço dos que, desumanamente, os sacrificam, como comenta Freire:

Não se trata, acrescentemos, de inibir a pesquisa e frear os avanços mas de pô-los a serviço dos seres humanos. A aplicação de avanços tecnológicos com o sacrifício de milhares de pessoas é um exemplo a mais de quanto podemos ser transgressores da ética universal do ser humano e o fazemos em favor de uma ética pequena, a do mercado, a do lucro. (FREIRE, 1996 p.131)

Tanto Cortella, quanto Freire e Boal se utilizam do pensamento de Marx (1818 – 1883) para nutrir as ideias acima apresentadas. Trazendo conceitos Marxistas, Cortella menciona os dois reinos possíveis: o da necessidade e o da liberdade. O ser humano que ainda não está livre do julgo da necessidade (ou seja, não vive uma vida abundante) está fora do reino da liberdade.

O sonho ético de Karl Marx era que, coletivamente, com tudo o que temos como capacidade humana, com a tecnologia existente no século XIX, usando máquinas, como se diria na época, ficaríamos todos livres do reino da necessidade e iríamos para o reino da liberdade. (CORTELLA,2015, p.12).

É a partir deste sonho ético, cujo horizonte é que todos os seres humanos vivam o reino da liberdade, que se desenvolvem as propostas da Pedagogia do Oprimido de Freire e do Teatro do Oprimido de Boal. Ambos estão engajados na luta por uma ética verdadeiramente igualitária, como comenta Freire:

A ética de que falo é a que se sabe afrontada na manifestação discriminatória de raça, de gênero, de classe. É por esta ética inseparável da prática educativa, não importa se trabalhamos com crianças, jovens ou adultos, que devemos lutar. E a melhor maneira de por ela lutar é vivê-la em nossa prática, é testemunhá-la, vivaz, aos educandos em nossas relações com eles (FREIRE, 1996, p. 16).

Os artistas/educadores que decidem acolher as propostas desses dois autores se comprometem com a tarefa de estarem atentos às questões estruturais do sistema social vigente e trabalhar para que as mesmas se desvelem aos olhos da comunidade. Isso porque, consciente dos artifícios utilizados pelos opressores para manipular os oprimidos, os seres humanos se tornam cada vez menos manipuláveis ou, nas palavras de Freire, “(...) ao nos perceber seres condicionados, nos tornamos capazes também de ir além do condicionamento.” (FREIRE, 2013, 303).

Agora, concentrando o debate no território da educação, é importante observarmos que tipo de papel os sistemas educacionais implantados na nossa sociedade pretendem desempenhar. O antropólogo, pesquisador da Educação Popular, Carlos Brandão diz sobre a educação em sociedades regidas pela desigualdade:

No interior de uma sociedade que divide o trabalho e o poder, e que faz de tal divisão, a condição de sua ordem e a base de outras tantas divisões, o sistema de educação escolar acompanha, ao lado de outros, processos e práticas sociais de reprodução, controle e manipulação da própria desigualdade.(BRANDÃO, 2012, p. 43).

Com isso, Brandão quer nos dizer que nosso sistema educacional implantado hoje serve para controlar os oprimidos. Ele explica que os sistemas educacionais empurram os educadores a pensar suas práticas dentro de domínios muito restritos, não havendo espaço pra ver a educação em seu contexto cotidiano, no interior de seu domicílio primordial: a cultura. Diante disso, o autor traz uma perspectiva positiva e esperançosa sobre o potencial transformador do saber, afirmando que se são as palavras ditas e escritas que consagram a opressão, é também através de palavras articuladas coletivamente que o homem um dia se libertará (BRANDÃO, 2012, p. 16).

Assumindo que o conhecimento está, para nós, ligado ao poder da palavra, ele diz que o direito de falar e de ser ouvido está colocado como um privilégio, algo relativo ao líder, de forma que aos outros cabe apenas ouvir e repetir. A partir daí ele passa a questionar se essa fala de um sobre os outros é de fato legítima, já que, quando a palavra de poucos ordena seu desejo sobre o trabalho de muitos, esses poucos organizam a sociedade de modo que o poder está separado do trabalho produtivo e da vida coletiva. Ou seja, a palavra (conhecimento), quando usada nesses moldes, pode se tornar uma arma de controle para a manutenção de uma vida social pautada na desigualdade. (BRANDÃO, 2012). Puxando historicamente para o surgimento da escrita, o autor levanta a tese de que a função primária da publicação escrita foi a de facilitar a servidão, favorecer a exploração dos homens antes de sua iluminação, já que o conhecimento passa a estar para aqueles que o possam ler. Em suas palavras:

Por que a palavra é um ato de poder, o que equivale afirmar que ela não é apenas um entre os seus outros símbolos, mas o seu exercício. O direito de falar e ser ouvido é o ofício do senhor. Os súditos calam ou repetem a palavra que ouvem, fazendo seu o mundo do outro. [...] Palavras que ordenam a vontade de poucos sobre o trabalho de muitos, são as que criam os nomes de todas as coisas na sociedade onde o poder existe separado do trabalho produtivo, tanto quanto da vida simbólica produtiva. (BRANDÃO, 2012, p. 8).

Mas então, a título de comparação, como seria vista a questão do conhecimento e da palavra em sociedades mais igualitárias? Brandão traz como exemplo algumas aldeias indígenas do Brasil, onde a pessoa que é resignada pra falar a todos não tem direito de falar ou impor a sua própria vontade e sim tem o dever de falar aquilo que esteja de acordo com o pensamento coletivo. Ou seja, a vontade do chefe só é sua porque é, antes e também, a vontade de todos. Isso

implica no fato de que as palavras utilizadas pelo chefe da tribo em rituais, em volta das fogueiras ou em qualquer evento são conhecidas de todos, e não envoltas por uma neblina de mistérios ocultos. “Isto porque a sociedade tribal é o lugar social da recusa de um poder separado, pelo fato de que ela é, no seu todo, o lugar do poder” (BRANDÃO, 2012, p. 11 - 12).

Para Brandão, o saber e a palavra aqui na América Latina são repartidos de forma aparentemente livre, como se todas as pessoas pudessem saber a respeito de tudo e dizer todo tipo de coisa, mas, na verdade, “apenas poucas pessoas de fato alcançam e possuem níveis de saber de que equivalem ao poder do controle dos direitos de falar e saber de todos os outros.” (BRANDÃO, 2012, p. 13). Dentro dessa perspectiva, a escola se configura muito mais como um lugar de expropriação do poder comunitário do que de multiplicação de saberes, como o autor explica:

Com graus muito variáveis de separação da vida comunitária do cotidiano das “gentes comuns”, aquilo a que damos o nome de educação foi aos poucos sendo constituído como um sistema de trocas agenciadas de frações restritas de saber, através do ofício profissional de especialista em saber e ensinar a saber. [...] Assim, a educação como prática em si mesma e a escola como lugar físico do seu exercício representam um desdobramento do processo de expropriação do poder comunitário sobre a totalidade do saber necessário (BRANDÃO, 2012, p. 32).

O que Brandão nos diz sobre o ensino praticado em nossas escolas (sobre tudo as mantidas pelo governo) é que este é direcionado à formação de cidadãos que devem ser educados apenas até o ponto necessário para que possam servir subalternamente ao sistema. Ele afirma que essa educação “não é precária e compensatória porque lhe faltam recursos: mas, porque precisa ser apenas precária e compensatória, vive de não ter recursos. Não nos iludamos, a sua falta é a sua suficiência” (BRANDÃO, 2012p. 84 - 85). Para o autor, é através desse tipo de estratégia que o trabalho vai sendo dissociado do poder em nossa sociedade desigual. O proletariado, para que se submeta ao mercado explorador, é formado pelo fracasso escolar, como explica Brandão:

Fracassados escolares de um ensino que, de uma determinada “faixa salarial familiar” para baixo, funciona justamente através de fazer crianças e adolescentes trabalhadores passarem pela escola sem haverem nunca passado pela educação escolar, para que o seu trabalho adulto, subalterno, seja o de quem aprendeu sem tempo de tirar do saber do estudo o proveito que torne dignos o trabalho e a vida. (BRANDÃO, 2012, p. 52)

Esse é um processo que pretende não apenas lesar o ser humano do ponto de vista de sua potencialidade intelectual, mas também ferir sua auto-estima, fazendo-o sentir-se culpado por um fracasso que foi fabricado para ele. Nas palavras de Freire:

É importante ter sempre claro que faz parte do poder ideológico dominante a inculcação nos dominados da responsabilidade por sua situação. Daí a culpa que sentem eles, em determinado momento de suas relações com o seu contexto e com as classes dominantes por se acharem nesta ou naquela situação desvantajosa. (FREIRE, 1996, p.83)

A implantação dessa culpa, assim como o enfraquecimento dessa auto-estima passam, também, por um processo de desvalorização da cultura popular dos dominados para que eles percam o orgulho e o interesse por seus saberes e fazeres tradicionais que, dessa forma, vão se perdendo no tempo. Ou seja, o poder ideológico dominante trabalha para que o oprimido se desconecte de sua identidade cultura, como afirma Freire:

Uma das características fundamentais do processo de dominação colonialista ou de classe, sexo, tudo misturado, é a necessidade que o dominador tem de invadir culturalmente o dominado. [...] O que a invasão cultural pretende, entre outras coisas, é exatamente a destruição, o que felizmente não consegue em termos concretos. É fundamental ao dominador: triturar a identidade cultural do dominado. (FREIRE, 2013, p. 28).

Alinhado com o pensamento de Brandão apresentado anteriormente, Freire nos apresenta dois exemplos claros de que tipo de estratégia o sistema educacional brasileiro utiliza a serviço do poder ideológico dominante para, através da utilização da linguagem roubar-nos de nossa própria história e cultura:

Quantos índios a gente tem no Brasil? Talvez 200 mil, no total? Quantos havia quando o Brasil foi conquistado? Não digo que o Brasil foi “descoberto”; dizer isso é um método do colonizador. Se vocês fizerem uma pesquisa hoje pelo Brasil a fora, inclusive, se vocês forem num ginásio e universidade também do Brasil, verão que a grande maioria dos brasileiros dirá: “O Brasil foi descoberto em 1500”. O Brasil jamais foi descoberto. Ele foi conquistado, mas foi dito que o Brasil foi descoberto, porque tinha interesse em dizer que foi descoberto, apesar de ser invadido, de terem conquistado as terras. Daí em diante, os conquistados passaram a usar uma linguagem como se fosse o conquistador. Quer dizer, 480 anos depois, a gente continua falando no descobrimento do Brasil, o que é pior ainda que a Inconfidência Mineira. Como você chama a um dos primeiros estouros de busca de liberdade, romântica ou não, de Inconfidência? Inconfidência é o nome que o colonizador tinha que dar, não nós. O problema da linguagem é um problema muito sério. (FREIRE, 2013 p. 39).

Partindo do problema da palavra e também de suas críticas ao sistema educacional, Brandão apresenta a educação popular como um posicionamento de

resistência. Para ele, além do ensino oferecido na escola regular e cursos livres, coexistem outras formas livres de aprender, familiares, comunitárias de troca de conhecimentos em meio a práticas sociais. São artifícios múltiplos do povo e vão dos ofícios às tarefas domésticas passando por todo tipo de saber. O que ele chama de educação popular parece ser quando o potencial de troca de saberes dessas práticas populares ocupa um lugar de destaque no processo, observando o devido valor que têm os conteúdos próprios da comunidade de forma que os indivíduos possam ir se colocando como protagonistas do próprio aprendizado. Segundo o autor, esse tipo de escolha depende principalmente da organização e do engajamento político do coletivo em busca de liberdade. Nesse sentido, o professor é apenas alguém convidado a contribuir, não um profissional especialista da educação, como explica:

Esta é a razão pela qual se pode pensar a educação popular como um trabalho coletivo e organizado do próprio povo, a quem o educador é chamado a participar para contribuir, com o aporte de seu conhecimento “a serviço” de um trabalho político que atua especificamente no domínio do conhecimento popular (BRANDÃO, 2012, p. 100).

Feitas essas considerações a respeito do papel do sistema educacional que trabalha com bases na ética do mercado, trago novamente a discussão para o ponto de vista da ética universal dos seres humanos. Penso que essa nova ética, embora seja uma construção para o futuro, não se fará cortando os laços com nosso passado e sim buscando resgatar dele aquilo que possa servir como valores de base para nossa jornada. Creio que seja a partir de uma reflexão semelhante a essa que Boal nos questiona:

Ser moderno não é um valor em si, e os valores antigos não são, por vetustos, maus: as idéias de solidariedade do cristianismo completam agora dois milênios. Devemos jogá-las no lixo, como senis? As bombas, atômica e de Napalm, são relativamente modernas. Devemos adorá-las por sua juventude? (BOAL, 2009a, P. 61).

Apresentados esses pontos referentes à ética de nossa sociedade e seus valores, considero que seja fundamental que nos direcionemos no caminho dessa ética universal do ser humano, pois creio que isso possa viabilizar um mundo melhor para todas e todos. Para tanto, é necessário que entendamos que tipo de mecanismo nos prende à ética do mercado. A seguir falo um pouco sobre a visão de Boal sobre tais mecanismos.

1.2 - Os neurônios estéticos e a Invasão dos cérebros

Serão apresentados agora alguns pontos das teorias de Boal a respeito do funcionamento da mente humana no que diz respeito ao território da estética. Isso será importante para que possamos compreender, dentro dessa perspectiva, com que ferramentas o poder ideológico dominante nos condiciona ao constante jogo oprimido – opressor.

Todo o pensamento que se articula no território das palavras, Boal chama de Pensamento Simbólico, mas, para ele, embora a dimensão simbólica seja importante no processo de aprendizado, há também a dimensão sensível do pensamento que não pode ser deixada de fora nessa análise, ele explica:

“Quero adotar que existe uma forma de pensar não-verbal – *Pensamento Sensível* -, articulada e resolutive, que orienta o contínuo ato de conhecer e comanda a estruturação dinâmica do *conhecimento* sensível. Quero afirmar que, para serem compreendidos, mesmo quando são expressos em palavras, os pensamentos dependem da forma como essas palavras são pronunciadas ou da sintaxe em que as frases são escritas – isto é, dependem do pensamento sensível.” (BOAL, 2009b, pg. 27)

Na perspectiva do autor, embora existam esses dois tipos de pensamento (sensível e simbólico) o primordial deles é exatamente o sensível, já que, tudo o que se transforma em palavra nasce antes como sensação. Ele afirma que a dimensão sensível do ser humano se alimenta através de todas as sensações que os seus sentidos físicos possam captar, mas também se nutre de todas as conexões com memórias armazenadas que possam acontecer em seu cérebro a partir de uma sensação.

Boal explica que esse processo de conexão se dá da seguinte maneira: cada nova informação sensorial que chega até nosso cérebro é espalhada pelas diversas redes neuronais modificando o que encontra e também sendo modificada pelo que lá está. Frente a isso, nenhum sentido é puro em si mesmo. Cada leitura que fazemos está contaminada com todas as leituras que já fizemos antes. (BOAL, 2009b, p. 115). Para o autor o processo estético do ser humano “é expansivo porque cada estímulo em uma área cerebral estimula áreas adjacentes, nelas se expande e com elas se estrutura: o cérebro é um ecossistema, não disco duro de computador. Elástico e Plástico.” (BOAL, 2009b, p. 114).

Aquilo que Boal chama de Neurônios Estéticos são neurônios que, nos circuitos de que fazem parte, acumulam múltiplas funções, ou seja, são capazes de

receber, armazenar, produzir e transmitir informações de qualquer ordem. Eles, se estimulados, são agentes transformadores e essa é a característica que os torna de fundamental importância no trabalho da Estética do Oprimido, como explica Boal:

A estética do oprimido baseia-se no fato científico de que, em um indivíduo, quando são ativados esses neurônios plurifuncionais, eles não ficam lotados de barriga cheia como bytes de um computador à espera de um agente exterior. Neurônios são vivos, dinâmicos; sua capacidade de armazenar informações e processá-las não se esgota nem se repleta – *o saber não ocupa espaço*, diz a sabedoria popular (BOAL, 2009b, p. 116).

Segundo Boal, um cérebro estimulado com atividades e informações - estéticas, sensoriais, motoras, abstratas - forma circuitos cada vez mais capazes de receber, conectar e enviar esses conteúdos para neurônios de perto ou de longe, que vão também entrando em ação criando circuitos cada vez maiores e estabelecendo relações (óbvias ou insuspeitas) entre os circuitos, acordando áreas antes adormecidas, nos permitindo recordar, criar, imaginar e mudar. Isso produz uma reação expansiva em cadeia em todo o cérebro, podendo inclusive alterar, substituir ou erradicar programações mentais, formas pensamento gravadas nas camadas mais profundas do inconsciente do sujeito (BOAL, 2009b, p. 117). É através desse sistema que nós, seres humanos, somos capazes de criar e compreender metáforas, como afirma Boal:

Os neurônios estéticos são os mais importantes do sistema nervoso porque neles os sentidos coexistem com a razão, o concreto e o abstrato. A percepção estética incorpora razão e emoção, juízo e valores, não apenas sensações! Dada essa qualidade pluridimensional, a expansão dessas redes não se faz apenas por vizinhança ou semelhança, mas pode se ampliar a todo o espaço cerebral e psíquico, desde a mais remota memória até a mais complexa imaginação. Neurônios estéticos estimulam o pensamento sensível e o pensamento simbólico, reforçam esta reação permitindo que o sujeito produza e compreenda metáforas (BOAL, 2009b, p. 118).

A metáfora é muito importante para a compreensão da realidade porque ela produz um distanciamento que nos permite ver as situações de forma mais ampla. “A distância estética permite ver o que, diante de nossos olhos, se esconde.” (BOAL, 2009b, p. 120). O autor diz que o ser humano é, pelo que se sabe hoje, o único animal capaz de produzir metáforas e através desse distanciamento é que podemos articular nossas ações para produzir mudanças no contexto observado. Partindo desse ponto, ele aponta que a Estética do Oprimido trabalha no sentido de “criar

condições para que os oprimidos possam desenvolver sua capacidade de simbolizar, fazer parábolas e alegorias que lhes permitam ver, a distância, a realidade que devem modificar.” (BOAL, 2009b, p. 122)

A partir do que já foi apresentado até aqui, trataremos do processo que Boal chama de “a invasão dos cérebros”. Em seus estudos acerca da Estética do Oprimido, o autor mostra que, desde a mais tenra infância, nós somos construídos socialmente através da linguagem simbólica, dos contatos sensíveis, das experiências estéticas que vivenciamos diariamente. Partindo da ideia de que essas dinâmicas sociais são orquestradas em harmonia com o poder ideológico dominante, essas nossas experiências formadoras dos lugares sociais que ocupamos são estrategicamente plantadas para que fiquemos presos a determinadas formas condicionadas de pensamento, como mostra o seguinte trecho:

Segundo a Teoria dos Neurônios Estéticos, quando um ser humano é bombardeado diariamente com as mesmas informações dogmáticas repetitivas – sejam elas de cunho religioso ou esportivo, belicista, sexista, racista ou de qualquer outra ordem – essas informações, por mais absurdas que sejam, cravam-se em nossos cérebros e formam impenetráveis e agressivas Coroas de Neurônios Fundamentalistas, que rejeitam qualquer pensamento contraditório e transformam suas vítimas em seres sectários da religião e do futebol, da arte, da política. Transformam seres humanos em estações repetidoras de conceitos que não entendem e de valores vazios (BOAL, 2007, p.8).

Boal defende que, com o domínio dos meios de comunicação em massa, os donos do poder empreendem, uma invasão cultural aos cérebros de todos nós. O objetivo é nos inculcar o medo, o desequilíbrio emocional, a baixa auto-estima e outras programações mentais degradantes que aprisionam o povo em uma bolha de realidade (BOAL, 2009b, p.149).

Ele pontua alguns dos artifícios utilizados pelos meios de comunicação. Diz que a mediocridade da literatura e da cinematografia infantil é causada com a má intenção de bloquear o desenvolvimento intelectual da plateia. Na TV, as imagens mudam cada vez mais rápido de forma que os espectadores olhem sem ver de fato o conteúdo, o que, segundo Boal é um princípio básico da hipnose e o mesmo é dito sobre a indústria musical: ouvir sem escutar (BOAL, 2009b, p.150). O autor deixa claro que esses são artifícios de controle que geram condicionamentos em geral por um poder velado:

Explicar para que não se entenda; informar para que não se saiba – essa é a missão da TV privada: fazer obedecer sem saber a quem. O mandante se esconde – seja o dono ou o patrocinador. Esse não se vê, mas nada se faz sem ele (BOAL, 2009b, p.151).

Quando analisa os conteúdos veiculados nos meios de comunicação em massa, Boal aponta que um dos principais sentimentos que a mídia busca gravar no aparelho psíquico do ser humano é o medo. A razão disso seria o fato de que “O medo é a grande arma para convencer seres humanos a aceitar a desumana servidão.” (BOAL, 2009a, p.53). Sobre as diversas formas que isso é feito através do aparelho televisivo, ele diz:

A função da TV, inspirada no espírito de Hollywood, é confessadamente a de imbecilizar suas platéias. Embrutecê-las. Como tem missão de inocular o Medo e Incerteza – o Medo escraviza e a Incerteza lhe abre portas! -, a TV injeta o necessário Medo por meio de ficções espasmódicas; o Pavor, por meio de seres extraterrestres [invasores] ou subumanos; o Pânico, por meio de monstros marinhos dentados e outras catástrofes antinaturais. (BOAL, 2009a, p. 59)

Para explicar de que forma se dá essa influência direta do que é visto na tela para a psique do espectador, Boal nos trás o conceito de empatia. Buscando esse termo de estudos sobre pensamentos aristotélicos, ele afirma que “A empatia nos faz sentir como se estivesse se passando com nós mesmos o que no palco ou na tela está se passando com os personagens. Torna nossos emoções e pensamentos alheios.” (BOAL, 2011, p. 75). A partir do momento em que o espectador estabelece uma relação empática com a cena passa a absorver todo seu conteúdo em sua sensibilidade, conforme Boal diz no trecho a seguir:

Nesta relação espectador-espetáculo, entra em cena a poderosa *empatia*, perigosa descoberta de Aristóteles: canal de comunicação de mão única, no qual o espectador é receptor e o personagem, emissor. O que se passa no palco ou na tela – daí o nome *em-patia* e não *sim-patia!* – penetra sem retorno, na sensibilidade e na moral do espectador que é, emocional e intelectualmente, teleguiado enquanto dura o espetáculo e muito além. (BOAL, 2009a, p. 127)

Segundo o autor, essa influência exercida sob o espectador acontece ainda que em seu consciente ele julgue que o comportamento apresentado na tela ou no palco não seja apropriado. A utilização desse mecanismo pelo poder ideológico dominante, que segue a ética do mercado, produz seres humanos programados para consumir. Sobre isso, Boal diz:

O fato de assistirmos na telinha a situações assim chamadas cômicas, mesmo que não tenham a menor graça, ou românticas, mesmo sem amor,

já nos faz assimilar os sentimentos e os comportamentos dos personagens, mesmo que os saibamos imbecis e insossos. Ficamos sem sal e bobos. TV tem sido uma forma criminosa de hipnotismo. A globalização do lucro impõe a uniformização dos seres humanos: todos devem ser iguais e consumir igual, vestir igual, e comer o mesmo hambúrguer de vaca louca! A globalização impõe normas de comportamento, valores ideologias e gosto estético. (BOAL, 2009a, p. 86)

Com os mesmos gostos estéticos impostos á uma multidão de seres humanos, o potencial criativo desses seres vai sendo castrado por parâmetros que consideram imperfeitos tudo que não os contempla. Pondo em cheque a origem do conceito de imperfeição, Boal afirma: “Toda imaginação é perfeita, pois refuga parâmetros. Os parâmetros são os grandes responsáveis pelas imperfeições, são os grandes culpados. [...] Acuso mais: são os parâmetros que criam a imperfeição.” (BOAL, 2009b, p. 64).

Vale ressaltar que, para Boal, o problema não está no aparelho televisivo como veículo de comunicação e sim na forma com a qual ele é utilizado com o interesse de massificar o pensamento coletivo com constantes afirmações imperativas e de sentido único. Levantando a hipótese do que poderia acontecer no caso de aparelho ser utilizado para veicular conteúdos questionadores, o autor mostra a razão pela qual tal coisa não costuma acontecer:

As imagens podem se conjugar como os verbos, e a TV pode – vale a hipótese! – oferecer imagens de dúvida, incerteza, oferecer perguntas: pode ser criativa. Mas não o é, porque a dúvida, uma vez instaurada é contagiosa – uma dúvida leva a todas as dúvidas e o espectador seria levado a de tudo duvidar: “será que uma cabeça careca também não é linda, reluzente? Serei mesmo amado por todas as mulheres se fumar essa marca de cigarro e morrer de câncer? Se beber este uísque e cair na sarjeta, virá uma princesa loira acolher-me em seu regaço? Se exibir dez cartões de crédito que não tenham fundos, serei milionário? Será verdade? (BOAL, 2009b, p. 123)

Outra consequência negativa que Boal aponta sobre o domínio televisivo na nossa sociedade é o de ocupar um espaço que poderia ser preenchido por interações empáticas entre nós. “O aparelho de TV transforma a natureza do espaço que invade e isola os seus espectadores, remediados à solidão profunda: quem vê tevê não se vê, nem vê quem, ao seu lado, também a vê” (BOAL, 2009b, p. 67). Nesse ponto gostaria de chamar a atenção para o fato de que Boal não chegou a acompanhar os avanços tecnológicos dos últimos anos. Acredito que algumas das críticas por ele levantadas contra a televisão também poderiam ser feitas em direção

a outros aparelhos midiáticos mais atuais. A questão aqui não é o aparato tecnológico em si e sim a quem ele serve. Freire também falou a respeito da questão do discurso midiático estar sempre a serviço de algum interesse:

É que pensar em televisão ou na mídia em geral nos põe o problema da comunicação, processo impossível de ser neutro. Na verdade, toda comunicação é comunicação de algo, feita de certa maneira em favor ou defesa, sutil ou explícita, de algum ideal contra algo ou contra alguém, nem sempre declaradamente referido. Daí também o papel apurado que joga a ideologia na comunicação, ocultando verdades mas também a própria ideologização do processo comunicativo. Seria uma santa ingenuidade esperar de uma emissora de televisão do grupo de poder dominante que, noticiando uma greve de metalúrgicos, dissesse que seu comentário se funda nos interesses *patronais*. Pelo contrário, seu discurso se esforçaria para convencer que sua análise da greve leva em consideração os *interesses da nação*. (FREIRE, 1996 p. 139 - 140, grifo do autor)

Para Boal, o objetivo dessa guerra é dominar os cérebros e não apenas os territórios. É um ataque contra a linguagem que gera um “proposital esvaziamento da palavra – que podendo significar qualquer coisa, não significa nada – tem por objetivo desorganizar a linguagem e impedir a formulação de pensamentos coerentes” (BOAL, 2009b, p.153).

Informações dogmáticas e repetitivas podem gerar nos cérebros redes que se cristalizam, tornando-se rígidas e impedindo o acolhimento de novas informações que contradigam as primeiras (BOAL, 2009b, p.155). Frente a tudo isso a posição da estética do oprimido é apontada por Boal:

“A Estética do Oprimido, democrática e subjuntiva, visa, através da arte, permitir ao cidadão questionar dogmas e certezas, hábitos e costumes que suportamos em nossas vidas. Visa analisar cada ação e cada fato que acontece dentro de circunstâncias concretas. Visa destruir coroas de circuitos neuronais refratárias e agressivas... mas não indestrutíveis.” (BOAL, 2009b, p.158)

Por fim, Boal vem nos apresentar que “A estética do oprimido é uma forma essencial de combater a invasão dos cérebros porque coloca o oprimido como protagonista do processo estético, não simples fruidor da arte.” (BOAL, 2009b, p.166). Partindo do que foi apresentado a respeito da invasão dos cérebros, a palavra que nos chama para a ação é: transformar . No próximo capítulo apresento alguns pontos a respeito.

2 - “O ato de transformar é transformador”

Frente a tantas críticas levantadas na direção de nossa atual sociedade, surge a necessidade de dialogarmos a respeito da possibilidade de transformá-la. Penso que a transformação da sociedade passa, antes, pela transformação do ser humano. Para falarmos sobre isso Freire nos apresenta o conceito do inacabamento do ser humano, ou seja, nossa formação está sempre inacabada e em processo. Esse estado processual é natural do movimento orgânico da vida, conforme aponta o autor: “Na verdade, o inacabamento do ser ou sua inclusão é próprio da experiência vital. Onde há vida há inacabamento. (FREIRE,1996, p. 50). Partindo desse conceito, estamos (e o mundo está) constantemente em transição, nunca sendo algo rígido, mas em eterno processo de ser, conforme o trecho a seguir:

Eu sou tão cuidadoso com esse negócio de dizer que tal coisa é. Não, eu acho inclusive que nenhum de nós é. Eu acho que nós estamos sendo, ou não sendo historicamente. Eu uso os verbos muito no gerúndio, para marcar a processualidade histórica (FREIRE, 2013 p. 46).

Para o autor é justamente em função de sermos inconclusos que a mente humana pode abrir-se ao aprendizado, ou, em suas palavras: “Não foi a educação que fez mulheres e homens educáveis, mas a consciência de sua inconclusão é que gerou sua educabilidade.” (FREIRE,1996, p. 58). Dessa forma, Freire aponta a consciência da inconclusão como fator determinante para o processo educacional. Trazendo esse conceito para o contexto dos condicionamentos que o poder ideológico dominante nos impõe, o autor coloca essa mesma consciência da inconclusão como caminho para irmos além do condicionamento:

Gosto de ser gente porque, inacabado, sei que sou um ser condicionado mas, consciente do inacabamento, sei que posso ir mais além dele. Esta é a diferença profunda entre o ser condicionado e o ser determinado. A diferença entre o inacabado que não se sabe como tal e o inacabado que histórica e socialmente alcançou a possibilidade de saber-se inacabado (FREIRE,1996 p.53).

Nessa perspectiva, apesar do emaranhado de condicionamentos arraigados em nossa mente (cérebros invadidos, conforme Boal nos aponta) podemos, ao nos saber inconclusos ainda que condicionados, dar-mos conta também de que nenhum desses condicionamentos nos determina já que estamos em processo de ser. Para Freire, essa consciência nos impulsiona na direção de uma busca por ser mais, por ir além do que nos foi imposto:

Entre nós, mulheres e homens, a inconclusão se sabe como tal. Mais ainda, a inconclusão que se reconhece a si mesma implica necessariamente a inserção do sujeito inacabado num permanente processo social de busca. Histórico-sócio-culturais, mulheres e homens nos tornamos seres em que a curiosidade, ultrapassando os limites que lhe são peculiares no domínio vital, se torna fundante da produção do conhecimento. Mais ainda, a curiosidade é conhecimento (FREIRE, 1996, p. 55).

Ao levantar a curiosidade como um conhecimento que auxilia o ser humano em sua jornada como sujeito histórico, social e cultural ele traz também a questão da esperança. A curiosidade existe por que existe também a esperança de desvendar o que se apresenta. Nas palavras de Freire:

Seria uma contradição se, inacabado e consciente do inacabamento, primeiro, o ser humano não se inscrevesse ou não se achasse predisposto a participar de um movimento constante de busca e, segundo, se buscasse sem esperança. (FREIRE, 1996 p. 72)

O potencial transformador dessa ideia está no fato de que, ao nos perceber não determinados e instigados a ser mais, nos damos conta de que somos donos de nossos destinos. Para Freire, é fundamental que assumamos a responsabilidade por nossa história e afirma que isso seja algo que agregue alegria à existência. Com suas palavras: “Gosto de ser homem, de ser gente, porque sei que minha passagem pelo mundo não é predeterminada, preestabelecida. Que meu “destino” não é um dado mas algo que precisa ser feito e de cuja responsabilidade não posso me eximir.” (FREIRE, 1996 p. 52).

Ou seja, a consciência de nossa natureza inconclusa nos apresenta um caminho libertador do qual, após ter sido vislumbrado, já não podemos nos eximir. Para Freire, mover-se no mundo na busca de ser mais, enfrentando os condicionamentos é um dever ético do ser humano:

“Como presença consciente no mundo não posso escapar à responsabilidade ética do meu mover-me no mundo. [...] Isto não significa negar os condicionamentos genéticos, culturais, sociais, a que estamos submetidos. Significa reconhecer que somos seres *condicionados* mas não *determinados*. Reconhecer que a história é tempo de possibilidade e não de *determinismo*, que o futuro, permita-se-me reiterar, é *problemático* e não inexorável (FREIRE, 1996, p. 19, grifo do autor).

Assumindo então que mudar, aprender, melhorar apesar das dificuldades é possível, podemos direcionar nossa discussão para a questão das práticas político-pedagógicas. Freire desafia, nesse sentido, todos os envolvidos no fazer educativo:

É a partir deste saber fundamental: *mudar é difícil, mas é possível*, que vamos programar nossa ação político-pedagógica, não importa se o projeto

com o qual nos comprometemos é de alfabetização de adultos ou de crianças, se de ação sanitária, se evangelização, se de formação de mão-de-obra técnica (FREIRE, 1996. p. 79, grifo do autor).

Para Freire, ainda que o sistema educacional vigente hoje se comporte como reprodutor de condicionamentos impostos pelo poder ideológico dominante, não está reduzido a isso. Segundo o autor, a escola é formada pelos seres humanos que a compõe enquanto grupo. Essas relações é que abrem brechas para que se faça uma educação para a liberdade mesmo dentro de instituições alicerçadas na ética do mercado, conforme o trecho abaixo:

Mas, indiscutivelmente, o que se observa é que a educação sistemática tem uma tarefa fundamental, que é a de reproduzir a ideologia de quem tem o poder, evidentemente é isso. [...] Daí a sua não neutralidade. Mas acontece é que a escola vive intensamente, através de nós, as contradições que se dão na sociedade. A escola então, de um lado, reproduz a ideologia dominante, mas de outro lado se dá também, independentemente do querer do poder, no jogo das contradições. [...] Por isso é que eu dizia: a escola não é boa e nem má em si. Depende a serviço de quem ela está no mundo. Precisa saber a quem ela defende. E é por isso também que é possível, em qualquer sociedade, fazer algo institucional e que contradiz a ideologia dominante. Isso é o que eu chamo de uso dos espaços de que a gente dispõe (FREIRE, 2013 p. 44 - 45).

Dessa forma, Freire nos lança, professores e alunos, na direção de uma subterrânea rebeldia. Ou seja, a educação libertadora vai se fazendo secretamente infiltrada na educação “bancária”. Para tanto, é necessário que se fomente a dúvida, a curiosidade e a rebeldia do aluno, conforme Freire:

O necessário é que, subordinado, embora, à prática “bancária”, o educando mantenha vivo em si o gosto da rebeldia que, aguçando sua curiosidade e estimulando sua capacidade de arriscar-se, de aventurar-se, de certa forma o “imuniza” contra o poder passivador do “bancarismo” (FREIRE, 1996, p. 25).

A rebeldia, dentro dessa perspectiva, é uma ferramenta que serve para abrir espaços de respiro no sufocante abraço do controle ideológico. Nessas brechas é que podemos criar nossas próprias ideias através da curiosidade, ou, nas palavras de Freire:

A curiosidade de saber o que era o risco de se rebelar contra uma determinação, é isso que nos torna gente. No momento em que você desobedece e se rebela, você começa a criar certas qualidades que passam a incorporar-se a natureza do ser (FREIRE, 2013, p. 108).

Nas técnicas do Teatro do Oprimido o ato de transgredir sempre se apresenta, já que, o simples fato de o *espect-ator* ou *espect-atriz* assumir o protagonismo de algo pode, em si, ser considerado um ato rebelde. Ainda que

simbolicamente, o indivíduo se experimenta em ação transformadora. Para Boal a transgressão é fundamental para qualquer processo de transformação:

Essa inversão é uma transgressão simbólica. Simbólica de todas as transgressões que teremos que fazer para que nos libertemos de nossas opressões. Sem transgressão – não necessariamente violenta! -, sem transgressão dos costumes, da situação opressiva, dos limites impostos, ou da própria lei que deve ser transformada -, sem transgressão não há libertação. Libertar-se é transgredir, transformar. É criar o novo, o que não existia e passa a existir. *Libertar-se é transgredir. Transgredir é ser. Libertar-se é ser.* Invadindo a cena, o espectador pratica, consciente, um ato responsável: a cena é uma *representação do real*, uma ficção; ele, porém, espectador, não é fictício: existe em cena e fora dela – *metaxis* -, o espectador é uma realidade dual. Invadindo a cena, na ficção do teatro, pratica um ato: não só na ficção, mas também na realidade social, que é sua. Transformando a ficção ele transforma a si mesmo. Liberta-se é ser (BOAL, 2009a, p. 38, grifo do autor).

Para Freire, a transformação do mundo, ou ao menos o desejo de mudá-lo, vem sempre de uma impaciência criativa. Queremos deixar uma marca de nossa existência: “Não haveria criatividade sem a curiosidade que se move e que nos põe pacientemente impacientes diante do mundo que não fizemos, acrescentando a ele algo que fizemos.” (FREIRE, 1996, p. 32)

Conforme já foi dito, para Freire, a curiosidade é, em si, um conhecimento. Sendo ela, então, uma peça fundamental na engrenagem da transformação, é interesse do poder ideológico dominante que apenas alguns privilegiados tenham a oportunidade de exercitá-la. É por isso que é importante desenvolver práticas que estimulem essa potencialidade com grupos menos favorecidos. Freire afirma:

É impossível, para mim, pensar em conhecer sem pensar no papel da curiosidade. Na verdade, também, por outro lado, nós somos fazedores da própria curiosidade, quer dizer, ela é exercitada, produzida. Vocês vejam, por exemplo, a injustiça social que nega às crianças populares os caminhos em instrumentos provocadores e estimuladores da curiosidade, por limitações de classe social (FREIRE, 2013, p. 186).

Ainda sobre a curiosidade como saber transformador, Freire aponta para o fato de que, caso ela não seja trabalhada no sentido da criticidade, ou seja, se não for lapidada para que questione a realidade de forma inteligente, não atinge sua máxima potencialidade. Nas palavras do autor:

Na verdade, a curiosidade ingênua que, “desarmada”, está associada ao saber do senso comum, é a mesma curiosidade que, criticizando-se, aproximando-se de forma cada vez mais metodicamente rigorosa do objeto cognoscível, se torna curiosidade epistemológica (FREIRE, 1996, p. 31).

Com isso, passa a ser importante a uma educação transformadora que professores e professoras se empenhem no sentido de estimular essa passagem da curiosidade passiva para a curiosidade crítica. Freire aponta que, para isso, é necessário que, através das relações, todos os envolvidos no processo educacional encontrem espaço para se assumir como agentes da transformação. Espaços assim só se fazem se houver atenção à dimensão afetiva, conforme Freire mostra:

Uma das tarefas mais importantes da prática educativo-crítica é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou a professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar (FREIRE, 1996, p. 41).

Isso nos leva novamente a reflexão de qual seria, de fato o papel do professor nesse processo. Para o autor, a troca necessária só se dá se o aluno tiver espaço de desenvolver, ele próprio, suas impressões a respeito do que o professor lhe apresenta. Isso porque ensinar não se trata de transferir conteúdos, como arquivos prontos, para a mente do educando, conforme o trecho a seguir:

Na verdade meu papel como professor, ao ensinar o conteúdo *a* ou *b*, não é apenas o de me esforçar para, com clareza máxima, descrever a substancialidade do conteúdo para que o aluno o fixe. Meu papel fundamental, ao falar com clareza sobre o objeto, é incitar o aluno a fim de que ele, com os materiais que ofereço, produza a compreensão do objeto em lugar de recebê-la, na íntegra, de mim. Ele precisa se apropriar da inteligência do conteúdo para que a verdadeira relação de comunicação entre mim, como professor, e ele, como aluno se estabeleça. É por isso, repito, que ensinar não é transferir conteúdo a ninguém, assim como aprender não é memorizar o perfil do conteúdo transferido no discurso vertical do professor (FREIRE, 1996, p. 118).

Esses conceitos educacionais que Freire apresenta em sua obra estão em sintonia com aquilo que Boal levanta através do Teatro do Oprimido. Para Boal, “A educação – Paulo Freire, presente! – é transitiva. Aprender é um ato de vida: quando alguém descobre, descobre-se a si e descobre o outro. O aprendizado cria um ser humano diferente do que era: aquele que sabe, e não sabia.” (BOAL, 2009a, p. 137).

É por compreender o aprendizado como um processo transformador para o ser humano (e, por consequência, para a sociedade) e também por saber da potencialidade dos saberes estéticos no desenvolvimento da curiosidade crítica que Boal se dedicou a gerar espaços de aprendizagem artística aos que, em geral, não os encontram. Para ele:

“Quando, porém, àqueles que não pertencem à monarquia artística, quando às pessoas comuns se oferece a possibilidade de realizar um processo estético do qual foram alienadas, este processo expande suas possibilidades expressivas atrofiadas, aprofunda sua percepção do mundo, dinamiza seu desejo de transformá-lo.” (BOAL, 2009b, p.162)

No trabalho com as técnicas do Teatro do Oprimido, um dos momentos fortes no sentido da transformação é quando o ser humano tem a oportunidade e escolhe entrar em uma Cena Fórum e agir no sentido de alterar o rumo da história apresentada. Para Boal, essa transformação se dá no sentido de que “O espectador, invadindo a cena, transforma-se em escultor, em músico, em poeta, em suma, entrando em cena e mostrando, em ação, a sua vontade, sendo ator, sendo protagonista, o espectador se transforma em cidadão!” (BOAL, 2009a, p. 117). É um momento em que a pessoa assume a palavra e pode mostrar o seu olhar a respeito das opressões que vive e vê no mundo, propondo e abrindo-se ao debate:

O ato de transforma é transformador. O espectador deve encarnar o personagem, possuí-lo, tomar seu lugar: não para obedecer-lhe, mas para guiá-lo, mostrar a vereda que julga certa – nisto será, democraticamente, contraposto às proposições de outros espectadores, igualmente livres para a libertadora tomada da palavra! (BOAL, 2009a, p. 37)

Nesse sentido, o teatro torna-se uma linguagem com a qual o ser humano pode articular sua própria história, refletindo sobre as experiências vividas, observando em que pontos elas se aproximam das experiências dos outros e propor, abrir novos caminhos para a busca. Nas palavras de Boa:

No Teatro do Oprimido, o cidadão, no presente, pensa o passado e inventa o futuro. O palco do teatro, tanto quanto a cela ou pátio da cadeia, pode ser um lugar de estudo, avaliação; o teatro pode ser a linguagem desta busca de si mesmo (BOAL, 2009a, p. 136).

O teatro do Oprimido abre caminhos a partir de um método subjuntivo de instalação da dúvida: e se eu fizesse tal coisa? “É a experimentação de modelos de ação futura, possíveis em situação dada, que precede a ação concreta.” (*idem*, p.165). Talvez, a ação concreta, ou seja, o que o ser humano faz diretamente para transformar a realidade em que vive, possa ser compreendida como um dos objetivos últimos do Teatro do Oprimido. A ação é a tarefa do ator em cena e, assumindo-nos como *espec-atores* de nossas próprias vidas, conforme Boal nos aponta, agimos no mundo, interferimos no rumo da sociedade, cumprimos um papel cidadão. A cidadania, para Freire, é uma criação política de todos nós:

Às vezes penso que se fala em cidadania como se fosse um conceito, muito abstrato, com certa força mágica, como se, quando a palavra cidadania

fosse pronunciada, automaticamente, todos ganhassem. Ou como se fosse um presente que políticos e educadores dessem ao povo. Não é isso. É preciso deixar claro que a cidadania é uma produção, uma criação política. (FREIRE, 2013 p. 157).

Nesse ponto, Boal e Freire nos provocam a agir politicamente em favor de um mundo onde seja possível uma ética universal dos seres humanos. Nossa tarefa é “nos afastar da nossa natureza selvagem e criar uma cultura em que a bondade seja possível e a solidariedade gozosa. Esta é uma tarefa cultural!” e a cultura vai muito além do que se possa expor em galerias ou palcos com entrada paga, ela acontece quando assumimos nossa condição humana criadora (BOAL, 2009a, p. 85). Para ele, esse é o papel do teatro e segue o convite com suas palavras:

Temos que agir já. Se não quisermos ver o anunciado Fim da História; se quisermos existir como indivíduos com nome e sobrenome, e não como números e códigos de barra; se não quisermos que a nossa identidade seja um cartão eletrônico... temos que desenvolver organizações populares que permitam o debate, a pluralidade, a diversidade, a transitividade do diálogo, a força da rejeição, o poder de dizer não! Para isso serve o teatro. (BOAL, 2009a, p. 62)

Então, os autores nos fazem um chamamento para que nos assumamos como seres capazes de nos transformar, logo, capazes também de transformações sociais. Partindo disso, falarei a seguir sobre o diálogo autêntico como uma ação transformadora possível nas práticas educativas dentro e fora da escola.

2.1 - Diálogo Autêntico – Na escola e na vida

Até aqui vimos a respeito de como a ética do mercado em nossa sociedade se sustenta através de uma superestrutura de dominação ideológica. Vimos também sobre o papel transformador que a educação e a arte podem assumir frente a esse contexto. No entanto, é inevitável ponderar que o educador, em maior ou menor grau, também faz parte da massa de seres humanos condicionados, logo, teve sua identidade social construída através da mesma superestrutura que forma oprimidos e opressores. A partir disso, para que o educador possa de fato realizar um trabalho com potencial libertador é necessário que antes ele busque a liberdade para si mesmo. Segundo Freire “uma das coisas dramáticas do colonizado é que ele introjeta o dominante dentro. O dominador habita a intimidade do dominado. O processo de libertação implica a expulsão do dominador.”(FREIRE, 2013, p. 33).

Isso significa que para ser um artista/educador que trabalha em prol da libertação é necessário se colocar verdadeiramente à disposição para passar por um

processo de transformação interior. Freire diz que “para você transformar o mundo, tem que iniciar um pouco a transformação de você mesmo. Trata-se de um compromisso de mútua transformação – a da gente, a do mundo, a do mundo e a da gente.” (FREIRE, 2013, p. 183).

Exercendo a tarefa de professor, o fazemos com a mentalidade com a qual estivermos e não é possível escondê-la dos alunos e por isso, Freire afirma que é necessário tomar cuidado. Em suas palavras: “Saber que não posso passar despercebido pelos alunos, e que a maneira como me percebiam me ajuda ou desajuda no cumprimento de minha tarefa de professor, aumenta em mim os cuidados com meu desempenho.” (FREIRE, 1996, p.97). Ou seja, dentro de uma relação dialógica com o aluno é necessário que a professora ou professor esteja atento ao seu próprio comportamento e o faça com um olhar humilde. Nas palavras de Freire:

É difícil, entre outras coisas, pela vigilância constante que temos de exercer sobre nós próprios, para evitar os simplismos, as facilidades, as incoerências grosseiras. [...] É cansativo, por exemplo, viver a humildade, condição “sinequa” do pensar certo, que nos faz proclamar o nosso próprio equívoco, que nos faz reconhecer e anunciar a superação que sofreremos. (FREIRE, 1996 p. 49)

Sem isso, o discurso em sala de aula fica fragilizado pelas próprias ações inconscientes (condicionadas) do professor. Isso não significa que, para que se dê a educação transformadora a professora ou professor deva ter uma conduta impecável de condicionamentos e sim que precisa assumir-se frente aos alunos como alguém se sabe condicionado e está, assim como todos, em processo de ser mais. Freire coloca a autenticidade em sala de aula como um alinhamento do discurso com a prática do professor para que o aluno se perceba parte de um processo ético e, assim, acredite e invista:

Esse esforço de diminuir a distância entre o que a gente faz e o que a gente diz, ou seja, a aproximação entre o que você faz e o que você diz, chega a um limite tão grande que o que você diz já é o que você faz e o que você faz é a expressão do que você diz. Nesse momento, o aluno acredita e você tem a chance de provocar a sua curiosidade, porque ele se reconhece inserido num processo ético, num processo de seriedade. Há, portanto, ensinamento e aprendizagem (FREIRE, 1995, p. 195).

Mário Sérgio Cortella fala a respeito da autenticidade como um aspecto importante, não apenas no contexto educacional, mas para uma ética cotidiana do ser humano. Para ele, a pessoa autêntica traz um sofrimento interno menor. Isso porque toda dissimulação tem um custo de energia vital para se sustentar frente à

própria pessoa e aos demais e isso culmina em um desperdício de vida (CORTELLA, 2015). Em sua reflexão a cerca do tema ele diz:

Agir conforme aquilo que se fala, alinhar o discurso e prática, além de ser uma postura ética, é um sinal de autenticidade. Uma pessoa autêntica, no sentido etimológico, é aquela que coincide com ela mesma. Isto é, ela é o que é. A junção de *autos* com *itkos*, em grego, é entendida na filosofia como “aquilo que não se descola da essência”. Há uma coincidência entre a essência e a existência. Eu sou aquilo que aparento e aparento aquilo que sou (CORTELLA, 2015, p. 65, grifo do autor).

Para Freire, esse testemunho coerente é uma questão de respeito ao aluno e se revela através das pequenas práticas do fazer educacional. Quando o professor não se empenha em uma auto-avaliação sincera, o diálogo necessário à educação libertadora não se faz. O autor nos pergunta:

Como posso continuar falando em meu respeito ao educando se o testemunho que a ele dou é o da irresponsabilidade, o de quem não cumpre o seu dever, o de quem não se prepara ou se organiza para a sua prática, o de quem não luta por seus direitos e não protesta contra as injustiças? (FREIRE, 1996, p. 65).

Quando ele fala de protestar contra as injustiças não está colocando em questão exatamente o discurso dos professores e sim sua capacidade de abrir-se a conhecer o mundo dos educando, pois sem isso, nenhum discurso libertador se sustenta. Para Freire, aqueles que insistem nessa incongruência são militantes de prática messianicamente autoritária:

Um dos equívocos funestos de militantes políticos de prática messianicamente autoritária foi sempre desconhecer totalmente a compreensão de mundo dos grupos populares. Vendo-se como portadores da verdade salvadora, sua tarefa irrecusável não é *propô-la* mas *impô-la* aos grupos populares (FREIRE, 1996, p. 82, grifo do autor).

Como já vimos, Freire defende que ensinar não é transferir conhecimentos aos cérebros dos alunos como um pen drive transfere arquivos para um computador. O autor ainda acrescenta que não basta que essa ideia seja compreendida pelos professores do ponto de vista ontológico, político, estético, epistemológico ou pedagógico, “mas também precisa ser constantemente testemunhado, vivido” por todos os envolvidos no fazer educativo” (FREIRE, 1996, p. 47).

Para que esse diálogo autêntico aconteça, a professora ou professor precisa desenvolver uma compreensão crítica de si, de sua cultura e também da cultura dos alunos. Sem se abrir para a forma de vida de seus alunos o professor está fadado ao fracasso, como explica Freire:

A experiência tem que ver com o modo como você está sendo na vida, a forma como você come, ri, brinca, acredita ou não nas pessoas, e isso tem que ver também com a experiência que temos na classe social a que pertencemos. O educador tem de partir da compreensão crítica de sua própria experiência e a do educando. Sem o conhecimento da experiência do educando, o educador falha (FREIRE, 2013 p. 159).

Por outro lado, se nesse diálogo se alcança a autenticidade que a prática educativa exige, Freire fala sobre uma experiência total:

Quando vivemos a autenticidade exigida pela prática de ensinar-aprender participamos de uma experiência total, diretiva, política, ideológica, gnosiológica, pedagógica e estética, em que a boniteza deve achar-se de mãos dadas com a decência e com a seriedade (FREIRE, 1996, p. 24).

Parece importante salientar que essa autenticidade apontada por Freire não é uma virtude pronta e acabada, uma linha de chegada que se cruza ou não. O ser humano está sempre em processo de ser. Talvez essa coerência esteja ligada à consciência de que é preciso buscá-la sempre, o que coloca o professor em estado de atenção, constantemente refletindo sobre suas ações no mundo. Boal, ao falar sobre consciência diz que: “Consciência é a reflexão do sujeito sobre si próprio e sobre o significado dos seus atos, não apenas sobre suas conseqüências.” (BOAL, 2009b, p. 30). A coerência pode estar ligada também à outra qualidade apontada por Freire como essencial ao professor: a humildade, como mostra o fragmento a seguir:

Eu diria que eu me fui fazendo, ou me venho fazendo educador. Se você me pergunta: Paulo, você é um professor? Eu diria: Não! Ninguém nunca é. Nós estamos sendo... Daí a necessidade que temos, professores e professoras, de nos indagarmos constantemente de como estamos sendo educadores, porque há sempre possibilidade de mudar, de ser melhor. Isso demanda uma outra qualidade *sinequa non* para ser educador: a humildade, que não tem nada a ver com a possibilidade da humilhação (FREIRE, 2013, pg. 285, grifo do autor).

Essa qualidade que Freire chama de humildade, acredito que tenha a ver com a disposição para aprender com os alunos. Freire diz que quando estamos sempre dispostos a ensinar, mas nunca a aprender, essa é uma atitude intolerante. Nas palavras do autor:

Mas a tendência da gente ao rejeitar o diferente é a intolerância, é se considerar agente, como o educador do diferente, o salvador do diferente e nunca o educando também do diferente; o salvador do diferente e nunca que é também salvo pelo diferente (FREIRE, 2013 p. 77).

Em contra ponto a essa intolerância contra o diferente, o autor insiste em dizer que muito melhor para todos os envolvidos é que “vá ficando cada vez mais claro que, embora diferentes entre si, quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado.” (FREIRE,1996 p. 23). Para Freire, aquele que se abre ao verdadeiro diálogo franco permite que a história siga seu fluxo, ou, em suas palavras: “O sujeito que se abre ao mundo e aos outros inaugura com seu gesto a relação dialógica em que se confirma como inquietação e curiosidade, como inconclusão em permanente movimento na História” (FREIRE,1996, p. 136).

Para isso, é necessário aprender e crescer nas diferenças. Para freire, não existe evolução ética do ser humano sem o respeito. O autor ainda nos chama a atenção ao fato de que o respeito ao diferente também passa por não aceitar que ele seja desrespeitado e lutar contra as discriminações é um dever do ser humano por mais forte que sejam os condicionamentos, conforme o trecho:

É neste sentido também que a dialogicidade verdadeira, em que os sujeitos dialógicos aprendem e crescem na diferença, sobretudo no respeito a ela, é a forma de estar sendo coerentemente exigida por seres que, inacabados, assumindo-se como tais, se tornam radicalmente éticos. [...] Não me venha com justificativas genéticas, sociológicas, ou históricas ou filosóficas para explicar a superioridade da branquitude sobre a negritude, dos homens sobre as mulheres, dos patrões sobre os empregados. Qualquer discriminação é imoral e lutar contra ela é um dever por mais que se reconheça a força dos condicionamentos. (FREIRE,1996, p. 60)

Frente a isso, a tarefa educacional do professor “é, exercendo como ser humano a irrecusável prática de inteligir, desafiar o educando com quem se comunica e a quem se comunica, produzir sua compreensão do que vem sendo comunicado.” (FREIRE,1996, p. 38). Nesse sentido, é conhecendo a realidade do aluno que o professor poderá encontrar o caminho para fazê-lo de fato sentir desafiado. Freire nos questiona:

Porque não discutir com os alunos a realidade concreta a que se deve associar a disciplina cujo conteúdo se ensina, a realidade agressiva em que a violência é a constante e a convivência das pessoas é muito maior com a morte do com a vida? Por que não estabelecer uma “intimidade” entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles tem como indivíduos? (FREIRE,1996, p. 30).

Para Boal, o diálogo franco, que é aquele que respeita e aprende com as diferenças, é desincentivado pelo poder ideológico dominante porque, gerando uma descontinuidade discursiva, abre espaços a qualquer tipo de ideia, mesmo que esta

não se harmonize com os interesses que mantém o *status quo* (costumeiramente, ele se sintoniza com os pensamentos absolutos). Em suas palavras:

Diálogo é sempre perigoso, porque cria *descontinuidade* entre um pensamento e outro, entre duas opiniões, sentimentos, possibilidades – entre elas instala-se o infinito; nele, todas as opiniões são possíveis, todos os pensamentos permitidos. Quando existem dois e não apenas o Pensamento Único, Absoluto – a criação é possível. Diálogo é Democracia! (BOAL, 2009, p. 33, grifo do autor).

O ser humano, ao perder a possibilidade do diálogo, perde a referência daquilo que possa despertar nele a identificação com o outro. Para Boal, essa é uma estratégia das ações globalizantes, pois isolados, nos fragilizamos. O autor explica que são as diferenças que nos dão unicidade e afirmam nossa individualidade. Com suas palavras:

Este é o curioso paradoxo da globalização: para globalizar é necessário abolir o diálogo, isolar o indivíduo – não para que fortaleça sua individualidade, mas para que desapareçam suas diferenças, que lhe dão unicidade. [...] Sequestra-se a individualidade do indivíduo, transformado em coisa. Isola-se o indivíduo para que perca sua individualidade, ao perder o diálogo, ao perder suas alteridades. (BOAL, 2009a, p. 87 - 88)

Para resistirmos a tal roubo de nossa identidade, Boal insiste no diálogo como caminho e afirma que o teatro é um espaço propício para descobrirmos quem somos por nos colocar de frente com nossos desejos. A potencialidade política dessa linguagem, para o autor, está no fato de que, através do teatro, se organizam as ações humanas no tempo e no espaço, conforme o trecho a seguir:

A globalização deseja o monólogo: para combatê-la, o diálogo é necessário, nos sindicatos e nas igrejas, nas escolas e nos partidos, nas ciências e nas artes, na solidão do divã do psicanalista e nas reuniões multitudinárias do teatro na praça. O Teatro é um meio privilegiado para descobrirmos quem somos, ao criarmos imagens do nosso desejo: somos nosso desejo ou nada somos. Porque o teatro? Porque existem artes, como a música, que organizam o som e o silêncio, no tempo; outras, como a pintura, que organizam a forma e a cor, no espaço; e existem artes como o teatro, que organizam ações humanas, no espaço e no tempo (BOAL, 2009a, p. 90).

O poder do diálogo nos remete ao poder da palavra, que conforme já nos disse Brandão, foi uma das principais ferramentas que instituiu o poder que hoje nos oprime. Ainda assim, o autor afirma crer que ela, a palavra, também pode nos abrir os caminhos para um futuro de liberdade entre os humanos:

Aprendemos, finalmente, a crer que, se é com palavras que são escritas as regras que oprimem e consagram a opressão, com elas também os homens entre si podem falar e escrever frases de modos e de saberes que, pronunciados e exercidos, poderão um dia libertar o homem e seus mundos (BRANDÃO, 2012, p. 16).

Na perspectiva de Freire, o que importa não é a palavra em si, mas sim a quem ela está servindo e em qual contexto (assim também é a educação). “Não existe uma coisa chamada educação em si, língua em si, lingüística, sons, fonética, consoantes, nada disso existe nisso mesmo. Eles existem num contexto maior, que é político, econômico, social e ideológico.”(FREIRE, 2013,p. 65).

No caso da educação, ainda que em ponto de vista social ela esteja aprisionada em um sistema que trabalha para manter o domínio sobre os seres humanos, no ponto de vista individual pode representar um processo de recriação do próprio ser humano. Nas palavras de Brandão:

Ao mesmo tempo que socialmente a educação , um domínio da cultura entre outros, é condição da permanente recriação da própria cultura, individualmente a educação, uma relação de saber entre trocas de pessoas, é condição da criação da própria pessoa. Aprender significa tornar-se, sobre o organismo, uma pessoa, ou seja, realizar em cada experiência humana individual a passagem da natureza á cultura (BRANDÃO, p. 23, 2012).

Até aqui, o texto pretendeu apresentar alguns pontos teóricos a respeito de questões filosóficas e políticas que orbitam uma proposta de educação crítica na nossa sociedade dialogando com autores brasileiros e contemporâneos. Com isso observamos que todos nós, seres humanos, temos responsabilidade de agir, dentro de nossas possibilidades, no sentido de tornar possível uma sociedade comprometida com uma ética universal do ser humano. Para tanto, é necessário que se faça um trabalho pessoal de, no decorrer da jornada, ir desatando os nós de condicionamento que atam nossa mente. O Teatro do Oprimido e a Pedagogia do Oprimido são ferramentas que podem ajudar nesse processo por nos lançar em contato afetivo e diálogo autêntico com aqueles que nos cercam. A seguir, direciono o foco da discussão para os resultados da pesquisa de campo.

3 - Um olhar sobre o Teatro do Oprimido na Comunidade - TOCO

O presente capítulo me proponho a tecer um relato de minhas experiências como participante do projeto de extensão³ Teatro do Oprimido na Comunidade – TOCO na Universidade Federal de Pelotas – UFPel e também dialogar com as falas de meus colegas. O objetivo é refletir sobre como o contato com as práticas do Teatro do Oprimido, no TOCO, pode reverberar na formação dos alunos do Curso de Teatro que se vinculam ao projeto. O método utilizado mescla características da pesquisa-ação e da cartografia.

O projeto de extensão Teatro do Oprimido na Comunidade – TOCO nasceu em 2010, partindo do interesse dos próprios alunos do curso de Teatro – Licenciatura da UFPel, e é coordenado desde então pela professora do Centro de Artes da UFPel Fabiane Tejada. O objetivo do projeto é estudar as obras de Augusto Boal em conjunto com as de Paulo Freire e atuar com o Teatro do Oprimido em espaços de comunidades.

Dentro do formato de extensão da universidade, os estudantes do grupo vão constantemente sendo levados à prática em comunidades e, em suas reuniões semanais na universidade, debatem e refletem sobre as experiências. Esse sistema favorece a reflexão a partir da ação prática comunitária. Sobre a relação da reflexão com a prática, Freire diz que “[...] na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática” (FREIRE, 1996, p. 39).

O TOCO chega às comunidades por convite de alguém que lá esteja interessado nas atividades propostas pelo Teatro do Oprimido. Em geral, essa busca se dá porque essa pessoa já observa algumas opressões que acontecem naquele contexto. A partir daí os extensionistas (estudantes do Curso de Teatro ou de outros cursos da UFPel) vão até a comunidade, oferecem oficinas e acompanham a jornada do grupo que se constituiu, fomentando suas propostas e ajudando no que for possível para que os debates se tornem ações transformadoras.

³ Os projetos de extensão são um dos três pilares de trabalho das universidades brasileiras atualmente, que são: o ensino, a pesquisa e a extensão. O objetivo da extensão é realizar um intercâmbio de saberes entre a universidade e as comunidades que existem fora do contexto acadêmico.

A ideia em longo prazo é permanecer atuando no local até que surjam, dentre as pessoas da própria comunidade, aqueles que se interessem em multiplicar essas práticas com mais autonomia. No entanto, até o presente momento esse objetivo de longo prazo ainda não se concretizou. A razão disso é que, conforme as discussões vão tomando força de mobilização social, outras pessoas da comunidade vão se incomodando com o movimento e buscam formas de desarticular nosso trabalho. Isso já aconteceu algumas vezes e vou apresentar aqui como exemplo o caso ocorrido em 2011 na comunidade de um bairro de Pelotas. Quando o grupo de mulheres que estava participando das oficinas decidiu que faria uma cena-fórum em frente à prefeitura do bairro para reivindicar direitos, logo desarticularam o espaço físico para os encontros, que posteriormente deixaram de acontecer por falta de apoio. Apesar disso, o TOCO segue seus trabalhos em comunidades perseguindo o objetivo de consolidar um grupo autônomo no local.

Outra forma de atuação do TOCO na comunidade é em eventos. Somos convidados a participar de ações pontuais em escolas e universidades como simpósios, congressos, jornadas ou encontros de debates políticos. Nesses casos, oferecemos oficinas e/ou apresentamos algumas de nossas cenas-fórum. Essas cenas são criadas por nós mesmos, extensionistas, a partir das opressões que vivenciamos. Levamos nossas cenas próprias para levantar debates nos eventos apenas quando não há tempo hábil para que se monte uma cena com o grupo presente. Nesses casos, para contemplar a maioria, escolhemos como tema opressões mais disseminadas como o machismo, por exemplo. Esse tipo de trabalho gera visibilidade para o Teatro do Oprimido e para o TOCO, garantindo mais convites para trabalhos em longo prazo.

Um exemplo de evento com formato interessante do qual participamos foi um curso de formação continuada para professoras e professores da rede pública que foi organizado pela 5ª Coordenadoria Regional de Educação (CRE) de Pelotas em 2017. Durante encontros semanais estivemos presentes propondo pontualmente atividades do arsenal do oprimido com o objetivo de incentivar as/os docentes a investirem em algumas propostas de Augusto Boal em sala de aula.

No entanto, o foco do grupo é trabalhar em comunidades populares, onde o acesso às atividades do tipo não é frequente. Isso porque o Teatro do Oprimido é

uma prática que se propõe justamente a realizar-se com esse público. Nas palavras de Boal:

“Hoje, é quase impossível ser artista e permanecer no mercado cultural – poucos conseguem. Se quisermos, com nossa arte, ajudar a mudar o mundo – nosso país, nosso estado, nossa rua! -, é imperativo trabalhar onde a arte não se compra nem se vende, onde a arte se vive. Onde somos todos artistas – lá, onde vive o povo: nas ruas, favelas, nos acampamentos do MST, nos sindicatos, igrejas. Lá estão aqueles que necessitam da sua própria identidade para se libertarem da opressão, mesmo quando *dominados pelas idéias dominantes*, mesmo quando alienados: devemos ter esperanças, mas não ilusões.” (BOAL, 2009a, p. 88).

Apresentadas algumas informações a respeito do grupo pesquisado, seus interesses teórico-práticos e seu trabalho em comunidades, mostro a seguir, falas dos participantes da pesquisa a respeito do projeto.

3.1 - TOCOminas, TOCOmanos⁴ e suas falas.

Após apresentar a metodologia de trabalho do TOCO na comunidade, iniciarei a reflexão partindo das falas que os alunos extensionistas fazem sobre o projeto. Se uma das coisas que a pesquisa pretende investigar é de que maneiras as práticas do projeto podem reverberar na formação dos estudantes de extensão, então suas falas constituem o principal material de análise.

Durante uma roda de conversas em 2018, na ocasião de nossos encontros semanais, pedi que cada extensionista falasse um pouco sobre como vê o projeto e suas razões para continuar participando. As falas que serão apresentadas a seguir são trechos desse material, que foi registrado em áudio e posteriormente transcrito. As falas na íntegra seguem em anexo ao trabalho. As identidades dos participantes da pesquisa foram preservadas e seus nomes, nesse texto, foram substituídos. A primeira fala que apresento é a de Jaspe, que coloca pra nós como foi o primeiro contato dele com o grupo:

Até então eu não conhecia o Teatro do Oprimido muito bem, mas quando eu vim no primeiro encontro eu me identifiquei bastante, até mesmo por vivências minhas. Eu saí naquele dia sabendo que eu queria ficar. Aquele dia eu tive como uma tarde de experiências, como se eu tivesse tido uma experiência naquele dia fora do comum, digamos assim (Jaspe, 2018, informação verbal).

⁴ Forma carinhosa com a qual nos referimos uns aos outros entre os extensionistas do projeto de extensão Teatro do Oprimido na Comunidade.

O trabalho do TOCO se compõe em coletivo e abre espaço para que os participantes possam expor, em um ambiente que lhes inspire confiança, as opressões que veem vivendo no mundo, contar suas histórias. As práticas de Teatro do Oprimido no TOCO se dão a partir das opressões trazidas pelos estudantes. Quando Jaspe aponta ter tido uma experiência fora do comum, compreendo que ele possa estar se remetendo a algo que o tocou afetivamente. O processo de desconstrução de condicionamentos nos coloca frente a frente com paradigmas existenciais e é por isso que acredito que a dimensão afetiva seja importante. Berilo, outro TOCOmano, relaciona as discussões nos encontros do TOCO, não apenas aos entendimentos que teve sobre a luta social, mais também ao momento em que ele, como ser humano, passou a ter um olhar mais questionador de ante da vida:

Entrando no TOCO, a partir das próprias discussões que a gente faz eu comecei um processo de entender o que é o teatro e a própria educação (pela questão de vir ao encontro da pedagogia do oprimido, das lutas sociais, enfim). Daí eu estava também em um processo de vida, eu acho que, de questionamentos, que eu passei por momentos de aceitação da vida, mas pra um ser mais questionador de "ta, mas como é que eu vou fazer a minha realidade melhor?" (Berilo, 2018, informação verbal).

Essa fala de Berilo sobre estar se tornando um ser mais questionador, a meu ver, está relacionada à curiosidade crítica levantada por Freire como um aspecto importante do processo de desconstrução dos condicionamentos (FREIRE, 1996). Berilo fala também sobre o valor que o estudo das teorias de Freire representa para ele, na formação de um professor:

[...]Mas eu acho que o professor que tem essa consciência, a própria consciência de recorte de classe, ele tem que conhecer, ler, estudar, saber o que é a Pedagogia do Oprimido. Saber minimamente como funciona porque se não continua só reproduzindo algo que veio anteriormente, sem questionar... continua nessa oligarquia (Berilo, 2018, informação verbal).

Seguindo a pista da formação de professores, a TOCOmana Ágata fala sobre sua participação, através do TOCO, do evento JITOU - Jornada Internacional de Teatro do Oprimido e Universidade e pontua que foi importante por ter visto ali, mesmo em um ambiente acadêmico, bastante representatividade de pessoas que fazem parte de grupos oprimidos, pesquisando a respeito de pautas como negritude, transexualidade e feminismo. Ela diz que encontrou no TOCO um espaço de pensar

junto que a possibilita contribuir com lutas das quais também se considera responsável:

Aí logo no primeiro ano de graduação 2015, a gente foi para o JITOU, que é Jornada Internacional de Teatro do Oprimido e Universidade e lá eu conheci muitas pessoas que trabalham na área. E dentre essas pessoas eu encontrei... primeira coisa que eu percebi: é uma área que é acadêmica (e a gente sabe que os muros da universidade são muito grandes pras "ditas" minorias) e mesmo com esse contexto eu vi muita representatividade. [...] Aqui eu encontrei muito esse espaço, essa possibilidade de estar pensando coisas, e de me sentir contribuindo... estou contribuindo pra uma luta que eu também acho que seja responsabilidade minha. Essa ideia de possibilitar um teatro que é acessível a todos é um ponto que é muito importante pra mim, muito importante! (Ágata, 2018, informação verbal).

Na prática com as comunidades é que esses saberes realmente se realizam. Berilo nos narrou que, quando começou a dar oficinas de Teatro do Oprimido pelo TOCO em um cursinho pré-vestibular de educação popular chamado Desafio, pôde acompanhar como a turma desenvolvia cada vez mais questionamentos e nos contou como ele foi aprendendo com a comunidade a olhar as coisas com outra perspectiva através da troca. Ele apresenta um exemplo disso:

[...]Eu comecei a perceber como que a pessoa se torna questionadora, discute coisas assim... e como ao mesmo tempo tu aprende, sabe? A gente fez um cartaz pra desenhar as opressões, que era um cartaz que depois a gente colou no teto da sala de aula e ficou um tempo. Uma guria foi lá e desenhou uma vaquinha, só que na minha concepção a vaca não é oprimida. Na época eu pensava isso, hoje eu já tenho um conceito um pouco diferente dessa relação com o animal que é o alimento e que ao mesmo tempo é o 'ganha pão' de muita gente, tem várias questões por trás disso. (Berilo, 2018, informação verbal).

Sobre esse contato com a comunidade, Ágata diz que, em sua opinião, o importante é levantar debates com o interesse verdadeiro de ouvir aquilo que as pessoas têm para dizer, valorizar seu lugar de fala. Segundo ela, se decidiu por ficar no grupo porque enxergou ali a possibilidade de contribuir para com aquilo que acredita:

Estou contribuindo com as coisas que eu acredito e eu acho que essa possibilidade é o que foi pra mim o determinante para que eu ficasse. E esse contato com a comunidade também, que é um contato que diretamente é colocar um debate que às vezes não está pautado ou muitas vezes está pautado de uma forma que não dialoga. Sabe aquela pessoa que fala, fala, fala, mas ela fala gritando aí não fala porque quer

ser ouvida, fala porque ela que falar? É mais ou menos nesse sentido. Teatro do Oprimido pra mim é o que põe uma discussão, o fórum, por exemplo, aonde as pessoas vão poder debater porque essa pessoa que está propondo o debate está querendo que as pessoas falem, está querendo ouvir. Então pra mim tem a ver com estar onde você é desejado (Ágata,20018, informação verbal).

Outro ponto levantado por Ágata é que, para a extensionista, estar no TOCO é também a oportunidade de levantar como pauta as opressões que sofre individualmente e, através do debate, dar-se conta que as histórias individuais se tocam formando uma luta que é de todos. Ela fala sobre um “assumir-se” como alguém que levanta as discussões sociais e, acredito que esse seja um saber bastante ligado às propostas de Boal:

Acho que é sempre uma grande oportunidade porque, como a Fabi [Fabiane Tejada, orientadora do projeto] fala, o projeto assume muita a cara de quem está. Vai ser a cara das nossas lutas, vai ser as nossas falas, porque muitos momentos nós somos representantes, devemos ser os representantes das nossas pautas, então as nossas pautas vão chegar através da gente, então a gente vai estar sempre discutindo muitas coisas que são nossas, mas que no decorrer do caminho a gente acaba descobrindo que é muito coletivo. A homofobia que você sofre em casa é a homofobia que muita gente sofre na rua. O machismo que você sofre em casa... é tudo muito coletivo, né?(Ágata,20018, informação verbal).

Trazendo também a questão de como o Teatro do Oprimido reverbera na formação artística do estudante, Ágata dá seu exemplo. Boal chama a atenção para a importância de estimular o espectador a mover-se do lugar de passividade e, em relação a isso, a TOCOmina diz que, em seus trabalhos performáticos com outros coletivos, busca sempre alternativas que horizontalizem a relação com o público, que abram a possibilidade dos espectadores interferirem na cena:

Trabalho também em dois coletivos de performance aqui em Pelotas e vejo como o Teatro do Oprimido também atravessa a performance pra mim porque da mesma forma que o T.O. pensa esse teatro que é mais horizontal, a gente vai pensar performances que vão primar por essa horizontalidade, ou pelo menos que busque isso, que tenha essa preocupação com esse espectador, com essa espectadora que assim como no Teatro do Oprimido está o tempo todo sendo provocado a falar: vai, por favor se posicione, fale. Então a gente traz elementos dessa poética do oprimido pra nossa investigação com performance. (Ágata, 2018, informação verbal)

Analisando as falas dos TOCOmanos e das TOCOminas, pude notar que todos eles deixavam transparecer uma esperança na busca. Isso me remete à

esperança que Freire nos aponta como característica de professores engajados por uma educação transformadora. Boal também nos fala sobre como pode ser transformador quando se estimula o ser humano a sentir o mundo a sua volta. É nesse sentido que acredito que vá a seguinte fala de Berilo:

Eu acho que através da educação é uma das formas que vai possibilitar mudanças verdadeiras no mundo. Através da educação o pouco de ação que eu posso fazer no mundo, na realidade que está ao meu alcance, é sendo um educador. Educando a pessoa, não simplesmente alfabetizar, ensinar a ler e escrever, fazer conta, mas educar esteticamente. Educar ela a sentir, perceber o que está no mundo, perceber que o mundo não é o mundo está sendo, que o mundo pode ser diferente, em fim... todas essas questões (Berilo, 2018, informação verbal).

A TOCO mana Pérola também fez uma declaração semelhante. Ela diz que para ela sobre o quanto acredita que seja importante dar continuidade ao trabalho do grupo:

Acho revolucionário, acho que pode mudar muitas coisas, acho muito bom a gente ter essa possibilidade e principalmente dar seqüência a esse trabalho que é uma coisa muito importante. Então, não desacreditar, sabe? Estar presente e ser político. É um teatro totalmente político, então, vem me abrir o olhar pra talvez uma modificação nas crianças, através de um ensino. [...] Então eu acho que através de uma educação, de você abrir a cabeça de uma criança para várias coisas, dar visões diferentes pra ela, talvez no futuro essa realidade possa mudar. Então vejo muito o TOCO como política mesmo... gosto muito. (Pérola, 2018, informação verbal)

Os estudantes que desejem participar do TOCO devem ficar atentos ao período em que o grupo divulga o Oficinão do TOCO. A cada início de ano letivo na UFPel o grupo abre oficinas com o objetivo de formação inicial no Teatro do Oprimido para aqueles que queiram participar como extensionistas ou até mesmo para aqueles que queiram conhecer mais sobre o trabalho. Essas aulas são ministradas pelos próprios extensionistas com o apoio e orientação da coordenadora Fabiane. Esse sistema colabora com o fluxo de troca de saberes e se conecta com as ideias do educador Paulo Freire que diz que, para ele “[...] o processo de aprender, o processo de ensinar são, antes de tudo, processo de produção de saber, de produção de conhecimento, e não de transferência de conhecimento.” (2013, pg. 160). Os participantes que se identificam com a proposta, ao final da formação, se integram ao grupo de extensionistas/pesquisadores.

Durante o Oficinão do TOCO que aconteceu em abril de 2018 fiz uma breve entrevista com os participantes. Meu objetivo era investigar como havia nascido neles o interesse pelo Teatro do Oprimido e quais eram suas expectativas com o projeto. Os áudios dessas declarações foram gravados e posteriormente transcritos para fins de registro (seguem em anexo ao texto). Ao analisar cada depoimento pude capturar pistas do perfil de estudante universitário que busca o projeto. Na tabela abaixo estão apresentados trechos dessas falas:

Rubi - "Acho que é um projeto de extensão que supre realmente todas as necessidades que eu vejo de sair da universidade pra fazer o teatro. Porque na aula a gente discute muito "Poxa, porque que a gente não vai pra comunidade? Porque que a gente não sai dos muros da UFPel? A comunidade está aqui do lado, porque que a gente não expande isso? Porque que a gente não traz eles também?". Isso agente sempre discute muito em sala de aula. Eu acho que o TOCO é uma ótima forma de fazer isso acontecer."

Jade - "O Teatro do Oprimido então, só de falar já me arrepiava porque o meu sonho é trabalhar contra as opressões (sem se tornar o opressor). [...] Agora, eu sou militante LGBT, principalmente de pessoas transgêneras, que nascem com o gênero desconforme (que não se conformam com o gênero imposto ao nascer) então me identifico muito com o TOCO. Boal pra mim, trabalhar na comunidade, trabalhar com a comunidade, para a comunidade como a gente já veio aprendendo nas pedagogias e agora no estágio também. Então a gente colocando tudo isso em prática... O TOCO vem pra agregar esses valores de humanidade principalmente, de se colocar no lugar do próximo: dos alunos, dos professores e de toda uma sociedade que é excluída. [...] É por isso que eu quero estar aqui nesse grupo, agregar vocês também a essa luta, a essa batalha que vai além da batalha de gênero, mas também a batalha de sociedade, de todos iguais, de nós todos nos respeitarmos."

Citrino - "[...] a gente vive muito aqui dentro dos muros da UFPel, a gente não tem contato com ninguém... e eu acho que é uma coisa muito importante pra mim agora sair um pouco da sala de aula (eu e o professor) e ir mais pra ter contato com a sociedade, com a comunidade. E essas questões de opressão são coisas que me deixam bem triste. Então eu quero viver mais isso, quero ir mais para fora."

Coral - "Parece que eu vim pra pelotas pra estudar teatro, mas além de não consumir o teatro de verdade que a comunidade tem a me oferecer eu também não estou dando retorno pra isso porque a gente está em uma universidade federal, então a gente está aqui pra aprender, mas também dar o retorno pra essa cidade que tá nos acolhendo. Então eu tô sentindo muita necessidade de conhecer [...]. Eu vejo gente do teatro que já está em estágio e eles me contam um pouco da experiência. E eu fico assim: "nossa, que legal! Eu quero conhecer

isso!”.

Esmeralda - “Eu tenho bastante interesse tanto no Teatro do Oprimido quanto na extensão e esse é um projeto que reúne os dois. [...]O TOCO pra mim interessa mais porque é uma coisa que, a meu ver, vai propor uma reflexão maior sobre N coisas, porque com as crianças a gente vai fazer as oficinas, vai fundamentar, vai dizer “isso é por isso”, mas eu não vou botar essa criança pra pensar politicamente porque é um ambiente muito conservador que elas vivem, a gente tem umas barreirinhas que estão impostas ali que a gente não pode quebrar. Eu acho que o TOCO é a oportunidade de fazer isso.”

A partir da análise dessas falas, percebo que as TOCOminas e os TOCOmanos em potencial são alunos movidos por um forte interesse de viver experiências em “dar aulas” e também desejam a troca de saberes com a comunidade por intuïrem que isso possa agregar à sua formação algo que as aulas dentro da universidade não suprem. Esse desejo também pode se nutrir de um senso de responsabilidade com a democratização do acesso ao que se produz na academia. Esse é um dever que o estudante sabe que a universidade pública precisa honrar para com a comunidade.

Além disso, algumas das falas apresentam um inconformismo com a desigualdade com qual a nossa sociedade se organiza e, a partir disso, penso que esses alunos já trazem consigo a semente da ação transformadora. O que a observação desse perfil de estudante pode estar nos apontando é que os estudos de Paulo Freire e de Augusto Boal parecem ser mais convidativos para aqueles estudantes disponíveis a olhar o teatro e a educação como práticas políticas e de potencial transformador.

Alguns desses estudantes, inclusive, são pessoas que já estão engajadas em alguma luta social com a qual se identificam. Para o projeto isso é algo valioso, pois com a contribuição dos que vivem essas lutas, o trabalho se desenvolve com um olhar mais próximo da realidade dos grupos oprimidos. Para Fabiane, orientadora do projeto, quando as pessoas da comunidade encontram, no nosso grupo, integrantes com os quais elas se identificam o diálogo flui melhor. Ela apresentou esses pontos em fala aos novos participantes do TOCO em 2018, trazendo também exemplos de experiências anteriores com cenas-fórum:

[...] pra nós é muito importante pessoas que estão em um lugar de fala de grupos oprimidos. Tipo a Jade, que se coloca em defesa e é uma militante dos transgêneros, LGBTs. Pra nós é uma riqueza, Jade, pra esse projeto tu estar conosco. Porque a gente precisa que tenham pessoas, claro, já estava a Ágata aqui que também fala desse lugar e outros. [...] Mas, quanto mais, melhor, porque também é mais fácil da gente lidar e debater e permitir... se aproximar desse lugar e poder ser mais eficaz mesmo, como projeto quando a gente vai tratar com essas opressões nos grupos. Quando esses grupos também veem no projeto alguém ali que eles olham e se identificam é outra coisa, né Ágata? A gente via quando eles entravam na cena que o filho era rejeitado pelo pai porque o pai era homofóbico e aí essas pessoas ficavam a fim de ir, porque "ai, já passei por isso, já senti isso na minha casa" e entravam na cena (Fabiane, 2018, informação verbal).

A partir dessas falas, é possível observar como o trabalho do TOCO levanta, para os participantes, questões pertinentes às necessidades que eles têm de se transformar e gerar transformações no mundo, extrapolando os limites da universidade. Isso nos leva, então, ao próximo tópico, onde falo um pouco sobre as práticas em comunidade.



Figura 1 - TOCOminas e TOCOmanas em processo de criação de cena-fórum.



Figura 2 - TOCOminas e TOCOmanos durante um dos encontros do Oficina do TOCO.

Figura 3 – Cartaz de divulgação do Oficínio do TOCO.

3.2 - Algumas experiências em comunidade

Para seguir na investigação de como as práticas do TOCO podem reverberar na formação de professores de teatro, farei uma breve análise de algumas das minhas experiências como extensionista do projeto desde abril de 2017. Penso que isso talvez possa nos mostrar, com um olhar de uma lupa, que tipos de reflexão tais vivências podem gerar no educador em formação.



Uma de minhas primeiras experiências em comunidade como TOCOmina foi em 2017 através do convite para colaborarmos com o trabalho da Rede Emancipa, que dava seus primeiros passos em Pelotas no bairro da Guabiroba. Presente em sete estados brasileiros, a Rede Emancipa⁵ é fruto da iniciativa e do investimento de alunos e professores com o desejo de construir um cursinho pré-vestibular calcado nas ideias de educação popular. Para eles, o atual sistema educacional brasileiro reproduz desigualdades, naturaliza injustiças e condena estudantes de escolas públicas à subalternidade. Em busca de reduzir esse abismo social, professores (graduados ou universitários) oferecem voluntariamente aulas gratuitas para estudantes que desejam ingressar no ensino superior público.

Acompanhei algumas aulas do citado projeto e posteriormente ministrei sozinha uma oficina de Teatro do Oprimido para as alunas e alunos. Essa

⁵ O site www.redeemancipa.org.br traz informações mais detalhada sobre a Rede Emancipa.

experiência foi desafiadora para mim e através dela pude capturar aprendizados de três tipos. O primeiro deles se refere á questões didáticas da sala de aula como, por exemplo, treinar uma escuta sensível do grupo ou direcionar as conduções com mais segurança. O segundo tipo de aprendizado se refere diretamente aos possíveis debates que o T.O. pode suscitar e de que formas posso aproveitá-los ao máximo com a turma. O Terceiro tipo de aprendizado é uma reflexão mais profunda sobre o sistema educacional na perspectiva da Educação Popular. Conhecer de perto um cursinho pré-vestibular como é a Rede Emancipa me ajudou a perceber que o vestibular é apenas uma peça da engrenagem responsável por separar aqueles que poderão ou não ter acesso à universidade a partir de critérios elitistas.

Como extensionista do TOCO, também tive a oportunidade de acompanhar um curso de formação continuada para professores da rede pública de ensino que foi proposto pela 5ª CRE – Coordenadoria Regional de Ensino. Nos encontros em que estivemos presentes nossos objetivos eram assistir as palestras apresentadas e, nos minutos finais, propor ao grupo de professores algumas atividades do arsenal do Oprimido com o desafio de tentar construir conexões entre nossos exercícios e os temas ministrados em cada encontro. Nessa empreitada pude tomar contato com diversos conflitos presentes no “chão da escola”⁶ através das narrativas apresentadas pelas professoras e professores. Alguns dos debates gerados nesses encontros me levaram a fazer reflexões que considerei muito importantes para minha formação. Dentre eles posso citar o combate ao bullying⁷; o acolhimento de alunos com deficiência ou necessidades especiais de aprendizado; a importância da parceria entre escola e família; estratégias para despertar a curiosidade dos alunos e a democratização do ensino.

Outra troca muito rica que pude vivenciar com o grupo de educadores/as articulados pela da 5ª CRE foi a de ouvir o que eles tinham a dizer a respeito da aplicabilidade, em contexto escolar, dos exercícios de T.O. que foram propostos. Penso que isso tenha se dado pelo fato de o grupo ser composto de professoras e professores de diferentes disciplinas do currículo. A partir dessas pluralidades cada professor pôde pensar formas inovadoras de como utilizar as práticas de Boal em

⁶ “Chão da escola” é uma expressão cunhada por Freire.

⁷Bullying é um termo da língua inglesa (bully significa valentão) que representa toda forma de agressão intencional e repetitiva praticada por uma ou mais pessoas com o objetivo de intimidar e/ou ferir o outro sem que ele tenha possibilidade de se defender.

sala de aula conectando-as com seu conteúdo e também com temas transversais. Uma prova disso veio alguns meses depois, na ocasião de um seminário realizado pelos alunos de estágio do curso de Teatro da UFPel. Uma professora convidada comentou ter utilizado, em suas aulas de filosofia, alguns exercícios que conheceu através desses encontros. Penso que os fatos apresentados podem conduzir nosso olhar investigativo para dois aspectos. Um deles aponta para o potencial de transdisciplinaridade⁸ presente nos jogos do Teatro do Oprimido. O outro aspecto aponta para a efetividade do intercâmbio de conhecimentos proposto pela extensão. Explico. No caso aqui colocado, a troca apresentou valor tanto para os alunos extensionistas quanto para o grupo de professores, que aqui representam a comunidade. Além disso, essas trocas geraram desdobramentos que, a meu ver, multiplicam esse valor.

Outro evento do qual participamos e que é interessante narrar foi o *III Encontro Nacional de Educação* que aconteceu em Pelotas no ano de 2018. Nossa participação foi através da apresentação de uma cena-fórum criada pelo grupo a partir de nossas narrativas. A cena-fórum é uma cena na qual os personagens representam sempre tipos sociais muito bem definidos e, na história contada, existe uma falha política, a ser debatida em coletivo. O roteiro da cena apresentava o café da manhã de uma família na qual o homem (pai e esposo) se comportava como opressor machista de sua esposa e sua filha. A mulher recebia ordens e reclamações humilhantes do marido a respeito de como ela deveria se portar e servi-lo melhor, já que ele era o provedor da casa. A filha recebia críticas ásperas e lesbofóbicas do pai a respeito de sua nova amiga, pois para ele, essa não seria uma boa companhia para a jovem. Na cena apresentada inicialmente, as duas seguiam oprimidas até o fim ainda que a filha fizesse tentativas, sempre desmotivadas pela mãe, de dizer ao pai que a amiga na verdade era sua namorada.

A cena-fórum é um jogo e como todo jogo tem suas regras. Nessa ocasião, pude participar como coringa da cena e, como tal, meu papel era dialogar com os *espect.atores* e *espet.atrizes* a respeito da cena, e estimulá-los á, quando a cena recomeçasse, interromper ocupando o lugar de alguma das oprimidas com o intuito

⁸Nas palavras de Basarab Nicolescu, criador desse termo: "A transdisciplinaridade como o prefixo 'trans' indica, diz respeito aquilo que está ao mesmo tempo **entre** as disciplinas, **através** das disciplinas e **além** de qualquer disciplina. Seu objetivo é a compreensão do mundo presente para o qual um dos imperativos é a unidade do conhecimento." (1999, grifos do autor).

de propor alguma nova estratégia para que elas se libertassem. Fiz algumas perguntas: na cena que vocês viram havia alguma situação de opressão? Quem oprimia quem? Vocês estão de acordo com o comportamento das oprimidas na situação da cena ou acham que elas poderiam ter feito algo mais?

A cena recomeçou. Assim que o homem deu à mulher a primeira ordem do dia “Me sirva o café”, uma *espect.atriz* congelou a cena e entrou no lugar da esposa dizendo ao marido opressor que não lhe serviria mais café e que, a partir daquele momento, as coisas iriam mudar naquela casa. O diálogo seguiu, de forma que o ator que interpretava o opressor contra argumentou o quanto pode, mas ela estava irreduzível: passaria a trabalhar fora de casa e todos iriam fazer sua parte nos serviços domésticos para que ninguém se sobrecarregasse. A personagem da filha não foi substituída nessa ocasião, mas poderia ter sido.

Após o fim da cena, emendamos com um debate com todos os *espect.atores* e *espect.atrizes* presentes. Um rapaz disse que, havia se dado conta naquele momento do machismo presente no fato de que, no escritório onde ele estagiava os patrões pediam apenas às estagiárias, por serem mulheres, que os servissem café. Considero que essa tenha sido uma experiência importante em minha formação.

No município de São Lourenço do Sul – RS, participei de dois eventos nos quais ministramos oficinas. O primeiro deles, no segundo semestre de 2018, foi a *Acolhida Cidadã* no campus da Universidade Federal do Rio Grande - FURG, intitulada *Teatrando na FURG: ouvir, pensar e representar a partir do teatro*. O objetivo era recepcionar a comunidade com atividades teatrais. Participaram de nossa oficina alunos, professores e funcionários da FURG, e também professores e alunos da educação básica de diversas idades. Nessa ocasião pude observar que, diferente de outros grupos que havia conhecido, os participantes levantavam com frequência a temática da destruição do meio ambiente como uma opressão que precisava ser combatida. Considerei que a razão dessa preocupação especial poderia ser o fato de que, naquele campus, haviam diversos cursos relacionados à área de ecologia, o que possivelmente estimula a comunidade a refletir criticamente a respeito de pautas ambientais. Com o Teatro do Oprimido, o debate adquiriu corpo, voz e movimento.

O outro evento do qual participamos nessa cidade em 2018 foi a 10ª *Conferência Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente* com a temática *Proteção integral, diversidade e enfrentamento das violências*. Ministramos uma oficina para a comunidade, principalmente alunos da educação formal e usuários do CAPs⁹. Nesse evento presenciei algo que considere marcante.

O auditório estava lotado de crianças, adolescentes e adultos agitadíssimos com o calor e as emoções daquele dia atípico na comunidade. Uma moça foi à frente fazer uma fala sobre os direitos humanos em meio aos ruídos de conversas paralelas e enfrentou, do início ao fim de sua explanação, o visível desinteresse do público apesar dos reiterados pedidos de atenção e respeito. Havia uma atmosfera caótica no ambiente e pensei que tudo estava perdido. Outra moça foi à frente fazer sua fala, mas sua postura foi diferente. Ela apenas se posicionou de microfone na mão e, com expressão grave, olhava para o público aguardando o silêncio para iniciar a explanação. Em um primeiro momento, poucos notaram a situação, a agitação parecia incontrolável, mas a moça permaneceu firme em seu silêncio por mais de dez minutos (talvez quinze) e aos poucos uns foram chamando a atenção dos outros até que toda a audiência se colocou atenta. Só então, foi que ela iniciou sua fala com a frase “Eu trabalho com assistência social há sete anos e nunca precisei pedir silêncio e nem gritar para ser ouvida e respeitada” (informação verbal).

Acredito que presenciar isso tenha sido muito importante em minha formação e espero ser capaz dessa firmeza docente sempre que o exercício de meu ofício exigir. Considero que a ação da moça tenha sido no sentido de firmar aquele como um espaço de diálogo ético, conforme Freire explica: “O clima de respeito que nasce de relações justas, sérias, humildes, generosas, em que a autoridade docente e as liberdades dos alunos se assumem eticamente, autentica o caráter formador do espaço pedagógico” (FREIRE, 1996 p. 92).

Dentre as comunidades que nos receberam durante o tempo que durou a pesquisa, uma delas se destacou para mim. A seguir, apresento o Colégio Santa Rita e relato algumas experiências.

⁹ Centro de Atenção Psicossocial.

3.3 -Colégio Santa Rita

Em junho de 2018 o projeto TOCO foi convidado pelo Colégio Estadual Santa Rita, em Pelotas, a propor atividades à sua comunidade. Em visita à escola, ouvimos as dirigentes pedagógicas sobre as relações oprimido/opressor que elas já enxergavam no cotidiano escolar que eram, principalmente, o bullying e a homofobia. Segundo elas, essas e outras situações de opressão colaboravam muito com a evasão escolar.

Durante essa nossa visita ao colégio, a TOCOminaJade fez uma reflexão que considerei importante. Ela disse que estava em busca de voltar à escola para resgatar a aluna que um dia foi. Contou que, enquanto aluna, foi expulsa da escola, impedida de estudar em função de sua condição de pessoa transgênera. Agora, como professora, quer recuperar a rotina escolar com o intuito de fazer o seu melhor no sentido de evitar que a história se repita. Sabe-se capaz de levantar debates sobre a transfobia com as turmas e acolher os alunos que estejam em igual situação.

Após um período debatendo possibilidades, ficou decidido que o TOCO ofereceria semanalmente aos alunos de algumas turmas, oficinas de Teatro do Oprimido em cada um dos três turnos. Iniciamos as práticas em sala de aula no mês de agosto. A maioria das turmas era do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental.

Durante um semestre de trabalho, acredito ter encontrado algumas pistas importantes para a pesquisa. Elas parecem apontar para a possibilidade de que essa empreitada assuma um papel relevante tanto para a formação dos extensionistas do TOCO quanto para o desenvolvimento da comunidade escolar no Colégio Santa Rita. Então, seguindo nossa investigação, tentarei expor alguns dos argumentos que estou considerando pistas dessa hipótese.

O primeiro deles, é o fato de existirem, no grupo TOCO, extensionistas que viveram, através do nosso trabalho no Colégio Santa Rita, suas primeiras experiências como professores no “chão da escola”. Isso significa que essa empreitada já é um marco na formação deles, pois chegarão às disciplinas de estágio melhor ambientados.

O argumento seguinte é o fato de que a prática nos colocou “cara a cara” com alguns dos conflitos que nos haviam sido comentados pelo grupo de professores da 5ª CRE meses antes. O interessante disso é que o trabalho no Colégio Santa Rita está nos oportunizando vivenciar desdobramentos de aprendizados que já havíamos começado em etapas anteriores. Com isso quero atentar para o fato de que essa empreitada pode marcar uma nova etapa no fluxo de aprendizado dos extensionistas e na história do TOCO.

Outro argumento é a frustração. Explico. Antes de iniciarmos nosso trabalho prático no Colégio Santa Rita eu observava que nas reuniões de planejamento e avaliação de práticas do TOCO era menos comum que relatássemos sentimentos de frustração em relação às experiências nas comunidades. No entanto, já nas primeiras semanas de atividade em sala de aula choeram relatos de situações na quais nos víamos perdidos, ou que nossas propostas não haviam funcionado conforme o esperado. Acredito que, do ponto de vista de nosso desenvolvimento como professores, esse seja um bom sinal. A razão disso é que, com esse desafio, vamos sendo impelidos a buscar novos caminhos, expandindo assim os horizontes de nossa práxis.

Após as primeiras semanas de trabalho no colégio, os colegas reportaram em nossas reuniões algumas dificuldades. Segundo eles, o bullying entre os alunos era visível. Ágata e Citrino disseram que em uma das turmas o comportamento dos alunos era tão difícil que levaram o tempo de uma aula inteira (45 minutos) para conseguir fazer a chamada, sair da sala com o grupo e chegar até o pátio onde seriam realizadas as atividades planejadas. Nenhum exercício foi proposto, pois antes de começarem o sino tocou. Outros colegas falaram sobre alunos que não aceitavam tocar nas mãos uns dos outros na roda para realizar o exercício. O toque, em geral, não era bem aceito.

Dialogando sobre esses problemas, Ágata disse que em sua opinião os alunos não haviam se disposto a lhes respeitar como professores, pois em suas palavras, “nós não participamos do grupo que os alunos consideram ‘adultos’” (Ágata 2018, informação verbal). Com essa fala, ela chama a atenção ao fato de que, dentro dos papéis impostos pelo condicionamento social, existe um tipo de comportamento (roupa, tom de voz, vocabulário, discurso) que se espera dos

adultos, logo, aqueles que não se encaixam nesse padrão talvez não entrem no grupo considerado adulto ainda que já estejam na idade adulta.

Colocadas essas problemáticas, nossas reuniões passaram a ser de avaliação das práticas na semana e reformulação para a semana seguinte no Colégio Santa Rita. Nesse processo, alguns TOCOmanos e TOCOminas foram estabelecendo combinados com as turmas para que as aulas passassem a fluir melhor. Exemplos de combinados: somos um coletivo, por isso somos todos responsáveis pela integridade uns dos outros; ninguém é obrigado a participar dos exercícios propostos, mas todos são convidados; ninguém precisa pedir para ir ao banheiro, mas precisam avisar antes de sair e apenas um de cada vez. O objetivo dessas iniciativas foi despertar o respeito mútuo, que segundo Freire, é favorável diante dos impasses entre os conceitos de autoridade e liberdade:

Como professor, tanto lido com minha liberdade quanto com minha autoridade em exercício, mas também diretamente com a liberdade dos educando, que devo respeitar, e com a criação de sua autonomia bem como com os ensaios de construção da autoridade dos educandos (FREIRE,1996 p. 95).

Houve uma semana em que Jaspe nos relatou que uma das alunas sentiu-se à vontade para compartilhar com ele que achava que poderia estar grávida e que seu namorado tinha um comportamento um pouco abusivo. Ele nos disse que, embora não lhe coubesse dizer o que era melhor ser feito, acredita que dar ouvidos, acolher e incentivar possa já ter sido uma ajuda. Acredito que essa situação possa significar que de fato havia se estabelecido um diálogo autêntico entre professor e aluna.

Outra situação forte que foi narrada em nossos encontros é que os TOCOmanos Esmeralda e Rubi estiveram presentes em um debate promovido pela direção da escola em uma turma. A reunião foi convocada porque, no dia anterior, havia acontecido uma briga violenta entre grupos de alunas dentro do espaço escolar. A direção da escola precisou acionar as famílias e também a polícia, pois pessoas haviam sido machucadas. Pelas narrativas apresentadas no debate, boa parte da turma teria incentivado a violência, formando uma roda em volta das meninas aos gritos de “Briga! Briga!”. A reflexão que os extensionistas nos apresentaram dessa experiência é que, embora tenha lhes causado uma grande decepção saber do ocorrido, foi importante acompanhar a maneira com a qual a

direção da escola tentou mediar o debate, ouvindo todas as partes e pontuando aquilo que faltava com respeito ao coletivo.

Houve um TOCOmano, Jaspe, que se destacou em suas práticas no Colégio Santa Rita. Ele nunca havia estado sozinho como professor em sala de aula antes e, em nossas reuniões, confessou que sentia medo. No entanto, no decorrer do processo, encontrou dentro de si a coragem necessária e acessou seus alunos de forma a conquistar-lhes a confiança. A partir de seus relatos, pude observar que Jaspe, até o presente momento, foi o que mais conseguiu se aprofundar com as turmas no que tange as opressões que os alunos sofrem e por isso pôde desenvolver com eles Cenas-Fórum bem direcionadas às suas realidades. Uma das ações que ele realizou em sala no fim do ano foi, com o objetivo de avaliar seu trabalho, chamar um por um dos alunos em particular. O objetivo era conversar sobre o que eles entendiam por opressão a partir das aulas e se eram capazes de observar isso em suas vidas. Em relato com nosso grupo, ele disse que ficou emocionado ao se deparar com histórias e reflexões que os alunos formaram a partir das aulas de Teatro do Oprimido. Em nosso último encontro de 2018, Jaspe nos disse que já não tinha mais medo da sala de aula e se sentia pronto para cursar as disciplinas de estágio.

Como último caso de experiência no Colégio Santa Rita, apresentarei o que mais me inquietou. A TOCOmina Safira e eu nos comprometemos a trabalhar com as turmas da noite. Escolhemos as sextas-feiras para nossas aulas como uma tentativa de combater a evasão, que segundo a direção, é mais intensa nesse dia da semana no ensino noturno. Hoje penso que talvez essa não tenha sido a melhor escolha, e até possa ter sido um pouco de pretensão da nossa parte.

Em nosso primeiro encontro estava chovendo intensamente e, em decorrência disso, a evasão foi ainda mais severa. Quando a coordenação já estudava a ideia de cancelar a aula e liberar as turmas, nós propomos que ao invés disso, juntássemos todos os presentes na escola (alunos, professores e funcionários) para a oficina de teatro e assim foi feito. A aula correu em ritmo descontraído e, em nosso bate papo final, um dos alunos falou um pouco sobre como se sentia invisibilizado no trânsito da cidade como ciclista ou até mesmo pedestre, pois os motoristas seguiam sempre seu caminho como se ele não

existisse. Em conversa depois da aula, ele nos disse que havia se perdido um pouco em sua jornada pessoal, mas que estava em um momento de voltava a estudar e que dali para frente tudo seria diferente.

No encontro seguinte fomos recebidas na escola com uma notícia inesperada: justamente aquele aluno havia falecido dias antes em decorrência de um atropelamento. O clima estava tenso pelos corredores. A coordenação havia convidado os familiares do rapaz para vir à escola comer e conversar. Quando a mãe chegou foi abraçada por algumas professoras e professores. Nós também a abraçamos e, devo confessar que aquela situação de "acalantar uma mãe que perdeu o filho" foi bastante forte para mim, me senti uma estrangeira. Mal havia chegado àquela comunidade e já estava participando de um momento tão sensível como aquele. Sentamos para jantar em um silêncio ensurdecedor.

Findada essa estranha "cerimônia", era hora da oficina de teatro, sem nem mesmo intervalo entre uma coisa e outra. Ao entrar na sala, mirei a turma: olhares para o chão. "será que o que essas pessoas precisam agora, depois de todo esse abalo, é realmente de uma aula de teatro?". Senti um arrepio na espinha por estar com essa responsabilidade nas mãos já que todos estavam muito sentidos e eu sabia que precisaria agir com sabedoria e sensibilidade para não piorar a situação.

Minha primeira pergunta para o grupo foi "vocês estão a fim de ter aula de teatro?". Olharam com cara de espanto, acredito que não esperavam tal questionamento. Após um silêncio de entre olhares, responderam que sim, embora seus corpos e olhares dissessem o contrário. Havia um garoto que estava visivelmente irritado com aquilo tudo. Ele se sentou afastado do grupo e na primeira oportunidade fugiu da sala.

Conversamos um pouco com o grupo, falamos sobre a proposta do Teatro do Oprimido e fizemos alguns exercícios tímidos. Em nossa conversa final o grupo falou muito sobre bullying. Um dos participantes da oficina era ex-aluno da escola e irmão do rapaz que faleceu. Ele nos contou que decidiu pedir transferência para outra escola porque estava sofrendo ataques por homofobia ali por parte de alguns colegas e os opressores o perseguiram depois da aula ameaçadoramente.

Após a oficina fiquei conversando com uma aluna. Ela me disse que sofre bullying desde sempre e que já havia tentado suicídio por conta disso. Também falou que o rapaz que faleceu era um dos poucos que a tratava com respeito e

recriminava os comportamentos opressores da turma. Lágrimas sentidas correram por seu rosto e nos abraçamos.

Voltei para casa naquela noite com muitas perguntas ainda sem resposta. Qual o verdadeiro papel da escola? O que os alunos esperam do espaço escolar? Como abordar esses temas tão fortes sem ferir a sensibilidade de ninguém? Como contemplar tantas complexidades? Vivenciar esses acontecimentos me proporcionou um olhar mais amplo sobre a escola e a tarefa da educação. Também refleti sobre a relação da escola com a família e com a sociedade. Sobre o trabalho engajado com a libertação no campo da educação, Paulo Freire diz:

[...] em todo trabalho de educação, político, portanto em todo trabalho de libertação e em todo o trabalho humano, existe risco. Agora, ou você corre risco ou você se suicida. Existir é arriscar. Existir, no sentido mais indefinido possível, e por isso mesmo mais radical, é arriscar. E nem por isso a gente deixa de existir porque está aqui. E o bacana da existência é que é arriscada. Imagina se não fosse, era chato pra burro (FREIRE, 2013, pg. 54).

Partindo da fala de Freire, acredito que poderia dizer que, ao pisar naquela sala de aula enfrentando a complexidade do caso, pude sentir o perfume do risco em minhas narinas. Observei a existência acontecendo naquele instante. Sobre a vocação do educador, o professor e filósofo Mário Sérgio Cortella Diz:

É uma missão, mas não no sentido que já se trabalhou várias vezes no campo da educação, como uma vocação, que significa “chamamento”. Muita gente usa essa palavra “vocação” em educação como um chamamento externo. Entendo vocação, missão, como um apelo interno. E, a partir dele, quero me agregar a outros que o façam também para que avancemos em direção àquilo que eleve a vida da comunidade. Isto é, que se faça política, no sentido mais descente que possa fazer (CORTELLA, 2015, p. 51 -52).

Partindo dessa ideia de chamamento interno, acredito que possa dizer que naquela noite esse chamado foi quase ensurdecido dentro de mim. No decorrer de minha trajetória vou, aos poucos, tomando consciência da responsabilidade social que tenho em minhas mãos como professora.

A partir das experiências que vivi e dos relatos que ouvi de meus colegas a respeito do que viveram no Colégio Santa Rita, penso que, do ponto de vista de nossa formação, foram experiências muito importantes. Deparamo-nos com problemas, com violências, com desrespeitos, mas também vibramos quando as propostas funcionaram, aprendemos com as turmas a ouvir suas necessidades e os professores da escola conquistaram nossa profunda admiração e respeito, pois

acompanhamos suas lutas diárias. Penso que o saber mais importante foi o de fazermos o melhor possível e acreditar na mudança, como Freire disse:

Isto é, qual é o possível histórico hoje? Porque não há dúvida nenhuma de que só tem um jeito da gente fazer amanhã o que hoje a gente não pode fazer: é fazer hoje o que hoje se pode fazer. Então, fazendo o que agora posso fazer, eu me preparo para amanhã fazer o que hoje não me é possível fazer. [...] Quer dizer, é preciso que eu saiba o que posso fazer em uma escola, até usando a manha de que a escola que eu quero fazer é uma escola tradicional. (FREIRE, 2013, p. 48).

As experiências narradas apresentam, para mim, um forte caráter de afetividade por se tratar de processos de desenvolvimento muito particulares dos participantes, ainda que sejam acontecimentos comuns em ambiente escolar. Isso me leva a crer que a dimensão afetiva seja fundamental no trabalho do TOCO e é sobre isso que trato a seguir.

3.4 - TOCO e a dimensão afetiva

O trabalho do TOCO na formação dos alunos extensionistas apresenta, conforme já foi dito, uma preocupação com a dimensão afetiva do grupo. Isso se dá, em minha opinião, pelo fato de que em nossas reuniões contamos histórias de nossas jornadas como oprimidos e também como opressores. Vamos criando identificações e as histórias se tocam, se influenciam. Para Freire, não se faz formação docente sem a compreensão do valor dos sentimentos:

O que importa na formação docente, não é a repetição mecânica do gesto, este ou aquele, mas a compreensão do valor dos sentimentos, das emoções, do desejo, da insegurança a ser superada, pela segurança, do medo que, ao ser “educado”, vai gerando coragem. Nenhuma formação docente verdadeira pode fazer-se alheada, de um alado, do exercício da criticidade que implica a promoção da curiosidade ingênua à curiosidade epistemológica, e de outro, sem o conhecimento do valor das emoções, da sensibilidade, da efetividade, da intuição ou adivinhação. Conhecer não é, de fato, adivinhar, mas tem algo que ver, de vez em quando, com adivinhar, com intuir. (FREIRE, 1996, p. 45)

Penso que quando abrimos nosso “baú de histórias” estamos com isso empreendendo uma busca por encontrar e afirmar nossas identidades para que elas não sejam soterradas pela cultura de massa. Sobre a importância disso, Boal diz que “Teatro é arte que sempre foi arma. Hoje, mais do que nunca, lutando pela nossa sobrevivência cultural, o teatro é *arte* que revela nossa identidade e *arma* que a preserva.” (BOAL, 2009a, p. 91, grifo do autor). Para ele, uma das práticas importantes para dominar é destruir a cultura do dominado, pois ela é a expressão

de sua identidade (BOAL, 2009a, p. 101). A estratégia de ataque às identidades é a cultura de massa, que diz que todos devem corresponder a determinado padrão imposto. Nas palavras de Boal: “A globalização impõe a todos o mesmo gosto: somos iguais porque consumimos igual! Iguais, não porque assim proclamaram os direitos humanos das Nações Unidas ou os da Revolução Francesa, mas porque assim exigem as leis do mercado.” (BOAL, 2009a, p. 132).

Essa padronização do comportamento do ser humano, não apenas gera o enfraquecimento de culturas diversificadas, mas também incentiva práticas discriminatórias (e por vezes violentas) contra todos aqueles que estejam por algum motivo fora dos padrões impostos. Em nossas conversas no grupo TOCO notei que esse assunto é um dos mais recorrentes, pois o preconceito contra o diferente parece estar presente na raiz de grande parte das opressões compartilhadas nos encontros (racismo, machismo, homofobia, transfobia, xenofobia, preconceito linguístico, discriminação por classe social, dentre outros). Penso que quando trazemos essas opressões manifestadas em nossas histórias, isso alcança a dimensão afetiva do grupo, pois empaticamente nos enxergamos no outro, sentimos sua dor. Trago a seguir, como exemplo, a reflexão feita pela TOCOminaJade a respeito da discriminação violenta contra pessoas transgêneras:

Eu que trabalho com estatísticas de mortes [de assassinatos de pessoas transgêneras] é muito duro pra mim ver “por que essas pessoas sentem tanto ódio por pessoas que só vivem a sua vida?”. Porque talvez seja o espelho: as pessoas não aceitam a gente ser diferente. Porque o problema em ser diferente não está na pessoa que é diferente, o problema está na pessoa que está vendo e não está aceitando, né? Então a gente tem que estar sempre lutando contra essas opressões de uma forma didática, pedagógica (Jade, 2018, informação verbal).

Essa fala, que é parte da história de Jade e é acompanhada de suas próprias reflexões, levanta a questão da intolerância contra o diferente. Para Freire, o conceito de tolerância, quando entendido como um favor do tolerante ao tolerado é na verdade intolerância. Ele explica que:

Nesta compreensão alienada e alienante de tolerância, como favor do tolerante ao tolerado, se acha escondida no tolerante a desconfiança, quando não a certeza, de sua superioridade de classe, de raça, de gênero, de saber em face do tolerado. Este, por sua vez – espera o tolerante -, deve humildemente revelar sua gratidão à bondade do tolerante. [...] A tolerância verdadeira não é condescendência nem favor que o tolerante faz ao tolerado. Mais ainda, na tolerância verdadeira não há propriamente aquele

que tolera e ou aquele que é tolerado (a). Ambos se toleram (FREIRE, 2013, p. 25 e 26).

Com o objetivo de mostrar de que formas a dimensão afetiva é acionada nos encontros do TOCO, trago a seguir algumas páginas de meu diário de bordo no qual apresento a íntegra do meu relato sobre uma reunião na qual foram narradas opressões vividas pelas TOCOminas. É interessante observar a natureza íntima das narrativas e, em contra ponto a isso, como eles se mostram também de caráter coletivo à medida que as histórias individuais vão encontrando eco nas histórias dos outros participantes do grupo:

"16-07-2018

Cheguei hoje para a reunião do TOCO um pouco mais cedo e fiquei no saguão do prédio acalmando os pensamentos enquanto os colegas não chegavam. Ágata chegou logo depois de mim e começamos uma conversa informal na qual ela me contava sobre os processos e reflexões que está vivendo neste momento em que decidiu parar de fumar.

Os pontos importantes dessa conversa foram o fato de que, juntas, falamos sobre a aventura da mudança e que, para que ela se concretize é necessário que estejamos atentas a nós mesmas. É necessário desenvolver um olhar de detetive para capturar os condicionamentos mentais e desmascará-los frente à nossa consciência para que, a partir disso, possamos alterá-los.

Quando todos os colegas já haviam chegado, percebemos que a sala que costumamos utilizar para nossos encontros na universidade estava ocupada por outros alunos. Pérola ofereceu prontamente seu apartamento, ali pertinho, para realizarmos a reunião.

Alterado o espaço, tudo era novo. O lar de uma participante do grupo nos trouxe um aconchego especial e isso, a meu ver, foi um fator determinante para que nos sentíssemos a vontade para dividir com o grupo coisas tão íntimas quanto as que foram faladas ali.

A proposta para o encontro era que começássemos a nos mover no sentido de erguer uma cena-fórum que fosse conectada com as opressões com as quais nós do grupo lidávamos. Já havia uma cena-fórum feita um tempo atrás pelo TOCO, em um momento em que a formação do grupo era diferente. Também tínhamos alguns fragmentos de cena que foram propostas no semestre passado

por alguns dos atuais integrantes. O que queremos é aproveitar o que já existe, mas também acrescentar o novo... aquilo que nos atravessa, acho que estamos neste momento do projeto.

Começamos por cantar em coro, num momento de descontração, mas ao mesmo tempo de evocação, a música "Roda Viva" de Chico Buarque, que havia sido canção de abertura da antiga cena-fórum e que, conforme o coletivo concordou, continua fazendo todo sentido para nós[letra da música em anexo].

Sentamos em roda e Safira compartilhou conosco uma opressão que viveu recentemente e que se conecta com a história que Pérola nos contou semestre passado e tinha começado a virar cena. Os dois casos tratam de homens com quem as oprimidas tinham relação apenas de amizade, elas confiavam na pessoa, tinham conversas íntimas, mas nada que relacionasse esse contato com a sexualidade. De repente, em um momento em que a oprimida está vulnerável (dormindo ou sob efeito de entorpecentes) o tal amigo decide se aproveitar da situação e tocar sexualmente o corpo da mulher como se isso fosse uma coisa normal, um território sem fronteiras.

Nos dois relatos a reação das oprimidas é parecida: ficam em choque, custam acreditar que aquilo esteja acontecendo, por profundo constrangimento tentam fingir que estão dormindo ou apenas se afastam do opressor, encontrando forças para apontar o abuso apenas no dia seguinte.

Conforme foi conversado pelo coletivo, a dificuldade de reagir ativamente que as oprimidas sentem se dá por uma série de questões, a maioria delas culturais, ligadas às constantes práticas de silenciamento do feminino e também à ideia repetidamente pregada de que o corpo da mulher existe para a satisfação sexual do outro, logo, um território de fácil acesso. Também foi pontuado no grupo o fator da culpa, pois a vítima sabe que no momento em que acusar o opressor, a sociedade virá com perguntas do tipo: "Mas o que você estava fazendo sozinha com ele?"; "Será que não foi você que deu intimidade de mais?"; "Quem mandou se embriagar?". No caso de Safira, ela afirmou ter ficado com medo de que, ao reagir acusando o opressor na hora, a situação se transformasse em um estupro declarado, o que agravaria muito a violência envolvida.

Houve uma conexão afetiva forte e declarada entre Safira e Pérola pelo fato de terem passado por situações semelhantes. Quando uma falava sobre o

nojo, a angústia, o constrangimento e a indignação que sentiu, a outra balançava a cabeça positivamente, afirmando conhecer muito bem tais sensações. Safira agradeceu a Pérola por ter exposto seu caso ao grupo no semestre passado e disse que, por mais que não tenha conseguido reagir ativamente, sente que saber a história da colega a ajudou no processo de organizar esses fatos internamente e se fortalecer. Um momento que, para mim, foi muito significativo foi quando as duas se abraçaram, externo com externo de olhos fechados... ficaram assim por um tempo. Foi muito bonito... fotografei com meu olhar de ser humano, que chega sempre antes do olhar de pesquisadora.

Sobre os opressores em questão, uma coisa importante que foi pontuada pelo grupo é que eles parecem (ou fingem) não saber que o que fizeram se trata de abuso contra a mulher. Agem como se estivesse tudo bem, falam das oprimidas como se elas é que fossem loucas... parecem estar vivendo um delírio (construído pela cultura) de que de fato tinham direito de tocar os corpos das amigas. Pensando em um tipo padrão de pessoa que comete esse tipo de violência, o grupo aponta o perfil de um homem que levanta um discurso muito bonito de igualdade de gêneros, de transformação social, se apresenta como alguém que já desconstruiu o patriarcado dentro de si, mas que na verdade, só se transformou da boca pra fora. Sobre esse tipo social foram ditas as expressões "desconstruidão" e "esquerdomacho".

Começando a pensar a cena-fórum que tais opressões gerarão, ficou decidido que se aproveitará o fragmento de cena que foi proposto por Pérola semestre passado e a Safira participará diretamente do processo de criação. Foi dada a ideia de que o opressor seja figurado fortemente pela hipocrisia, aparecendo com um violão nas costas e podendo tocar algum hino de luta social (exemplo "Caminhando" do Geraldo Vandré), mas depois sendo desmascarado pela cena como alguém que só quer a mudança se ela não tocar em seus privilégios heteronormativos.

Por falar em heteronormatividade, outro relato bastante forte foi dado por nossa colega Jade, que é uma mulher trans e que, por essa condição, proporciona ao grupo várias reflexões importantes que envolvem as opressões por transfobia. Trazendo a própria história e também a de amigas, ela falou de situações recorrentes na infância, da rejeição da família, do problema social

envolvido no fato de que o mercado de trabalho não está preparado para receber essas pessoas e por isso muitas vão para a prostituição.

Algo que me chamou muita a atenção foi que ela disse que vive em uma redoma de medo, pois, todo o dia vê notícias na internet sobre transexuais e travestis que são brutalmente assassinadas. Em sua fala deu exemplos pesados dos requintes de crueldade de tais crimes (Espancamento, apedrejamento, esquartejamento, estupro corretivo, corpos quase sempre encontrados nus e jogados em matagais). Outro ponto importante que surgiu é que as notícias desses crimes saem na internet, mas dificilmente são veiculadas em telejornais ou qualquer outra mídia de alcance massivo, pois não é interesse dos que comanda esses veículos de comunicação. Segundo Jade, o Brasil é o país que mais mata travestis e transexuais no mundo e elas morrem todos os dias em silêncio.

Suas palavras tocaram a todos e suscitou uma manifestação importante por parte de uma participante do coletivo. Ágata nos falou sobre o fato de se identificar como uma pessoa transgênera não-binária, o que, em linhas gerais, significa que é alguém que não se identifica exclusivamente com nenhum dos gêneros (feminino ou masculino) e considera que sua identidade de gênero é bem mais ampla que isso. Ágata nasceu com o gênero biologicamente determinado como masculino, se refere a si mesma no feminino, usa barba, brinco e batom. Diz que prefere que cada pessoa se refira a ela no gênero que achar melhor, pois não está presa a essas definições. Diante disso, faço a escolha de tratar dessa colega sempre no feminino durante a pesquisa. Ágata disse que essa foi uma das primeiras vezes que falou abertamente sobre isso para um grupo de pessoas e que tem se inspirado muito na colega Jade, a quem agradeceu pela força e coragem. A partir disso ficou decidido que o problema da heteronormatividade também entrará em nossa cena fórum.

Outro tema que foi falado em nosso papo e que entrará na cena é o dos relacionamentos abusivos. Vários relatos foram dados nesse sentido, não apenas em relacionamentos românticos, mas também de amizade e parental. Situações em que o oprimido se viu preso ou sendo controlado por alguém através de mentiras, chantagens emocionais, críticas descabidas, ameaças ou até mesmo violências verbais e físicas.

Feitos esses relatos os ânimos estavam agitados e nosso encontro já estava perto do fim. Eu sugeri que nos sentássemos novamente em círculo,

fechássemos nossos olhos e respirássemos juntos de mãos dadas por um tempo. Depois, ainda com os olhos fechados coloquei para tocar a música "Agente pode mudar o mundo" [Letra da música em anexo]. Então, abrimos os olhos e eu pedi que cada um falasse um pouco sobre o que estava sentido, como havia sido esse encontro e como sentia que estava sendo o processo de participar do TOCO. Esses relatos foram gravados serão transcritos."

Apresentada essa narrativa, trago agora para o diálogo trechos das falas finais de meus colegas (gravadas, transcritas e em anexo) no encontro relatado. Um dos aspectos dos encontros do TOCO que considero importante é que o grupo constitui um ambiente no qual seus membros se sentem a vontade pra compartilhar, ou seja, um ambiente de acolhimento, de escuta sensível. Essa confiança no grupo é pontuada por Safira, que comenta também sobre a conexão que percebe entre a sua história e a de Pérola por terem vivido opressões muito semelhantes:

Eu acho que o grupo... não sei se por ser o TOCO e a gente trabalhar com opressões, mas foi uma roda que eu senti muita confiança e como eu tinha dito antes e que eu achei muito importante: é preciso falar sobre essas coisas sim, a gente precisa trabalhar isso. Acho que quando a Pérola trouxe a cena dela isso não me ensinou, não me preparou, mas me fez pensar sobre isso antes então de alguma forma sim me deu... não uma preparada mas me ajudou a ter algo pro dia. Mesmo que na hora eu não tenha feito nada o meu consciente eu sei que já estava sendo um pouco trabalhado sobre isso. (Safira, 2018, informação verbal).

Ainda abordando a ideia do grupo como um espaço de confiança, Ágata pontua que dividir as opressões que vivemos nos ajuda a perceber que elas, embora individuais, também representam algo que é coletivo e, observando as semelhanças entre as histórias uns dos outros é que nos fortalecemos. Ela ainda fala que em sua opinião, embora o trabalho do TOCO não apresente soluções prontas, pode ajudar a dissolver ideias cristalizadas em nosso pensamento:

E eu acho que o TOCO, por trabalhar com isso, com as opressões, possibilita justamente... na minha opinião nunca tráz resoluções prontas mas apresenta caminhos por onde a gente pode ir passando e talvez encontrando algumas chavezinhas que nos ajudam a despertar pra determinados processos que as vezes vão... de tanto ser silenciados na gente vão cristalizando. E acho que é muito disso... esse espaço tem que ser esse mesmo: de confiança e que a gente possa sentir esse lugar como um lugar onde a gente vai compartilhar as nossas opressões e mais do que isso, vai estar se ensaiando pra pensar que "isso que eu sofro individualmente também é uma coisa muito coletiva e representa muitas

outras Ágatas, muitas outras Pérolas e que bom a gente tá junto pra poder ver que a trajetória da Jade se aproxima com a minha então me fortalece, a da Safira se aproxima com a minha então me fortalece. Que sejam sempre as nossas molas propulsoras. Acho que esse encontro tem muito a ver com isso pra mim... de vamos lá que dá, a gente passou pelo mais difícil já, estamos aqui então vamos fazer conhecimento disso, aprender com isso pra melhorar as nossas vidas e a de quem está com a gente. (Ágata, 2018, informação verbal)

O pensamento trazido por Ágata sobre a ideia de aprendermos com nossas histórias relacionando-as com as narrativas dos colegas está em consonância com a fala de Berilo. Ele pontua que as discussões levantadas nas reuniões o ajudam em um processo que para ele é de autoconhecimento para que possa se libertar de comportamentos condicionados não só de oprimido, mas também de opressor:

Eu acho que sempre, toda discussão que a gente tráz aqui faz eu perceber a mim de forma diferente, além de ter contato com outras formas de ver. Essa coisa que falaram hoje que não existe homem e mulher, que é uma construção social... que somos só corpos masculinos e femininos. Eu acho que é um trabalho muito forte que tem que fazer de autoconhecimento pra se libertar das coisas que a gente mesmo pega sobre tudo o que vem na sociedade pra gente conseguir enxergar as coisas de formas diferentes e respeitar as pessoas de forma devida. (Berilo, 2018, informação verbal).

Esse potencial de provocar uma análise sobre nossos próprios comportamentos também é apontado por Jaspe, que acrescenta ainda que esse efeito atinge não apenas aqueles que se aventuram a falar sobre si mesmos, mas também os que gostam mais de ouvir:

Cada encontro tem um papel diferente, eu acho e o TOCO em si ele tem o papel de nos fazer pensar. Nos faz, muitas vezes, nos auto-analisar eu pelo menos sempre me pego pensando bastante em mim e coisas que já aconteceram comigo. [...]É por isso que eu gosto de estar aqui, de ouvir... compartilhar as vezes. Não falo muito às vezes porque eu gosto de estar ouvindo. (Jaspe, 2018, informação verbal).

Trago a seguir a íntegra do depoimento da TOCOmina Jade, que falou essas palavras com os olhos em lágrimas e a voz embargada. Ela fala sobre sua vida como quem busca e assume sua identidade, emocionando a todos. Após essa fala seguiu-se um abraço coletivo com todos do grupo e isso, a meu ver, é uma forma afetiva de demonstrarmos união de forças para seguirmos adiante.

Meu nome é Jade, eu sou mulher transgenera, tenho 44 anos. Estou muito feliz de estar aqui participando desse grupo, desses colegas e

amigos que me acolhem e que escutam. Eu venho trazer um pouco da minha experiência e ouvir também a experiência das amigas e dos amigos. A vida é tão rara e passa tão rápido. Agora eu me encontro aqui nesse momento, depois de ter passado tantas vicissitudes na vida, dentro de uma universidade com colegas maravilhosos que acolhem. Eu só tenho a agradecer por esse momento e agradecer pela vida, eu não me arrependo de nada que eu fiz na minha vida, tudo o que eu fiz foi por ser eu mesma diante da sociedade que sempre me recriminou desde a infância. E agora, 2018 estar participando do TOCO... uma grande alegria. Espero poder deixar minha contribuição aqui com todas essas pessoas amáveis. (Jade, 2018, informação verbal).

Esses depoimentos nos levam a perceber as trajetórias particulares dos participantes do grupo e também como esse coletivo propicia que as histórias individuais se toquem e assim se influenciem. Com isso, considero que a dimensão afetiva é uma das principais vias de reverberação da prática do TOCO na formação dos alunos extensinistas. Pensando nisso, apresento a seguir falas de ex-participantes, como uma forma de descobrir o que para eles ficou da experiência.

Figura 4 - TOCOminas e TOCOmanos reunidos em momento de finalização das atividades de 2018.



3.5 - O TOCO e seus frutos já maduros: conversas com exTOCOminas.

Em busca de mais pistas sobre como as práticas do TOCO podem reverberar na formação dos alunos extensionistas, entrei em contato com algumas exTOCOminas. A maioria conversou comigo por mensagens na internet e com uma delas pude me encontrar pessoalmente. Embora eu tenha selecionado algumas perguntas previamente, não considero que os dados a seguir tenham sido adquiridos através de entrevistas estruturadas, mas sim de diálogos informais a respeito do projeto.

A primeira TOCOmina que apresento é Madrepérola. Ela me disse que esteve presente na fundação do TOCO como projeto de extensão. Explica que o contato dos primeiros integrantes com o Teatro do Oprimido se deu em 2010, nas aulas de Teatro na Educação III, disciplina ministrada pela professora Fabiane Tejada, que se tornou a orientadora do projeto de extensão. Segundo ela, a decisão de fundar o grupo surgiu quando comemoravam, em mesa de bar, uma bem sucedida oficina de Teatro do Oprimido ministrada no bairro Dunas em Pelotas.

Madrepérola trabalha atualmente na Coordenadoria Regional de Ensino de Pelotas e, quando indagada se ainda utiliza seus conhecimentos sobre o Teatro do Oprimido, disse: “Até hoje coloco em prática atividades do Teatro do Oprimido. Não estou mais com regência de classe, mas enquanto estive, pratiquei muito teatro-fórum, imagem e jornal, e na coordenadoria também, já pratiquei teatro-fórum.” (Madrepérola, 2018, informação obtida por mensagem de texto). Sobre as lembranças que têm das experiências em comunidade, ela narra:

São muitas lembranças, tem uma ótima: tinha um senhor no Dunas, que não era alfabetizado e um dia ele chegou e me contou que, por causa das aulas de teatro-fórum, ele tomou coragem e começou o EJA no turno da noite, assim vou usar suas palavras que eu nunca esqueci: “agora vou conseguir, pelo ao menos, saber qual ônibus que pego para casa, sem ter que perguntar”. (Madrepérola, 2018, informação obtida por mensagem de texto).

A TOCOmina Ametista também fez parte da primeira formação do grupo. Pude me encontrar pessoalmente com ela para uma conversa que foi, em parte, gravada e transcrita. Atualmente Ametista trabalha como jornalista e conta sobre o trabalho que desenvolveram na Colônia Z3 em Pelotas:

[...]a gente foi várias vezes na Z3. Eu acho que foi o trabalho que foi mais... que a gente chegou a desenvolver alguma coisa e era muito bacana. Nós éramos quatro: eu, Sodalita, Âmbar (que já morreu) e a Pequena (Madrepérola). E vinham bastantes pessoas, a maioria era mulher, mas às vezes tinha crianças e às vezes tinha homem junto e que eu acho que era bom pra verem... dava mais uma dinâmica na situação. Agente fazia tanto - o principal era o Teatro-Fórum, quase sempre era Teatro-Fórum - mas a gente fazia algumas coisas de Teatro Imagem... fazia uns exercícios antes pra interação. E era bom ver as pessoas realmente participando, entendeu? É uma coisa nova, mas em geral elas jogavam, participavam mesmo. (Ametista, 2018, informação verbal).

Sobre as contribuições do TOCO em sua formação, Ametista diz que a principal foi colocá-la em contato com a comunidade, rompendo uma barreira que a impedia de enxergar outras realidades, outras formas de viver:

Pra minha vida eu acho que acrescenta assim como ser humano. Tu ver, conviver com aquelas pessoas, conhecer um pouco mais a fundo a realidade delas. Porque a gente vive no nosso mundinho, a gente fecha a nossa casquinha, a gente não vai muito pra rua pra ver como é que outras pessoas vivem, né? Então nesse sentido o TOCO oportunizou também de ver um pouco mais o mundo, entendeu? (Ametista, 2018, informação verbal)

A TOCOmina Sodalita também fez parte do início do grupo e conversou comigo por mensagens de texto e áudios. Atualmente ela participa de um coletivo de teatro e afirma que através do projeto desenvolveu-se muito como ser crítico, tomou consciência do jogo oprimido/opressor presente na sociedade:

Olha, pra mim a importância do TOCO foi muito grande. Através desse projeto, me afirmei muito como ser pensante e questionador dos problemas, das opressões, e da busca de conhecimento para a conscientização das mesmas. A consciência que do quanto podemos ser opressores em todos os âmbitos de nossas relações, seja familiares, profissionais, estudantis ou sociais, e que a linha entre o opressor e o oprimido é muito tênue. Podemos transitar entre elas sem percebermos conscientemente. Por isso a importância, é um exercício de reconhecimento tanto para nós que aplicamos os jogos quanto para quem joga (Sodalita, 2019, informação obtida por mensagem de texto).

De suas lembranças do projeto Sodalita destaca as amizades e também o empoderamento que percebeu que o trabalho gerava nas pessoas da comunidade e também nela própria. Diz ainda, que essa força de transformar que encontrou no trabalho do TOCO ela leva consigo até hoje:

Desse projeto, as melhores lembranças são as amizades, né? Eu, a Ametista e o Âmbar, nós não nos desgradamos nunca mais. O Âmbar já faleceu faz três anos, fez três anos agora e a gente ficou muito, muito amigo. A Fabi [Fabiane Tejada], a gente se dá com ela, até hoje se dá muito com ela. Agora, outra coisa muito importante fora isso, a amizade, é o seguinte - esses tempos estava pensando nisso - se ouve falar muito no empoderamento feminino, né? Empoderamento Feminino! Naquele projeto, naqueles exercícios que a gente fazia é nítido. Tu vê o empoderamento feminino, sabe? Aquelas mulheres quando chegavam: muito tímidas e acanhadas, "o que que eu to fazendo aqui? Ai que vergonha...". Aí conforme vai indo, conforme tu vai jogando, conforme tu vai mostrando as coisas pra elas e conforme elas vão se reconhecendo naquelas opressões, elas vão se apoderando, cara! Elas iam tomando força, sabe? Um empoderamento humano, porque era com mulheres, mas às vezes apareciam uns senhores e eles também se reconheciam nas suas machezas, nas submissões que eles faziam as mulheres se submeterem. Cara, era muito louco, muito louco mesmo e tudo isso tu aprende, né? O que tu aprende tu leva pra vida e o que tu leva pra vida tu leva pra os outros também. Agente leva mais gancho pra puxar nas situações que fossem despertar mais empoderamento nas outras pessoas, não só das mulheres, mas dos homens também. Tu te reconhecer é importantíssimo e tu te conhecer é importantíssimo. Aí tu tens o poder de mudar, o poder da mudança. Isso é bárbaro, esse projeto foi bárbaro pra minha vida (Sodalita, 2019, informação verbal).

A última TOCOmina com quem conversei foi Turquesa, com quem conversei por telefone. Ela esteve no grupo entre 2012 e 2014 e se formou no curso de Teatro – Licenciatura da UFPel. Atualmente, Turquesa trabalha como professora da rede pública de ensino. Em sua fala, ela ressaltou quatro aspectos de sua formação com os quais as experiências com o TOCO contribuíram. O primeiro deles foi sua formação como professora. Ela conta que através do projeto teve várias experiências como professora antes mesmo de cursar as disciplinas de estágio e considera que isso foi relevante no seu processo de aprendizado.

Sua formação humana foi o segundo aspecto citada por Turquesa. Ela ressaltou o fato de que as experiências que viveu no TOCO a estimularam a desenvolver um pouco mais sua capacidade de se por no lugar do outro. Também disse que foi importante compreender o conceito de lugar de fala, que embora não seja um termo cunhado por Boal e nem por Freire, se conecta com o trabalho.

O terceiro aspecto de sua formação que recebeu contribuições do TOCO foi o acadêmico. Através da rotina de estudos do grupo conseguiu desenvolver um

pouco mais de disciplina nas leituras e também pode refletir melhor sobre o fluxo que existe entre teoria e prática. Por fim, Turquesa afirma que sua formação política também foi marcada pelas experiências com o Teatro do Oprimido no projeto TOCO e que hoje em seu trabalho como professora a consciência da natureza política da educação é fundamental.

Com as falas e relatos apresentados, acredito que se possa observar o quanto as experiências no TOCO foram marcantes nas trajetórias das entrevistadas, reverberando ainda em longo prazo. Com isso, considero que a formação dessas pessoas (enquanto artistas, professoras e cidadãs) tenha sido afetada positivamente pelo projeto.

4 - Considerações Finais.

Com a presente monografia busquei investigar de que forma o trabalho com o Teatro do Oprimido pode reverberar na formação de professores, tendo como campo de pesquisa o projeto de extensão TOCO – Teatro do Oprimido na Comunidade. Após participar por dois anos como aluna extensionista junto ao grupo e colher dados através de experiências e conversas com meus colegas, pude perceber que as contribuições do projeto na formação desses estudantes, para dados gerais, podem corresponder a três tipos.

A primeira contribuição que apresento é de ordem política, crítica. O aluno extensionista do TOCO é convidado a lançar um olhar crítico sobre a sociedade observando que existe um recorte de classes. Através dos debates, o grupo vai desvendando as engrenagens do sistema ideológico dominante e o estudante vai assumindo-se cada vez mais como ser político, sujeito de ações no mundo. Em termos freireanos, o extensionista pode se encontrar na busca por ser mais do que o condicionamento.

Outra contribuição que posso apontar é de ordem pedagógica. Um dos principais valores da extensão é o fato de realmente propiciar o contato direto entre a comunidade e a academia. No caso do TOCO, os extensionistas têm a oportunidade de ministrar oficinas e participar de ações através das técnicas do Teatro do Oprimido. Tais práticas contribuem para que o estudante se aproprie do fazer pedagógico como uma ferramenta de transformação social que está à disposição dele.

A última contribuição que acredito que possa ser citada é de caráter afetivo. Através das histórias que são compartilhadas entre os estudantes, o grupo vai se tornando um ponto de apoio afetivo capaz de ajudar o ser humano no processo de desconstrução dos condicionamentos mentais fixados pela cultura global. O TOCO é um conjunto que, a meu ver, gera transformações dentro e fora da universidade, dentro e fora dos indivíduos. Sobre conjuntos modificadores, Boal diz:

O mais valente soldado não é um exército, nem a mais preciosa bailarina é um corpo de baile. As transformações que se operam nos indivíduos modificam os conjuntos aos quais eles pertencem e estes alteram aqueles. Existe interatividade permanente, o que significa permanente transformação: nada resta igual a si mesmo (2009b, pg. 101).

Ainda sobre o conceito de conjunto, Boal escreve que um coletivo é sempre mais do que a simples soma dos indivíduos que o compõe porque a coletividade gera uma sinergia, um campo de força que pertence ao conjunto, mas que retorna ao indivíduo potencializando-o. Por exemplo, um grupo de manifestantes nas ruas, um grupo de religiosos em ritual ou um grupo de crianças brincando. Para mim, o TOCO é um desses conjuntos.

O estudo sobre as reverberações das experiências do TOCO na formação de professores revela-me as potencialidades do Teatro do Oprimido de ser utilizado como ferramenta educacional ao lado da Pedagogia do Oprimido. Esta perspectiva educativa pode contribuir para que se formem professores mais sensíveis às dinâmicas individuais e coletivas; e também dispostos a encarar a educação e as artes como práticas políticas, logo, transformadoras.

Acredito que essa pesquisa possa contribuir para a valorização do Teatro do Oprimido como prática importante na formação de professores, assim como as atividades de extensão. O TOCO é um projeto, a meu ver, com grande potencial na formação de professores.

A pesquisa aqui apresentada possui limites. A análise foi feita apenas através das falas dos TOCOmanos e TOCOminas, mas não foram levadas em consideração falas de pessoas das comunidades assistidas. Outro elemento que poderia ter entrado na reflexão são as publicações acadêmicas feitas pelos extensionistas a respeito do grupo e do Teatro do Oprimido.

As experiências e saberes que o TOCO me proporcionou abrem ainda possibilidades para mais estudos na área do Teatro do Oprimido e da pedagogia Freireana. A proximidade com a comunidade fomenta a pergunta e estimula a curiosidade.

Por fim o que ficou para mim como reflexão dessa pesquisa é que, apesar das dificuldades presentes no fazer docente, é possível e vale a pena lutar com esperança e seguir o caminho na busca por ser mais. Diversas vezes durante a pesquisa me senti perdida nos labirintos de minha mente condicionada. Peguei-me em flagrante com posicionamentos em sala de aula que reproduzem exatamente o padrão que tanto desejo transformar.

No entanto, esses momentos de frustração vêm me lembrar de que sou sujeito inconcluso e por isso posso ter esperança de mudar para melhor. Erro porque sou incompleta, mas é justamente por ser incompleta que posso aprender com o erro e ir além dele, posso ser mais. Essa consciência eu pretendo guardar comigo na jornada de professora, que está apenas começando.

Fica também o entendimento de nossa responsabilidade ética de trabalhar por um mundo melhor, onde seja possível que todos e todas vivam no reino da liberdade. Nas palavras de Freire:

Há uma responsabilidade ética, social de nós todos, no sentido de tornar a nossa sociedade menos má. Eu costumo dizer que tornar o mundo menos feio é um dever de cada um de nós. Nem sempre esse dever é percebido, e sobretudo assumido. Se você me perguntar se essa é uma questão pedagógica ou política, eu diria que é política.(FREIRE, 2013, p. 16)

Para mim, as vivências que tive no decorrer da pesquisa contribuíram para que eu percebesse essa responsabilidade que tenho como ser humano de me melhorar no mundo para contribuir com a transformação do coletivo. Interferir de alguma forma positiva nos micro-mundos que habito, que podem ser a rua onde moro, a escola onde trabalho, minha família, os grupos de amigos. Como professora, espero entrar em sala de aula disposta a ser transformada por essa experiência.

Referencias Bibliográficas

BOAL, Augusto, **O Teatro como Arte Marcial**, Rio de Janeiro, Garamond, 2009a.

BOAL, Augusto. **A Estética do Oprimido**. Rio de Janeiro. Garamond, 2009b.

BOAL, Augusto. **Jogos Para Atores e Não Atores**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2008.

BOAL, Augusto. **Teatro do Oprimido e Outras Poéticas Políticas**. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira. 2011.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues, **O que é educação popular**, São Paulo, Editora Brasiliense, 2012.

CORTELLA, Mário Sérgio. **Educação, Convivência e Ético: Audácia e Esperança!** São Paulo: Cortez. 2015.

FREIRE, Paulo, **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários á Prática Educativa**, São Paulo, Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Tolerância**, Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 2013, 399 páginas.

NICOLESCU, Basarab. **O Manifesto da Transdisciplinalidade**. Triom: São Paulo, 1999.

Anexos

Anexo A

Transcrição fala dos TOCOmanos e TOCOminas sobre o projeto

ZOÉ - eu sou a Zoé. Eu cheguei aqui em pelotas em abril de 2017. A primeira vez que eu fiquei sabendo sobre o teatro do oprimido eu estava no ensino médio ainda. Mas foi um contato mais teórico, eu tomei conhecimento de que existia o Augusto Boal, encontrei alguns livros, li porque eu tinha interesse sobre isso. E quando eu entrei na universidade, eu me formei em Artes Cênicas na Universidade de Brasília, eu tinha essa aspiração de estudar lá o Teatro do Oprimido e ficar sabendo mais dentro da prática o que que era isso. Só que acabou que eu não tive essa oportunidade porque lá dentro da universidade naquele momento em que eu estava não haviam pessoas que tivessem esse mesmo interesse ou professores que pudessem conduzir esse processo comigo. Até tentei, não vou dizer que não tentei. Tentei, mas não deu certo porque eu não tinha molejo de prática então não funcionou. E acabei engavetando isso, deixando pra lá, a vida me levou por outros caminhos. Só que chegou um momento em que eu me vi meio que numa encruzilhada porque eu não estava mais tão feliz lá, as coisas já não estavam mais fazendo tanto sentido. Eu já tinha me formado, estava cuidando de uma empresa de produção cultural que era minha, mas que ao mesmo tempo era minha, mas de repente eu percebi que eu não estava me enxergando mais nela, aqueles objetivos ali já não eram mais os meus eu entrei em um momento crítico. Até que eu tive a ideia, falei “Ai, eu devia era voltar a estudar, eu devia não parar de estudar.”. isso foi bem quando eu consegui concluir a graduação mesmo, defender o TCC. Eu falei “Eu devia era voltar atrás um pouquinho, alguns passos atrás no tabuleiro e ver onde é que foi que eu me perdi, em que momento que eu abandonei o que eu queria pra fazer o que os outros queriam.” E eu encontrei com essa pessoa que queria estudar o Teatro do Oprimido, que acreditava que a arte poderia de fato ser uma ferramenta de transformação da sociedade. Aí eu falei “Ah bom, então eu acho que posso tentar isso.” Aí encontrei o TOCO na internet, mandei uma mensagem, tipo uma mensagem dentro de uma garrafa. ‘Ah, que bom que esse projeto existe, né?’. E aí tive resposta e acabou que as coisas aconteceram de forma que eu acabei encontrando dentro de mim uma coragem que eu nem sabia que eu tinha pra largar todas aquelas coisas que eu tava fazendo e vir pra cá me propor outra coisa. Não só dentro aqui do grupo, do TOCO, dentro do estudo do Boal e do Freire, mas dentro de mim também e me propor um novo cotidiano onde eu pudesse me transformar. Porque é me transformando que eu acho que eu posso transformar qualquer coisa que aparentemente esteja fora de mim. É nesse processo que eu estou agora.

Berilo – Meu nome é Berilo, eu sou um aluno de teatro. Eu tinha, antes de vir, antes da faculdade, já fazia teatro há bastante tempo. Quando eu comecei a fazer teatro já o meu tio falava do Teatro do Oprimido e eu tinha isso. Eu estava até falando pra S., mais cedo. Eu tinha isso, como tem exemplos. Teatro Noh, por exemplo: não sei

nada, sei que existe. Só que ao mesmo tempo eu fazia jogos, exercícios, nas aulas que o meu tio dava e que ele falava que eram do Teatro do Oprimido, mas eu não ligava uma coisa com a outra. Um dos primeiros livros que li, que ele me deu pra ler era o “200 jogos e exercícios para ator e não ator”. E eu li, só que acho que por ser muito novo (eu tinha 16 ou 18) era muito atrasado assim pra questão política e tal. Então eu li esse livro, a primeira parte fala bastante sobre a questão política, só que época eu não entendi nada, li mais pra chegar na parte dos exercícios, pra aprender exercícios e tal, simplesmente pelo teatro. Eu não entendia qual era o intuito, o propósito de se fazer um teatro que se chamasse Teatro do Oprimido. Então eu vim ter esse contato na faculdade, no finalzinho do segundo semestre eu já entrei no projeto. Entrando no TOCO, a partir das próprias discussões que a gente faz eu comecei um processo de entender o que é o teatro e a própria educação, pela questão de vir ao encontro da pedagogia do oprimido, das lutas sociais, enfim. Daí eu estava também em um processo de vida eu acho que de questionamentos, que eu passei por momentos de aceitação da vida, mas pra um ser mais questionador de “ta, mas como é que eu vou fazer a minha realidade melhor?”. E aí quando eu comecei a ler o Boal, primeiro foi “A estética do oprimido”, eu acho, quando fui fazer meu primeiro trabalho pro CEC [Congresso de Iniciação Científica] eu comecei a me aprofundar, a gostar mais, a ler mais. Li a “Pedagogia do Oprimido” também, que eu acho super importante também pra quem quer se tornar professor. Claro que a pessoa pode ser de uma família classe média alta, estar se formando professor e não ter nenhum pensamento político. Mas eu acho que o professor que tem essa consciência, a própria consciência de recorte de classe, ele tem que conhecer, ler, estudar, saber o que é a Pedagogia do Oprimido. Saber minimamente como funciona porque se não continua só reproduzindo algo que veio anteriormente, sem questionar... continua nessa oligarquia. Mas em fim, aí eu comecei a participar, aqui a gente tem um momento de conversa, mas agente acabou treinando alguns exercícios. Eu fui ter mais contato mesmo aplicando os as oficinas no Desafio, que na época que eu entrei a gente estava atuando no desafio, que é um curso pré-vestibular de educação popular. Então lá que eu comecei a perceber mais e perceber nas pessoas a transformação naqueles quatro, cinco meses que eu atuei. Eu comecei a perceber como que a pessoa se torna questionadora, discute coisas assim... e como ao mesmo tempo tu aprende, sabe? A gente fez um cartaz pra desenhar as opressões, que era um cartaz que depois a gente colou no teto da sala de aula e ficou um tempo. Uma guria foi lá e desenhou uma vaquinha, só que na minha concepção a vaca não é oprimida. Na época eu pensava isso, hoje eu já tenho um conceito muito um pouco diferente dessa relação com o animal que é o alimento e que ao mesmo tempo é o ‘ganha pão’ de muita gente, tem várias questões por trás disso. O que mais eu posso dizer? De certa forma eu me encontrei... o meu TCC também: a partir de ler o Augusto Boal eu encontrei uma ligação com um referencial poético, romancista mas que eu uso porque ele dá umas reais do mundo (é o Daniel Kinn). Eu acho que através da educação é uma das formas que vai possibilitar mudanças verdadeiras no mundo. Através da educação o pouco de ação que eu posso fazer no mundo, na realidade que está ao meu

alcance, é sendo um educador. Educando a pessoa não simplesmente alfabetizar, ensinar a ler e escrever, fazer conta mas educar esteticamente. Educar ela a sentir, perceber o que está no mundo, perceber que o mundo não é o mundo está sendo, que o mundo pode ser diferente, em fim... todas essas questões.

Ágata – Eu sou a Ágata, tenho 20 anos, sou de Espumoso. Eu entrei no TOCO assim, muito por estar buscando uma experiência prática com cena, meio sem entender muito do role. Mas eu fui ficando, fui ficando, fui entendendo no caminho, me encontrando dentro do projeto, entendendo um pouco o que era esse funcionamento do T.O.. Aí logo no primeiro ano de graduação 2015, a gente foi para o JITU, que é Jornada Internacional de Teatro do Oprimido e Universidade e lá eu conheci muitas pessoas que trabalham na área. E dentre essas pessoas eu encontrei... primeira coisa que eu percebi: é uma área que é acadêmica (e a gente sabe que os muros da universidade são muito grandes pras minorias “ditas” minorias) e mesmo com esse contexto eu vi muita representatividade. Vi mulher negra escrevendo sobre Teatro do Oprimido (segue Barbara Santos, por favor conheçam); o Lico Turle que pensa a questão afro articulada com o Teatro do Oprimido, trabalhou com o Boal, fez uma parte importante desse processo; A Helen Sarapek que é uma mulher lésbica; Flávio Sankton, que é um homem Gay; a Dody Leal que é da psicologia da USP, mas ela pesquisa uma intersecção com o Teatro do Oprimido e é muito interessante, agora ela está fechando o doutoramento dela e está com uma discussão em pauta que fala sobre transexualidade, sobre representatividade trans e eu sei que ela articulava muito com o pensamento do T.O., ela tem até um texto que se chama “Jóias indiscretas” dentro do “Teatro do Oprimido e outros babados” que é um desses livros que articula o Teatro do Oprimido com pautas políticas (negritude, questões de gênero, etc). Aqui eu encontrei muito esse espaço, essa possibilidade de estar pensando coisas, e de me sentir contribuindo... estou contribuindo pra uma luta que eu também acho que seja responsabilidade minha. Essa idéia de possibilitar um teatro que é acessível a todos é um ponto que é muito importante pra mim, muito importante! Trabalho também em dois coletivos de performance aqui em Pelotas e vejo como o Teatro do Oprimido também atravessa a performance pra mim porque da mesma forma que o T.O. pensa esse teatro que é mais horizontal, a gente vai pensar performances vão primar por essa horizontalidade, ou pelo menos que busque isso, que tenha essa preocupação com esse espectador, com essa espectadora que assim como no Teatro do Oprimido está o tempo todo sendo provocado a falar: vai, por favor se posicione, fale. Então a gente trás elementos dessa poética do oprimido pra nossa investigação com performance e como isso vai formando muito... aí a partir de estudar essa performance eu comecei a ver umas coisas sobre espaço público, sobre ocupação de espaço público, sobre apropriação e aí já fui pra uma área de antropologia e hoje já penso a performance de uma forma mais ampla. A performance que a gente faz no teatro muito mais vinculada à outros estudos também, não somente a área cênica. Uma manifestação sociológica teatral, antropológica. O T.O. faz muito parte desse momento de expansão e de se identificar na arte. Estou contribuindo com as

coisas que eu acredito e eu acho que essa possibilidade é o que foi pra mim o determinante para que eu ficasse. E esse contato com a comunidade também, que é um contato que diretamente é colocar um debate que às vezes não está pautado ou muitas vezes está pautado de uma forma que não dialoga. Sabe aquela pessoa que fala, fala, fala, mas ela fala gritando aí não fala porque quer ser ouvida, fala porque ela que falar? É mais ou menos nesse sentido. Teatro do Oprimido pra mim é o que põe uma discussão, o fórum, por exemplo, aonde as pessoas vão poder debater porque essa pessoa que está propondo o debate está querendo que as pessoas falem, está querendo ouvir. Então pra mim tem a ver com estar onde você é desejado. Acho que é sempre uma grande oportunidade porque, como a Fabi fala, o projeto assume muita a cara de quem está. Vai ser a cara das nossas lutas, vai ser as nossas falas, porque muitos momentos nós somos representantes, devemos ser os representantes das nossas pautas, então as nossas pautas vão chegar através da gente, então a gente vai estar sempre discutindo muitas coisas que são nossas, mas que no decorrer do caminho a gente acaba descobrindo que é muito coletivo. A homofobia que você sofre em casa é a homofobia que muita gente sofre na rua. O machismo que você sofre em casa... é tudo muito coletivo, né?

Safira – Eu sou a Safira, tenho 23 anos, eu conheci o TOCO ano passado logo que entrei no curso, que foi quando conheci o Ágata e ele me falou “ai amiga, vamos pro TOCO, é maravilhoso, tu vai gostar” e me falou um pouco do que era o Teatro do Oprimido. Comecei a fazer minhas próprias buscas e dentro disso eu me identifiquei muito nessa questão tanto minha pessoal, que eu acho que é rever as minhas opressões e também ver essa coisa de onde estou sendo oprimida, porque eu acho que isso também tem muito a ver com a gente, pra gente também falar. Eu acho que é uma ferramenta maravilhosa porque ela se encaixa em todos os contextos então vai em qualquer ambiente, vai poder ser trabalhada. Não exclui de nenhuma forma ninguém, acho que isso que é brilhante.

Jaspe – Eu sou o Jaspe, acho que todos aqui me conhecem. Entrei em 2015. Eu conheci o TOCO em 2016, cheguei a vim à um ou dois encontros, se não me engano. Até então eu não conhecia o Teatro do Oprimido muito bem, mas quando eu vim no primeiro encontro eu me identifiquei bastante, até mesmo por vivências minhas. Eu saí naquele dia sabendo que eu queria ficar. Aquele eu dia eu tive como uma tarde de experiências, como se eu tivesse tido uma experiência naquele dia fora do comum, digamos assim. Daí aconteceu de ter que ir embora e quando eu voltei, no ano passado, já voltei direto para o TOCO e fiquei. Me identifiquei bastante por acreditar na idéia do TOCO, na idéia do Boal, acreditar na transformação do cidadão, no objetivo do método.

Pérola – Oi gente, eu sou a Pérola, entrei na faculdade em 2015. Ouvei falar do TOCO acho que um ano depois que eu entrei e me interessei muito porque o que chegou até mim foi que era um projeto que combatia opressões. Então eu pensei: “cara, o mundo precisa disso: menos opressão.”. E eu queria muito conhecer como faziam isso, como que funcionava e tal. E aí quando eu entrei eu demorei um pouco

pra perceber o real objetivo, que é focado na comunidade. O Teatro do Oprimido, o que a gente faz aqui é focado na comunidade e principalmente porque o Boal e o Freire vêm para a classe mais oprimida de todas. Acho revolucionário, acho que pode mudar muitas coisas, acho muito bom a gente ter essa possibilidade e principalmente dar seqüência a esse trabalho que é uma coisa muito importante. Então, não desacreditar, sabe? Estar presente e ser político. É um teatro totalmente político, então, vem me abrir o olhar pra talvez uma modificação nas crianças, através de um ensino. Porque eu via o ensino antes como uma coisa muito: “meu, não quero ser professora” e hoje em dia política é difícil, conversar com as pessoas é difícil. Algumas pessoas têm a cabeça tão fechada, tão batendo na mesma tecla, vão tanto com os outros que por mais que você fale a pessoa não vai te escutar, sabe? Então eu acho que através de uma educação, de você abrir a cabeça de uma criança para várias coisas, dar visões diferentes pra ela, talvez no futuro essa realidade possa mudar. Então vejo muito o TOCO como política mesmo... gosto muito.

Anexo B

Transcrição da fala dos alunos participantes do Oficinação do TOCO 2018

Esmeralda – Meu nome é Esmeralda e eu tenho 21 anos, estou no quinto semestre. Eu já tinha tentado entrar no TOCO no ano passado tanto que eu falei com a Fabi [Fabiane Teajada, orientadora do projeto], mas tipo, ela falou que apareceu muita gente na mesma semana e optou por fazer a seleção (que está acontecendo agora). Eu tenho bastante interesse tanto no Teatro do Oprimido quanto na extensão e esse é um projeto que reúne os dois. Até então, o que eu tinha visto de extensão (que não era extensão, era o PIBID) foi uma coisa que me deixou decepcionada pelo contato que parecia que, tipo, não estava sendo tão eficaz quanto eu pensaria. Aí eu conheci o “Vivências Teatrais em Escolas”, que é levar oficinas para as crianças lá do Getúlio Vargas Municipal e eu vi o efeito mesmo, que a universidade estava saindo daqui de dentro da universidade e estava entrando numa escola e fazendo algo. O TOCO pra mim interessa mais porque é uma coisa que, a meu ver, vai propor uma reflexão maior sobre N coisas, porque com as crianças a gente vai fazer as oficinas, vai fundamentar, vai dizer “isso é por isso”, mas eu não vou botar essa criança pra pensar politicamente porque é um ambiente muito conservador que elas vivem, a gente tem umas barreirinhas que estão impostas ali que a gente não pode quebrar. Eu acho que o TOCO é a oportunidade de fazer isso. E é isso, estamos aqui!

Rubi. – eu sou o Rubi, também sou do quinto semestre. Eu não conhecia o projeto “Teatro do Oprimido”, ou a Estética “Teatro do Oprimido”, ou o Projeto TOCO antes de entrar pra faculdade. A minha primeira experiência foi quando veio o pessoal de Santa Maria pra universidade, acho que bem no início quando eu entrei, talvez uns dois anos atrás. Quando eu participei daquele evento, fiquei encantado. Depois quando a gente começou a ver a teoria, cada vez eu estava vendo que precisava “gente eu preciso por isso em prática, como que eu posso por isso em prática?” aí foi que eu soube do toco, quando comentou na aula depois também. Acho que é um projeto de extensão que supre realmente dotas as necessidades que eu vejo de sair da universidade pra fazer o teatro. Porque nos na aula a gente discute muito “Poxa, porque que a gente não vai pra comunidade? Porque que a gente não sai dos muros da UFPel? A comunidade está aqui do lado, porque que a gente não expande isso? Porque que a gente não traz eles também?” isso a gente sempre discute muito em sala de aula. Eu acho que o TOCO é uma ótima forma de fazer isso acontecer.”

Jade– Oi pessoal, meu nome é Jade. Eu estou no TOCO porque eu já conheço o trabalho, né? As minhas amigas sempre falavam do trabalho do TOCO e com o professor Armando foi a primeira vez que eu tive contato com Paulo Freire, né? Aqui no curso da Ufpel em Fundamentos Filosóficos, né? Professor Armando diz que era amigo de Paulo Freire. Me interessou muito essa causa da pedagogia, inclusive tem um trecho que o Paulo Freire ensina/alfabetiza o empregado dele que é um senhor que já tem mais idade, né? Então, nisso tudo já começou minha paixão dentro da academia por Paulo Freire. O Teatro do Oprimido então, só de falar já me arrepiava porque o meu sonho é trabalhar contra as opressões (sem se tornar o opressor). Acho que Paulo Freire já dizia que o oprimido muitas vezes se torna opressor, né? Então a gente tem que ter muito cuidado de saber se expor, como falar, debater assuntos que são ainda muito... porque existe a moral e a ética, né? Então têm assuntos ainda que puxam muito pro lado moral da sociedade, mas o moral muitas vezes não é o correto. Assim como existem leis que não são corretas e a norma vai contra a lei também. Por exemplo, tem leis que nos beneficiam e tem leis que nos prejudicam, né? Agora, eu sou militante LGBT, principalmente de pessoas transgeneras, que nascem com o gênero desconforme (que não se conformam com o gênero imposto ao nascer) então me identifico muito com o TOCO. Boal pra mim, trabalhar na comunidade, trabalhar com a comunidade, para a comunidade como a

gente já veio aprendendo nas pedagogias e agora no estágio também. Então a gente colocando tido isso em prática... O TOCO vem pra agregar esses valores de humanidade principalmente, de se colocar no lugar do próximo: dos alunos, dos professores e de toda uma sociedade que é excluída. Nós vivemos em uma conjuntura política muito grave, no momento. Uma conjuntura política que a gente não sabe se vai poder sair na rua e se vai voltar. Então nós somos a resistência (eu trouxe até o texto do Boal que ele fala do pensamento simbólico e o pensamento sensível) somos a resistência dessas pessoas que tentam nos oprimir, mas nós vamos com amor. Quanto mais tentam nos excluir, nos desumanizar, nos assassinar. Eu que trabalho com estatísticas de mortes é muito duro pra mim ver “por que essas pessoas sentem tanto ódio por pessoas que só vivem a sua vida?”. Porque talvez seja o espelho: as pessoas não aceitam a gente ser diferente. Porque o problema em ser diferente não está na pessoa que é diferente, o problema está na pessoa que está vendo e não está aceitando, né? Então a gente tem que estar sempre lutando contra essas opressões de uma forma didática, pedagógica dentro da universidade. Também no legislativo, também no executivo, também no judiciário, ocupar todos os espaços pra quebrar esses paradigmas. As vezes muitos de vocês nunca tiveram contato com uma pessoa transgenera. Essa é uma fala minha, que já sei que tem pessoas que nunca tiveram contato, nunca tiveram oportunidade de conversar. Então ainda tem aquele estereótipo de que, infelizmente, nós somos a classe mais vulnerável, a classe que é mais descartada, a classe que é demonizada pela igreja evangélica fundamentalista pentecostal, a classe que é marginalizada, a classe que está 90% na prostituição, a classe que está 0,02% dentro das universidades, nós somos a classe que é expulsa de casa com 12 anos de idade quando exteriorizam a sua identidade de gênero feminina ou masculina. Então é resistência, é resistência, né? É por isso que eu quero estar aqui nesse grupo, agregar vocês também a essa luta, a essa batalha que vai além da batalha de gênero, mas também a batalha de sociedade, de todos iguais, de nós todos nos respeitarmos o espaço do próximo. É isso gente.

Citrino - Oi, eu me chamo Citrino e eu vim pro TOCO, acho que, primeiro porque eu gosto da Fabi [Fabiane Teajada, orientadora do projeto], que é a professora que eu mais me identifico, e segundo porque eu... como tinha dito o Rubi, a gente vive muito aqui dentro dos muros da UFPel, a gente não tem conato com ninguém... e eu acho

que é uma coisa muito importante pra mim agora sair um pouco da sala de aula (eu e o professor) e ir mais pra ter contato com a sociedade, com a comunidade. E essas questões de opressão são coisas que me deixam bem triste. Então eu quero viver mais isso, quero ir mais para fora.

Coral – Oi gente. Meu nome é Coral, eu sou do terceiro semestre do Teatro. Eu acho que de todos que falaram eu sou a que tem menos objetivo definido. Mas era porque na verdade eu não conhecia o grupo. Eu já tinha ouvido falar mais não sabia o que era. E aí o que que acontece? Tem um ano que estou em Pelotas. E tudo bem... o primeiro ano eu quis ficar mais relaxada mesmo porque eu recém saí de uma realidade do colegial pra faculdade, já é um ritmo diferente. Fora que minha vida literalmente mudou da noite pro dia porque eu mudei pra uma cidade totalmente diferente, uma cultura totalmente diferente, estou longe dos meus pais, na época eu ainda não tinha amigos aqui. Então eu deixei esse primeiro ano para eu simplesmente vir e ver como eu ia reagir a isso. Aí agora já a partir do segundo ano eu já estou definindo mais o que eu quero, o que eu quero tirar aqui da cidade pra mim, pra agregar não só em questões acadêmicas mas além disso. E uma das coisas que eu percebi também, que eu até identifiquei com o L. sobre isso, era que... lá no Rio quando eu trabalhava com teatro eu tinha um contato maior com a comunidade, com a realidade que eu tinha ali... acho que era porque eu sou nativa de lá, vivi lá, cresci lá, morei lá uns bons anos, então eu já conhecia e era mais fácil quando eu colocava o teatro e comunidade porque eu sabia o que estava falando. E quando eu vim aqui pra Pelotas eu percebi isso, que eu não conheço Pelotas. Eu estou aqui há um ano e eu não conheço nada. Outro dia eu estava conversando com uma menina das ciências sociais e ela estava me dizendo que, infelizmente, aqui em Pelotas ainda tem alguns bairros que tem uma grande... como eu vou dizer? É como se fosse um arpaitaid. Tem um bairro que é só de brancos e outro que é só composto por população negra e se você é negro e você vai para esse bairro que é composto por uma maioria de brancos ou você é empregada ou você é prostituta. E eu fiquei assim: “gente eu não conheço”. E essa menina, ela é negra também e ela falou “olha, fui fazer pesquisa de campo lá e chegou um senhor pra mim e disse com veemência que eu era uma prostituta. Precisou uma professora minha intervir, falar ‘não, ela é uma aluna da universidade federal’”. E o senhor ficou pasmo porque ela era mulher negra e estava dentro de uma universidade federal. E eu fiquei assim:

“gente, eu não conheço essa realidade, eu estou há um ano em pelotas e eu não conheço essa realidade.”. E eu senti muita falta disso, sabe? Parece que eu vim pra pelotas pra estudar teatro, mas além de não consumir o teatro de verdade que a comunidade tem a me oferecer eu também não estou dando retorno pra isso porque a gente está em uma universidade federal, então a gente está aqui pra aprender, mas também dar o retorno pra essa cidade que ta nos acolhendo. Então eu to sentindo muita necessidade de conhecer, ver essas crianças. Eu vejo gente do teatro que já está em estágio e eles me contam um pouco da experiência. E eu fico assim: “nossa, que legal! Eu quero conhecer isso!”. E aí, por um acaso, eu vi postagem do G. sobre a questão do TOCO e aí eu fui perguntando pras pessoas: “O que que é isso? Eu já ouvi falar, mas eu não sei” e aí me falaram “Eles interagem bastante com a comunidade e tal... se é isso que você quer eu acho que é bom você ir lá.”. Mas eu não sabia muito, eu sabia que vocês trabalham com o Teatro do Oprimido, mas não sabia exatamente com o que e como. Eu vim pra cá hoje mais pra conhecer e ver se realmente é isso que eu quero pra me agregar nessa parte. Pelo visto acho que, né? (risos).

Fabiane – Antes de passar para os TOCOmanos e TOCOminas antigas eu só queria dizer a todo mundo que falou: assim, foi riquíssimos, acho que teve muita identidade conosco mesmo, é isso aí. E agregar assim, quando a Jade. tava falando eu estava pensando que, pra nós é muito importante pessoas que estão em um lugar de fala de grupos oprimidos. Tipo a Jade, que se coloca em defesa e é uma militante dos transgeneros,LGBTs. Pra nós é uma riqueza, Jade., pra esse projeto tu estar conosco. Porque a gente precisa que tenham pessoas, claro, já estava o Ágata aqui que também fala desse lugar e outros. A própria cena-fórum aquela vez também tratava muito dessa questão de gênero. Más, quanto mais, melhor, porque também é mais fácil da gente lidar e debater e permitir... se aproximar desse lugar e poder ser mais eficaz mesmo, como projeto quando a gente vai tratar com essas opressões nos grupos. Quando esses grupos também vêm no projeto alguém ali que eles olham e se identificam é outra coisa, né Ágata? A gente via quando eles entravam na cena que o filho era rejeitado pelo pai porque o pai era homofóbico e aí essas pessoas ficavam a fim de ir, porque “ai, já passei por isso, já senti isso na minha casa” e entravam na cena. Vocês viram isso, o Rubi viu isso também aquele dia que a gente apresentou a Cena-Fórum pro pessoal de Santa Maria, né? E isso

pra nós é que a gente vê que é importante o TOCO continuar, que é importante o TOCO seguir, que a gente vê o papel do projeto. Quando isso realmente acontece.

Anexo C

Transcrição encontro do dia 16/07/2018

Pérola – Meu nome é Pérola. Esse encontro em específico eu achei muito especial, que é uma coisa que eu sempre quis que acontecesse: o pessoal se reunindo assim na minha casa, no ambiente que eu vivo. Pessoal que são muito importantes pra mim. Esse encontro abordou muitos temas importantes, tanto pra mim quanto pro grupo e pra sociedade em geral, eu acho. São temas que acontecem, que muitas pessoas não conseguem debater sobre, muitas vezes. Eu acho super importante que a gente consiga de alguma forma tratar sobre esse assunto, colocar opiniões sobre ele... sobre eles.

Ágata – Eu sou o M. Eu estou no TOCO já desde 2015, esse é o meu quarto ano do TOCO. O encontro do hoje foi muito positivo pra mim no sentido de que a gente conseguiu trocar idéias sobre várias opressões que nos circundaram, ou que nos atravessaram de alguma forma, tanto ressentidas quanto da nossa infância. Foi um momento que criou condições para que a gente pudesse trocar essa idéia, um espaço de confiança porque não é em todo lugar que a gente se sente a vontade e com espaço pra trocar deíia sobre as opressões que a gente sofre ou sofreu. Então, essa coletividade que se dá muito nessa confiança. E eu acho que o TOCO, por trabalhar com isso, com as opressões, possibilita justamente... na minha opinião nunca trás resoluções prontas mas apresenta caminhos por onde a gente ir passando e talvez encontrando algumas chavezinhas que nos ajudam a despertar pra determinados processos que as vezes vão... de tanto ser silenciados na gente vão cristalizando. E acho que é muito disso... esse espaço tem que ser esse mesmo: de confiança e que a gente possa sentir esse lugar como um lugar onde a gente vai compartilhar as nossas opressões e mais do que isso, vai estar se ensaiando pra pensar que “isso que eu sofro individualmente também é uma coisa muito coletiva e representa muitas outras Ágatas, muitas outras Pérolas e que bom a gente ta junto pra poder que a trajetória da Jade se aproxima com a minha então me fortalece, a da Safira se aproxima com a minha então me fortalece. Que sejam sempre as nossas molas propulsoras. Acho que esse encontro tem muito a ver com isso

pramim... de vamos lá que dá, a gente passou pelo mais difícil já, estamos aqui então vamos fazer conhecimento disso, aprender com isso pra melhorar as nossas vidas e a de quem está com a gente.

Safira – Eu me chamo Safira. e eu acho que hoje... acho que também por ter um acontecimento recente, esse acontecimento recente de abuso que aconteceu comigo. E eu acho que foi muito importante porque eu falei isso numa roda com pessoas que não estão tanto no meu dia a dia, mas são pessoas com quem eu tenho muita confiança. Eu acho que o grupo... não sei se por ser o TOCO e a gente trabalhar com opressões, mas foi uma roda que eu senti muita confiança e como eu tinha dito antes e que eu achei muito importante: é preciso falar sobre essas coisas sim, a gente precisa trabalhar isso. Acho que quando a Pérola trouxe a cena dela isso não me ensinou, não me preparou, mas me fez pensar sobre isso antes então de alguma forma sim me deu... não uma preparada mas me ajudou a ter algo pro dia. Mesmo que na hora eu não tenha feito nada o meu consciente eu sei que já estava sendo um pouco trabalhado sobre isso. Então eu acho que hoje foi muito importante tanto nesse meu lado como alguém que sofreu um abuso e que precisa de forças coletivas, mas também como de quem sofreu abuso e não quer que isso aconteça com outras pessoas e que vai usar desse acontecimento pra mostrar que isso pode estar acontecendo com mais pessoas. Então não vamos deixar isso acontecer.

Berilo – Bom, eu sou o Berilo, eu participo do TOCO desde o primeiro ano da faculdade. Eu acho que sempre foi um crescimento pra mim em cada reunião, diferente independente da gente trabalhar a parte prática ou não, de fazer o exercício ou não. O Teatro do oprimido do Boal, acho que sempre a discussão gera novos conhecimentos... problematização de problemas diferentes que trazem outras visões. Acho que o relato da Safira. hoje, juntando com uma coisa muito próxima, muito parecida com o relato que a Pérola trouxe que a gente estava começando a criar cena... eu acho muito que confirmou, veio bater! Isso é uma coisa que, apesar de ser homem hetero, por eu estar um pouco antenado sobre a sociedade e conversar com mulheres... isso aí é uma coisa que a gente percebe que provavelmente aconteceu com 80, 90% das mulheres. Então é uma coisa muito comum. Eu acho que o fato de ter uma segunda ocorrência de uma situação muito parecida já se comprova isso. Eu acho que sempre, toda discussão que a gente

trásaqui faz eu perceber a mim de forma diferente, além de ter contato com outras formas de ver. Essa coisa que falaram hoje que não existe homem e mulher, que é uma construção social... que somos só corpos masculinos e femininos. Eu acho que é um trabalho muito forte que tem que fazer de autoconhecimento pra se libertar das coisas que a gente mesmo pega sobre tudo o que vem na sociedade pra gente conseguir enxergar as coisas de formas diferentes e respeitar as pessoas de forma devida.

Jaspe – Eu sou o Jaspe. Cada encontro tem um papel diferente, eu acho e o TOCO em si ele tem o papel de nos fazer pensar. Nos faz, muitas vezes, nos auto-analisar eu pelo menos sempre me pego pensando bastante em mim e coisas que já aconteceram comigo. É uma escala, cada degrau diferente do outro... a gente poder ir mudando, acrescentando nosso pensamento, agregando coisas pra nós e nós podemos agregar para os outros também. É por isso que eu gosto de estar aqui, de ouvir... compartilhar as vezes. Não falo muito as vezes porque eu gosto de estar ouvindo.

Jade – Meu nome é Jade, eu sou mulher transgenera, tenho 44 anos. Estou muito feliz de estar aqui participando desse grupo, desses colegas e amigos que me acolhem e que escutam. Eu venho trazer um pouco da minha experiência e ouvir também a experiência dos amigos e das amigas e dos amigos. A vida é tão rara e passa tão rápido. Agora eu me encontro aqui nesse momento, depois de ter passado tantas vicissitudes na vida, dentro de uma universidade com colegas maravilhosos que acolhem. Eu só tenho a agradecer por esse momento e agradecer pela vida, eu não me arrependo de nada que eu fiz na minha vida, tudo o que eu fiz foi por ser eu mesma de ante da sociedade que sempre me recriminou desde a infância. E agora, 2018 estar participando do TOCO... uma grande alegria. Espero poder deixar minha contribuição aqui com todas essas pessoas amáveis. (abraço coletivo)

Anexo D

EX TOCOminas

Madrepérola

Em 6 de fevereiro de 2010 foi a primeira vez que colocamos em prática o Teatro-Fórum , - assunto estudado nas aulas de Teatro na Educação III, ministradas por Fabiane. Deste dia até o final do curso, final de 2012, estive ativa no TOCO, que depois dessa aula virou projeto de extensão. Eu, Âmbar, Ametista, Jasmim e Canela, decidimos depois de fazer essa aula no Dunas, em uma mesa de bar, bem satisfeitos e realizados com o trabalho desse dia, criar o Grupo Teatro do Oprimido na Comunidade – TOCO ufpel.

“Eu me apaixonei por esse trabalho porque é o que eu procuro fazer no meu dia-a-dia, me colocar socialmente, como cidadão, não ficar só como espectador. Desde o início do curso a gente falava em teatro como uma ferramenta para a transformação social, mas ficava só na teoria. Pela primeira vez, a gente colocou isso em prática. Agora temos certeza que podemos fazer teatro e, ao mesmo tempo, ser transformadores sociais.” – trecho de entrevista que Madrepérola deu na época e me mostrou.

Até hoje coloco em prática atividades do Teatro do Oprimido. Não estou mais com regência de classe, mas enquanto estive, pratiquei muito teatro-fórum, imagem e jornal, e na coordenadoria também, já pratiquei teatro-fórum.

Na verdade não via o trabalho do TOCO como exigência, estava mais para minha atividade principal, por quase todo o tempo de TOCO, a mais leve, pois tinha o prazer em trabalhar no Dunas e Z3 com a comunidade.

São muitas lembranças, tem uma ótima: tinha um senhor no Dunas, que não era alfabetizado e um dia ele chegou e me contou que, por causa das aulas de teatro-fórum, ele tomou coragem e começou o EJA no turno da noite , assim vou usar suas palavras que eu nunca esqueci: “agora vou conseguir, pelo ao menos, saber qual ônibus que pego para casa, sem ter que perguntar.”.

Ametista – Entrevista

O TOCO é algo que toca, né? Você trabalhar com pessoas, trabalhando os próprios conflitos dessas pessoas, as situações de opressão que elas vivem no dia a dia e as vezes não se dão conta, isso é o que eu acho o principal, o mais importante. Pensar que não é só uma oficina, é algo que daqui a pouco pode fazer diferença na vida dela. Ela para pra pensar coisas que daqui a pouco não tinha.

- Qual foi o período que você participou do TOCO, mais ou menos?

Pois é... eu ia ler algum material antes de vir pra reavivar porque já faz tantos anos que eu não vou me lembrar bem, mas na página que nós tínhamos ali tem as datas, nos próprios relatórios fica mais fácil saber pela data. Foi ao longo de um ano, mas foram meses, não foi tanto tempo. Nós fizemos no Dunas que foi uma experiência... não, foi mais de uma vez na rua. E a gente fez oficina com as moradoras também, dentro ali do CEU Dunas. Agora não me lembro se foi tudo no mesmo dia ou não. Agente procurava criar, porque a gente criava a cenas a partir de problemas que a gente sabia mais ou menos que era comum nas periferias, estendeu? Que a situação de discriminação... discriminação em lojas, por exemplo, na hora de comprar uma coisa ser maltratado. Ou em casa o machismo com o próprio marido. Eram coisas bem corriqueiras, entendeu? Depois a gente fez durante algum tempo, a gente foi várias vezes na Z3. Eu acho que foi o trabalho que foi mais... que a gente chegou a desenvolver alguma coisa e era muito bacana. Nós éramos quatro: eu, Sodalita, Âmbar (que já morreu) e a Pequena (Madrepérola). E vinham bastantes pessoas, a maioria era mulher, mas as vezes tinha crianças e as vezes tinha homem junto e que eu achoque era bom pra verem... dava mais uma dinâmica na situação. Agente fazia tanto - o principal era o Teatro-Fórum, quase sempre era Teatro-Fórum – mas a gente fazia algumas coisas de Teatro Imagem... fazia uns exercícios antes pra interação. E era bom ver as pessoas realmente participando, entendeu? É uma coisa nova mas em geral elas jogavam, participavam mesmo.

- Quais contribuições você acha que participar do TOCO trouxe pra você, pra sua formação, pra sua vida não só profissional.

É... eu acho que mais é pra vida mesmo. Eu sou jornalista.

-Na época do TOCO você estudava jornalismo?

Não, eu já era jornalista. Na época do TOCO eu fazia faculdade de Teatro, mas já era jornalista e como jornalista já tenho uma curiosidade... muito curiosa pra tudo. Mas era mais essa questão social mesmo, a gente usar elementos do teatro pra tratar questões sociais, entende? Conscientização mesmo da opressão, isso que era o principal. Pra minha vida eu acho que acrescenta assim como ser humano. Tu ver, conviver com aquelas pessoas, conhecer um pouco mais a fundo a realidade delas. Porque a gente vive no nosso mundinho, a gente fecha a nossa casquinha, a gente não vai muito pra rua pra ver como é que outras pessoas vivem, né? Então nesse sentido o TOCO oportunizou também de ver um pouco mais o mundo, entendeu? De lembrar que existem outras realidades. Tem coisas que a gente fala “ah... imagina! Machismo ainda?” Tem! Se tu parar pra pensar – eu fiquei pensando depois – na minha família também tem, ainda tem muito machismo, entende? Mas na periferia as vezes é mais forte. Acho que é isso... foi bom, acho que todos nós que participamos guardamos memórias bem boas.

Sodalita:

Olha, pra mim a importância do TOCO foi muito grande. Através desse projeto, me afirmei muito como ser pensante e questionador dos problemas, das opressões, e da busca de conhecimento para a conscientização das mesmas. A consciência que do quanto podemos ser opressores em todos os âmbitos de nossas relações, seja familiares, profissionais, estudantis ou sociais, e que a linha entre o opressor e o oprimido é muito tênue. Podemos transitar entre elas sem percebermos conscientemente. Por isso a importância, é um exercício de reconhecimento tanto para nós que aplicamos os jogos quanto para quem joga.

Áudio: Bom, a lembrança que eu tenho lá do projeto são as melhores possíveis, não tem como. Porque assim, eu... não fui eu que ajudei a formar o grupo, que teve a ideia do grupo. A ideia do grupo foi em um bar lá na Z3, da Fabi, a Madrepérola, o Âmbar, e a Ametista. Porque eles tinham feito uma apresentação de uns exercícios do Teatro do Oprimido lá na Z3 e depois eles foram comer uns pastéis de camarão lá numa senhora que tem um restaurantezinho lá na Z3e conversaram da importância do projeto, de fazer um projeto assim... papapa, papapa e resolveram fazer: criar o TOCO. Depois a ideia, aí eu fui chamada. Então, quer dizer, eu to desde o início, eu só não estava nessa mesa desse primeiro dia. A partir daí eu já

tava, já fui convidada. Eram os mesmos integrantes. A Fabi como orientadora, ela que mandou o projeto pra universidade, essa burocracia toda e os integrantes do grupo: a Madrepérola, a Ametista, o Âmbar e eu. A partir daí as reuniões eram feitas lá na casa da Fabiane. Começou a aparecer muitas coisas pra gente fazer - fora o projeto que foi feito a convite da Margarida, que é uma pedagoga, ou assistente social lá na Z3 a quem foi apresentado, ou ela estava junto no dia da tal mesa de bar lá... não lembro. Ela curtiu e pediu pra que fosse feito esse trabalho lá na Z3, com as mulheres da Z3, com as mulheres dos pescadores porque lá tem muito problema de pressão. É um lugar machista, extremamente pobre, onde tem todos os tipo de opressão e mais vezes as pessoas não se dão conta ou não sabem como resolver as coisas.

Desse projeto, as melhores lembranças são as mizade, né? Eu, a Ametista e o Âmbar, nós não nos desgradamos nunca mais. O Célio já faleceu faz três anos, fez três anos agora e a gente ficou muito, muito amigo. A Fabi, a gente se dá com ela, até hoje se dá muito com ela. Agora, outra coisa muito importante fora isso, a amizade, é o seguinte – esses tempos estava pensando nisso – se ouve falar muito noempoderamento feminino, né? Empoderamento Feminino! Naquele projeto, naqueles exercícios que a gente fazia é nítido. Tu vê o empoderamento feminino, sabe? Aquelas mulheres quando chegavam: muito tímidas e acanhadas, “o que que eu to fazendo aqui? Ai que vergonha...”. aí conforme vai indo, conforme tu vai jogando, conforme tu vai mostrando as coisas pra elas e conforme elas vão se reconhecendo naquelas opressões, elas vão se apoderando, cara! Elas iam tomando força, sabe? Um empoderamento humano, porque era com mulheres mas as vezes apareciam uns senhores e eles também se reconheciamnas suas machezas, nas submissões que eles faziam as mulheres se submeterem. Cara, era muito louco, muito louco mesmo e tudo isso tu aprende, né? O tu aprende tu leva pra vida e o que tu leva pra vida tu leva pra os outros também. Agente leva mais gancho, pra pular mais situações que fossem despertar mais empoderamento nas outras pessoas, não só das mulheres, mas dos homens também. Tu de reconhecer é importantíssimo e tu te conhecer é importantíssimo. Aí tu tens opoder de mudar, o poder da mudança. Isso é bárbaro, esse projeto foi bárbaro pra minha vida.

Anexo E

Músicas

Roda Viva- Chico Buarque

Tem dias que a gente se sente	O tempo rodou num instante
Como quem partiu ou morreu	Nas voltas do meu coração
A gente estancou de repente	
Ou foi o mundo então que cresceu	A roda da saia, a mulata
A gente quer ter voz ativa	Não quer mais rodar, não senhor
No nosso destino mandar	Não posso fazer serenata
Mas eis que chega a roda-viva	A roda de samba acabou
E carrega o destino pra lá	A gente toma a iniciativa
	Viola na rua, a cantar
Roda mundo, roda-gigante	Mas eis que chega a roda-viva
Rodamoinho, roda pião	E carrega a viola pra lá
O tempo rodou num instante	
Nas voltas do meu coração	Roda mundo, roda-gigante
	Rodamoinho, roda pião
A gente vai contra a corrente	O tempo rodou num instante
Até não poder resistir	Nas voltas do meu coração
Na volta do barco é que sente	
O quanto deixou de cumprir	O samba, a viola, a roseira
Faz tempo que a gente cultiva	Um dia a fogueira queimou
A mais linda roseira que há	Foi tudo ilusão passageira
Mas eis que chega a roda-viva	Que a brisa primeira levou
E carrega a roseira pra lá	No peito a saudade cativa
	Faz força pro tempo parar
Roda mundo, roda-gigante	Mas eis que chega a roda-viva
Rodamoinho, roda pião	E carrega a saudade pra lá

Roda mundo, roda-gigante
 Rodamoinho, roda pião
 O tempo rodou num instante
 Nas voltas do meu coração

 Roda mundo, roda-gigante
 Rodamoinho, roda pião

O tempo rodou num instante
 Nas voltas do meu coração

 Roda mundo, roda-gigante
 Rodamoinho, roda pião
 O tempo rodou num instante
 Nas voltas do meu coração

A gente pode mudar - Monica Besser

A gente pode mudar
 A gente pode mudar a gente
 A gente pode mudar
 A gente pode mudar o nosso mundo

 Cada um que muda faz um bem
 Cada um que muda faz bem pra todo mundo
 Cada um que muda pode mudar o mundo
 Cada um que faz o bem muda o mundo

 Comece mudando
 Fazendo bem sem ver a quem
 começo a mudança
 quando que eu quero é fazer o bem

 Agente pode aprender a amar
 Agente pode curar amando muito

Agente pode curar o nosso mundo
 Agente pode com arte mudar o rumo...

 Agente pode se acabar assim
 Agente pode se extinguir do planeta
 Temos que resgatar os valores
 E amar acima de tudo a natureza
 Amar acima de tudo à toda vida
 Amar acima de tudo à liberdade
 Amar acima de tudo à verdade
 Que deste mundo não se pode levar nada...

 Agente deve mudar
 Agente muda ou se muda pra outro mundo
 Agente pode mudar e ficar
 Agente só vai ficar se mudar muito

Cada um que muda faz um bem

Cada um que muda faz bem pra todo mundo

Cada um que muda pode mudar o mundo

Cada um que faz o bem muda o mundo

Agente pode mudar

Agente pode mudar a gente

Agente pode curar o nosso mundo

Agente pode com arte mudar o rumo...

Agente pode mudar

Agente pode mudar a gente

Agente pode curar o nosso mundo

Agente pode pra Marte mudar o rumo!